Identidade Jovem:

Incentivando o Protagonismo Responsável

Fundação Antonio Meneghetti
Pesquisa Científica Humanística Cultural Educacional

Coleção FANCIULLO

Coleção

FANCIULLO

Identidade Jovem:

Incentivando o Protagonismo Responsável

Coleção FANCIULLO

Conselho Editorial
Any Rothmann

Organizador
Fundação
Antonio Meneghetti

Revisão
Patricia Michelotti
Nátaly Bianchini de Lima

Ilustrações internas
João Pedro da Silva Pereira

Editoração e Projeto Gráfico
Ana Carolina Marzzari
Designados

Equipe responsável
Patricia Michelotti
Fernanda Pedroso

Arte da Capa
Eduardo dos Reis

Impressão
LupaGraf

F981 Fundação Antonio Meneghetti

Identidade Jovem: incentivando o protagonismo responsável / Fundação Antonio Meneghetti – Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2020.
185 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-68901-26-7

1. Juventude. 2. Psicologia aplicada. 3. Liderança.
I. Título.

CDU: 159.98

Catalogado na publicação: Biblioteca Humanitas da AMF.

© 2020 Todos os Direitos reservados à Fundação Antonio Meneghetti
Rua Recanto Maestro, n. 26 | Distrito Recanto Maestro
97230-000 | São João do Polêsine | RS | Brasil | (55) 3289-1136
contato@fundacaoantoniomeneghetti.org.br
www.fundacaoam.org.br

Sumário

A Fundação Antonio Meneghetti 9

O projeto Bolsa Identidade Jovem 11

Carta ao Leitor 12

Eu consigo fazer isso! 15
A Magia do Salão 19
Joca Tintim, o Destemido 27
O verdadeiro valor 33
A comida de Théo 39
Reclamar ou Reagir? 45
Em busca da Liberdade 51
Acredite em você, no seu Sonho 57
Marma-Duque, o temido 61
Futebol para todos 67
Reconectando-se 73
Docinhos de Abóbora 79
Sementes de um Sonho 87

As minhas estrelas no Céu 93
O tesouro do Arco-íris 99
Um novo motivo para Sorrir 105
Super ECA 111
Um sonho para Todos 115
Salvando o verão de Carlos 121
A escola dos sonhos de Júlia 127
Transformando o medo em Paixão 133
Para onde vão as folhas quando caem? 139
Resgatando a alegria de Viver 145
Cada resíduo em seu Lugar 149
Um plano para a Conquista 153
O dia do Campeonato 159
O fenômeno na Cozinha! 163
Insetos não se transformam em Flores 169
O mundo azul de Breno 173
O novo olhar de Álvaro 177
Como qualquer Criança 183

Sobre o Ilustrador

João Pedro da Silva Pereira é aluno de Sistemas de Informação, tem 19 anos e é natural de São Gabriel - RS.

FUNDAÇÃO
ANTONIO MENEGHETTI

PESQUISA CIENTÍFICA HUMANISTA
CULTURAL EDUCACIONAL

A Fundação Antonio Meneghetti

A Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica, Humanista, Cultural e Educacional foi criada em 29 de janeiro de 2010, pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti, que teve, em vida, a intenção de preservar o patrimônio físico e intelectual de sua obra. Ele definiu como prioridade de existência da Fundação a educação, o incentivo à cultura e à pesquisa. A instituição incentiva e promove esses três pontos por meio de Programas: Culturais e Educacionais, Difusão da Ontopsicologia e Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro.

Todos os Projetos estão fundamentados nos preceitos da Ciência Ontopsicológica com os trabalhos que enfocam a Cultura Humanista, a qual vê o homem como ser capaz de realizar um desenvolvimento integral da própria vida. Por isso, todos os Projetos, apesar de atuarem em diferentes áreas, se complementam e andam juntos para a formação dos seus participantes, determinando, em consequência, uma sociedade humanamente melhor.

Desde 2015, os Projetos intensificam o apoio aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). No ano de 2018, a Fundação Antonio Meneghetti tornou-se membro em status consultivo junto ao ECOSOC (Conselho Econômico e Social da ONU) sendo agora apta a oferecer informações especializadas sobre os temas nos quais é competente, dentre tantas outras responsabilidades.

A produção deste livro vai ao encontro dos objetivos da FAM, que englobam o estímulo contínuo e inovador de crianças, jovens e adultos a fim de desenvolverem-se nos diversos aspectos humanos para serem protagonistas responsáveis dentro da sociedade.

identidade Jovem

O projeto Bolsa Identidade Jovem

O Projeto Bolsa Identidade Jovem é um investimento da Fundação Antonio Meneghetti na qualificação profissional da região e, principalmente, um voto de confiança em cerca de 300 jovens, individualmente, por ano. Por meio de uma seleção, alunos com mérito recebem um auxílio de 40% no valor de suas mensalidades, concedidos pela Fundação. A Bolsa Identidade Jovem é um fator decisivo, essencial e inclusivo para que muitos alunos possam realizar o sonho de ingressar e concluir o Ensino Superior.

Historicamente a Bolsa Identidade Jovem tem sido responsável pela manutenção de grandes talentos nas cidades da Quarta Colônia de Imigração Italiana e região. Além da formação em nível de graduação, o Projeto oferece uma formação complementar para os alunos bolsistas. De maneira típica, o Programa de Formação Universitária Básica é composto por atividades de Língua Portuguesa, Educação Financeira e Empreendedorismo. Em 2020, porém, os bolsistas puderam trocar as atividades habituais da Bolsa pela possibilidade de escrever um texto narrativo, em formato de conto. Foi do trabalho dos alunos que optaram por essa modalidade que parte o resultado desse livro.

Durante o processo, os próprios Bolsistas escolheram a temática e trabalharam, individualmente ou em dupla, para entregar esse livro, que serve de inspiração a crianças e adolescentes.

Carta ao Leitor

Me apego a um clichê para dizer que é com muito orgulho que a Coordenação da Bolsa Identidade Jovem, no ano de 2020, entrega o Livro *Identidade Jovem: incentivando o protagonismo responsável* à Fundação Antonio Meneghetti e a toda a comunidade. Não é comum, no entanto, o que me faz ter esse sentimento.

Tenho orgulho do resultado que entregamos: 31 narrativas protagonizadas por crianças que, em seu dia a dia, aprendem e empreendem com o que têm. São histórias singelas, que poderiam – a parte a licença poética – ser vivenciadas por cada um de nós. O resultado são mensagens de força, persistência e dedicação que servem de exemplo a tantas crianças e jovens – principalmente quando falamos de uma realidade de comodismo e imersão em um mundo digital tão distante da realidade.

A força, persistência e dedicação também dos autores é mais um motivo de orgulho. No início de 2020, 36 jovens, entre 18 e 33 anos, aceitaram o desafio de escrever uma história para crianças, cientes de que passariam por uma rigorosa avaliação. Jovens que, em sua imensa maioria, nunca haviam escrito para crianças. Sem experiência em produção textual, alunos dos cursos de graduação da Antonio Meneghetti Faculdade, tiveram de adaptar-se ao tipo textual narrativo e contar uma história do gênero conto. Entre muitas escritas e reescritas, troca de ideias, recomendações de leitura, julgo que chegamos a um resultado que permite chamá-los de escritores!

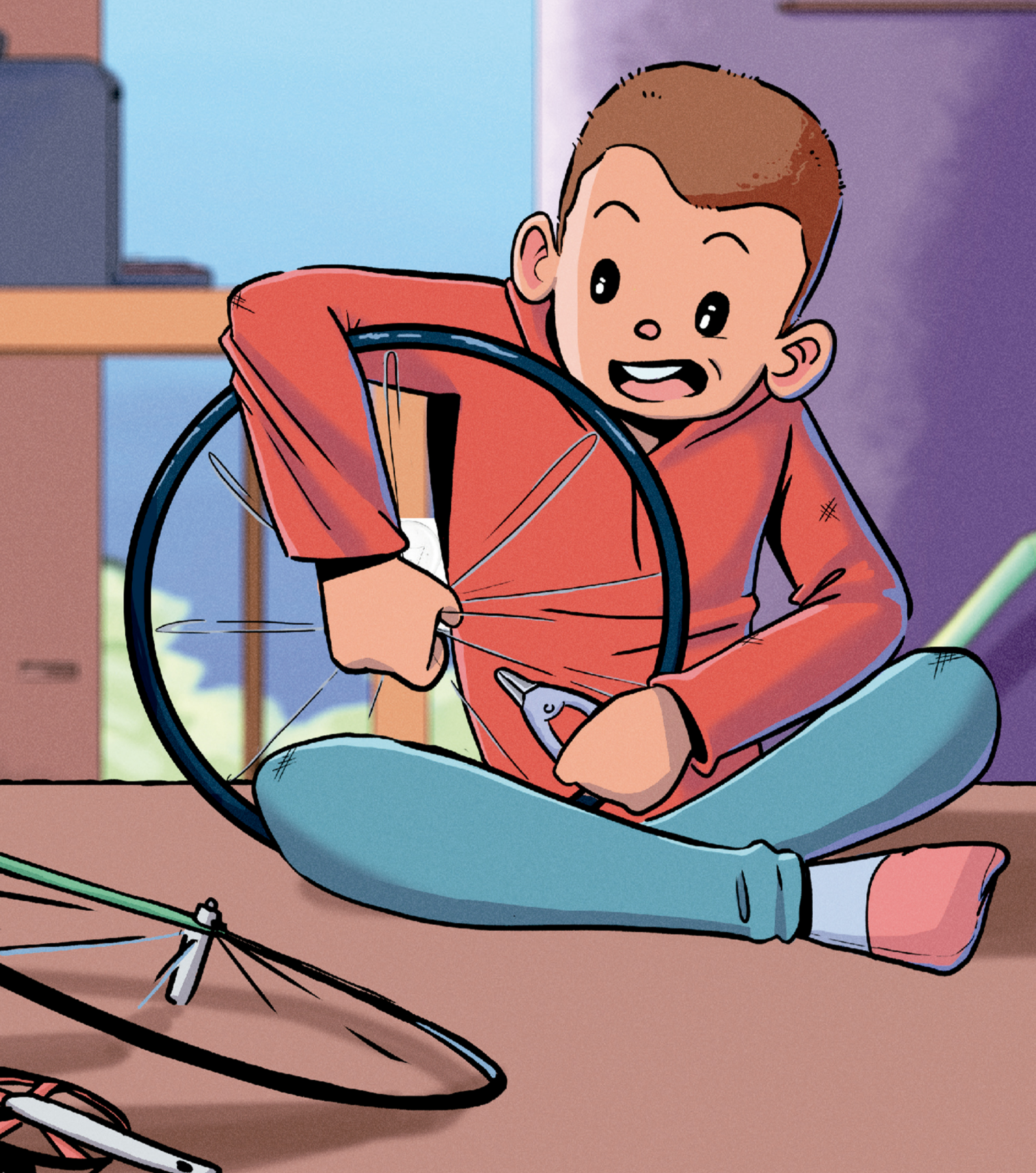
Também me enche de orgulho a diversidade dos alunos que enfrentaram esse desafio, retratada nas tantas histórias aqui apresentadas. Crianças de realidades, etnias, origens e sonhos diversos ilus-

tram como nossos autores carregam, de maneira única, sua própria identidade no mundo. São muitos comunicadores que, por meio de muitas mensagens, trouxeram, em comum, a força e a vitalidade dos jovens que deixam a vida aflorar.

Em especial, me causa orgulho lançar esse livro em 2020: o ano que muitos gostariam de esquecer, anular, deixar passar. Incentivados pelas duas instituições que nos formam – Fundação Antonio Meneghetti e Antonio Meneghetti Faculdade – eu e eles, escolhemos, em meio a uma pandemia que assola o mundo inteiro, não parar. Nossos jovens não se recolheram e esperaram "tudo passar". Eles se resguardaram, reforçaram seu corpo e sua inteligência e entregam agora, a quem desejar ver, um trabalho digno, forte e belo!

As narrativas de protagonismo e responsabilidade dos personagens são, assim, a metáfora que faz ver como os nossos jovens, alunos da Antonio Meneghetti Faculdade, se posicionam diante de suas próprias vidas!

Patricia Michelotti
Coordenadora do projeto.



Eu consigo fazer isso!

Por Arthur Dahlen

Em uma casa no interior de uma cidade, morava Bernardo, um menino de 10 anos, e seus pais agricultores. Bernardo adorava andar de bicicleta com seus amigos, Flavinho e Vinícius, pelas pequenas trilhas que passavam pelas casas da localidade onde eles viviam. Eles passavam horas por dia andando em suas bicicletas. O problema era que frequentemente alguma delas estragava e precisava ser levada para alguém que sabia arrumar. Porém, ficava um tanto quanto longe de onde eles moravam e os pais de Bernardo não tinham como ir e pagar pelo conserto da bicicleta dele sempre.

Em uma tarde em que eles estavam pedalando, a bicicleta de Bernardo estragou novamente. Seus pais falaram que iria demorar alguns dias para irem para a cidade arrumar a bicicleta, ou seja, ele ficaria alguns dias sem andar com seus amigos.

— Ahh, por que isso acontece comigo? — questionou-se Bernardo.

Quando finalmente seu pai levou a bicicleta para arrumar, Bernardo estava junto. Ele viu o seu Jorginho, um senhor da oficina das bikes, arrumando a bicicleta, e pensou: "Humm, eu consigo fazer

isso, acho que meu pai tem essas ferramentas." Bernardo ficou muito pensativo, ficou vários dias imaginando como poderia fazer aquilo e quais ferramentas que seu pai tinha que ele poderia usar.

Quando a bicicleta de Vinícius estragou, ele pensou: "Vou perguntar se posso ir junto com eles, daí vejo o seu Jorginho arrumando a bicicleta novamente. Acho que vou levar um papel e uma caneta, assim posso anotar algumas coisas que ele faz."

Ele ficou muito animado com o que tinha visto e aprendido sobre como arrumar as bikes, ficou empolgado para consertar com as próprias mãos. Não demorou muitos dias e a bicicleta de Flavinho quebrou:

— Eu já vi o seu Jorginho arrumando isso, acho que consigo fazer também! — disse Bernardo, animado.

E lá foi ele! Pegou as ferramentas de seu pai, sentou ao lado da bicicleta e começou a desmontar o que estava estragado. Ele estava muito feliz, mas sua alegria não durou muito. Quando ele tentou resolver o problema e montar as peças de volta na bicicleta do Flavinho, teve dificuldades e o resultado não ficou bom: a bicicleta continuou estragada. O pai de Flavinho teve que levá-la a oficina novamente. Bernardo ficou chateado por ter fracassado, mas não se contentou com isso, foi junto até a oficina (mais uma vez) e ficou observando a resolução do problema.

Na escola onde eles estudavam iria acontecer uma gincana entre as turmas e uma das atividades seria uma corrida de bicicleta. Os três amigos ficaram muito empolgados, pois era algo que eles gostavam muito e tinham chance de irem muito bem. Eles estavam há vários dias treinando, preparando-se para a disputa.

Quando chegou o dia tão aguardado, eles se reuniram antes de

irem para o evento na escola e verificaram as bicicletas para ver se estava tudo certo, mas… A bicicleta do Vinícius estava quebrada. Vinícius ficou muito triste com a situação, pois ele estava há dias se preparando para o momento. Flavinho, vendo seu amigo desolado, perguntou a Bernardo se ele não poderia arrumar a bicicleta.

— Mas eu não consegui nenhuma vez, não vou conseguir agora... — comentou Bernardo, e continuou pensativo. Percebeu, no entanto, que não havia motivos para não tentar, além do medo de não fazer certo, e resolveu agir.

Ele correu contra o tempo, pois faltava apenas 1 hora para a prova, seus amigos já estavam pensando que ele não conseguiria novamente. Mas, alguns minutos antes da corrida começar, Bernardo terminou o conserto e Vinícius pegou a bicicleta para testar:

— Ela ficou perfeita! Parece nova!!! — aprovou Vinícius.

Enfim, todos foram juntos para a gincana, Bernardo ficou muito contente com o que havia feito, se superou e conseguiu ajudar seu amigo, mesmo depois de ter errado várias vezes.

Sobre o Autor

Arthur Henrique Dahlen é aluno de Administração, tem 19 anos e é natural de Mato Leitão - RS.

A Magia do Salão

Por Kelly Keity Cesar Rodrigues

Ana olhou pela janela da cozinha. O sol já se escondia no céu. Ela estava exausta, mas sentia-se imensamente feliz. Acabara de comemorar seu décimo aniversário. Enquanto observava o sol desaparecer completamente, relembrava os aniversários passados, todos foram comemorados com muita alegria, mas este superou suas expectativas. A casa estava toda enfeitada, todos os seus amigos estavam presentes e passaram o dia inteiro comendo guloseimas e inventando novas brincadeiras.

A casa onde Ana morava com os pais era mesmo apropriada para as brincadeiras, ficava em uma pequena cidade do interior, afastada de tudo, mas muito bonita, repleta de árvores frutíferas e de flores dos mais variados tipos. Todos os habitantes cultivavam muitas flores e Ana não era uma exceção. Sua pequena casa mais parecia uma floricultura.

Além de cuidar das flores, Ana gostava de visitar a professora Dolores, a quem carinhosamente chamava de vovó. A mulher realmente lembrava uma avó, tinha cabelos grisalhos, usava roupas discretas e

óculos de lentes bem grossas. Além disso, os avós de Ana moravam longe e o fato de Dolores frequentar sua casa fez com que se apegasse a ela. Dolores tinha sido sua professora no primeiro ano, mas o amor da menina não acabou com o final do ano letivo. Todos imaginavam que Ana procurava a professora porque ela lhe oferecia uns deliciosos bolinhos coloridos, como oferecia a qualquer criança que a visitasse. Somente Ana sabia que não era isso, suas visitas deviam-se aos bons conselhos e às maravilhosas histórias contadas por Dolores.

Ana jamais havia pensado morar em outro lugar, nascera e crescera na pequena cidade e aquilo era tudo o que a menina conhecia, era tudo que tinha e era tudo o que queria ter.

Até que certo dia seu pai adentrou a pequena casa onde moravam pulando de alegria.

— Amélia... Ana... corram aqui!

Ana e sua mãe largaram as flores que estavam plantando e correram para a cozinha.

— O que houve, papai?

— Olhem o que consegui! — exclamou o pai de Ana, agitando na mão uma folha que continha algo escrito.

A menina tentou ler o papel, mas seu pai se movia tanto que foi impossível, então perguntou o que havia acontecido.

— Recebi uma maravilhosa proposta de emprego e vamos embora para a cidade grande. O que você acha, Amélia?

— Acho ótimo — respondeu a esposa.

A garota correu para o quarto e caiu no choro, a vida para ela na pequena cidade era às vezes entediante, mas jamais havia pensado em sair daquele lugar que tanto amava, deixar para trás os amigos que cresceram com ela e sua mais querida vizinha, a professora Dolores.

Mas não teve escolha, seu pai lhe disse várias vezes que seria o melhor para a família, e mesmo contrariada a menina acabou aceitando a situação.

Ao partir, Ana viu pela janela do carro a cidadezinha ficando cada vez menor, até desaparecer completamente de sua visão. No banco da frente, sua mãe comentava empolgada sobre a cidade grande, somente Ana parecia não gostar da ideia de morar lá.

Na chegada, a menina não pôde negar que a casa era linda, ficava em um bairro de classe média baixa da cidade, mas era bem grande comparada com a pequena casinha enfeitada de flores onde morou a vida toda. A garota escolheu o quarto com vista para a rua, o enfeitou com as flores que trouxera da antiga casa e até gostou do resultado.

Passado algumas semanas, já estava na hora de Ana voltar a frequentar a escola. Seu primeiro dia foi bem solitário, como ela mesma já havia previsto. Na volta para casa a menina viu um grupo de colegas correndo em direção a um grande salão. Resolveu segui-los na tentativa de fazer amizade e, ao chegar no local, viu diversas crianças se divertindo. Algumas delas trajavam roupas diferentes, como roupas de balé e até fantasias. A menina ficou muito curiosa e resolveu entrar e ver do que se tratava.

O lugar era encantador, seu enorme espaço era dividido com cortinas coloridas, cada divisão tinha uma plaquinha com um nome diferente. Ana caminhou por entre os muitos espaços até ouvir um rugido estridente e de trás da cortina amarela sair um homem vestido de leão.

— Que lugar é esse? — perguntou a menina, encantada.

— É um lugar onde as crianças do bairro têm oportunidade de aprender a beleza das artes — respondeu o homem leão.

A menina soube imediatamente que aquele era seu lugar e então fez sua matrícula.

Os meses seguintes foram os melhores da vida de Ana, ela ia direto da escola para o grande salão e passava todo o tempo interpretando os mais diversos personagens no teatro, cantando com o coro do lugar e até mesmo fazendo sapateado. Mas o que Ana mais amava, sem dúvida, era o teatro, ela sabia que ali podia dar vida a quem quisesse e como quisesse.

Tudo parecia um sonho, até que um certo dia Ana chegou no grande salão e toda a alegria havia ido embora. O palhaço não gargalhava, a bailarina não dançava, o coro havia silenciado. O lugar parecia outro, a atual quietude não lembrava em nada o lugar festivo do passado. A menina perguntou o que havia acontecido e a resposta que teve lhe fez sentir uma enorme tristeza. O grande salão iria fechar, não podiam mais arcar com os custos para mantê-lo aberto e não havia nada que se pudesse fazer.

Naquele dia Ana voltou para casa aos prantos, cheia de tristeza e dúvidas no coração. Não era possível que não houvesse uma solução, quando morava na pequena cidade o que a vovó Dolores mais repetia era que tudo na vida tinha uma solução, só era preciso fazer a escolha certa.

Ana procurou se acalmar, ainda assim não conseguiu dormir a noite toda. Ficava imaginando como seria o bairro sem o grande salão. Nem ela e nem as outras crianças teriam mais onde passar as tardes, onde aprender sobre a cultura dos países, onde ser o que desejassem, onde gargalhar com as piadas do palhaço e dançar até seus pequenos pés doerem.

No dia seguinte, logo após a aula, Ana correu em direção ao gran-

de salão, já estava tão acostumada a ir lá todos os dias que simplesmente esqueceu que não havia mais grande salão, ele agora era só um lugar fechado, onde não havia sequer um pingo de alegria. A menina entristeceu-se ainda mais e tomou o caminho para casa. Foi quando passou por uma senhora que lembrava muito a vovó. Ela vendia pequenas maçãs do amor. A garota se aproximou da senhora e comprou uma maçã. Na primeira mordida sentiu o sabor do açúcar e o caramelo grudar em seus dentes. Sentou-se na calçada para terminar o doce, sabia que se fosse para casa ficaria entediada. Ali, pelo menos, podia ver a movimentação das pessoas que estranhamente sempre caminhavam apressadas. Quando mordeu a maçã pela segunda vez, como num passe de mágica, lhe surgiu a ideia que poderia salvar o grande salão.

Imediatamente, Ana correu para casa e encontrou sua mãe na cozinha.

— Mamãe, mamãe. Tive uma ideia para salvar o nosso salão!

— Qual? — indagou a mãe, curiosa.

— A senhora faz para mim aqueles bolinhos coloridos que aprendeu com a vovó Dolores?

— Claro, minha filha! Ainda bem que trouxe comigo a receita que a senhora Dolores me passou.

— Está bem. Vou vendê-los sempre depois das aulas.

Depois de prontos, os bolinhos exalavam um aroma delicioso e a menina os ofereceu para todo o bairro. Ao cair da tarde, já vendera quase todos, e até aceitou encomendas.

Na manhã seguinte, Ana contou tudo aos colegas que frequentavam o grande salão com ela. Todos ficaram animados e contaram como cada uma de suas mães faziam doces e salgados diferentes. De-

cidiram então que também iriam vender doces e salgados para ajudar o lugar que tanto amavam.

Desde esse dia, após as aulas, o bairro ficava repleto de crianças com diferentes tipos de lanches oferecendo para as pessoas, cada trocado que conseguiam era motivo de comemoração e alegria.

A notícia das vendas se espalhou e chegou até os professores que trabalhavam no grande salão, eles se uniram às crianças no intuito de ajudar a salvar o local. Outras formas de venda foram adotadas, agora também anunciavam os deliciosos doces e salgados em uma página criada na internet, e os lucros começaram a aumentar, assim como a esperança de todos. Em poucos meses o grande salão estava novamente aberto e coube a Ana dar um nome para ele. Ela escolheu chamar de "Centro Cultural Vovó Dolores", em homenagem a sua primeira professora, que sempre foi sua inspiração, assim como ela esperava algum dia ser para as outras crianças que irão usufruir do salão que ajudou a reerguer.

Os anos passaram, e para Ana e os colegas os assuntos estudados no salão não eram mais os mesmos. O balé não era feito mais só por diversão, se tornou mais elegante e o sonho de ser uma profissão entre muitas meninas e meninos que dançavam ali. O teatro tão adorado por Ana passou a encenar peças mais profissionais e de autores mais antigos e clássicos.

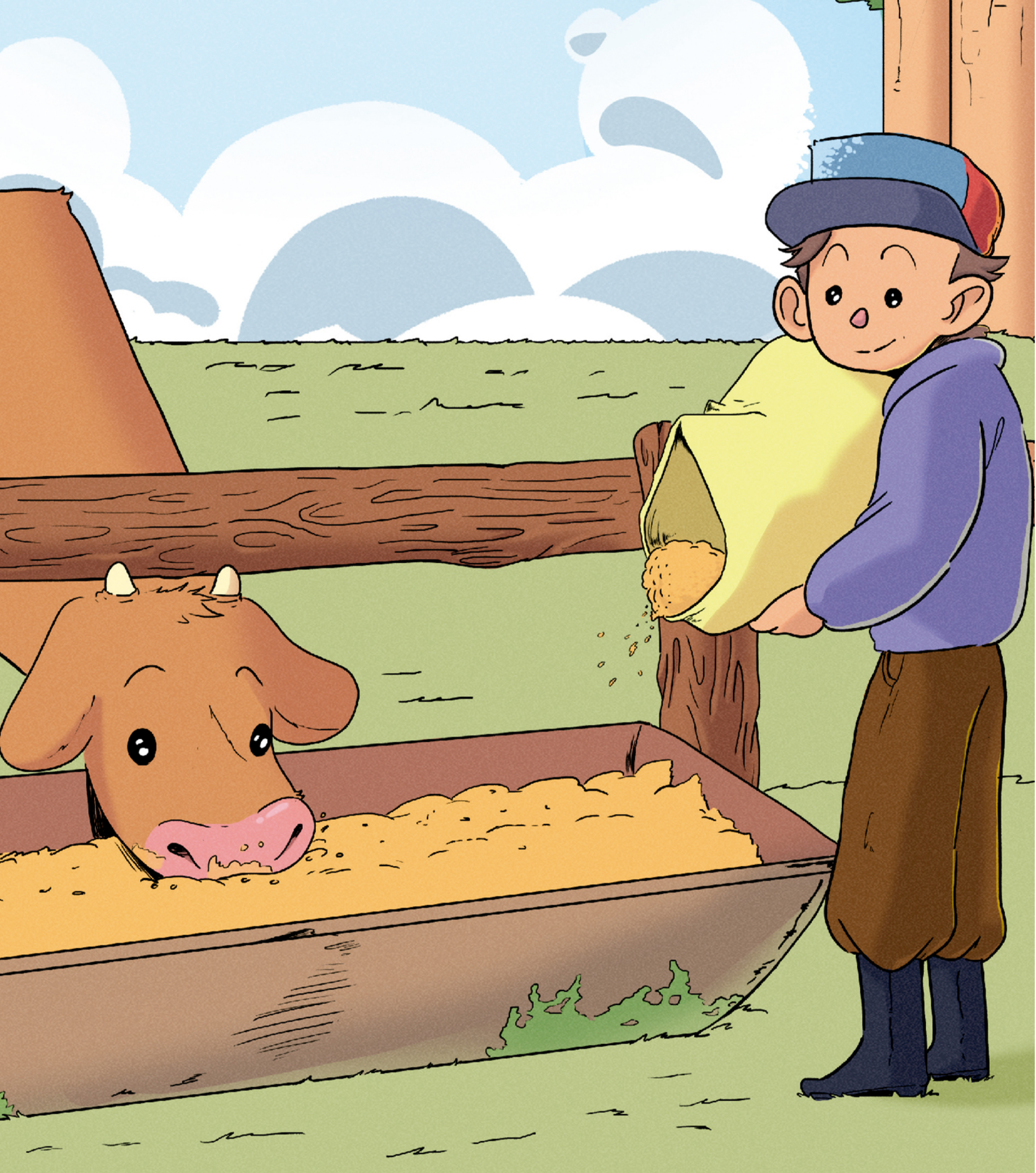
Ana concluiu o ensino médio no bairro que ela aprendeu a amar tão intensamente como amava a cidadezinha onde nascera, e notou que era hora de sair de sua zona de conforto e procurar por experiências novas. Inscreveu-se para uma faculdade na cidade vizinha e mudou-se no final das férias de verão.

A menina, agora uma jovem mulher com emprego fixo e no últi-

mo semestre de Pedagogia, jamais esqueceu como uma ideia colorida de criança pôde se tornar tão importante e salvar algo que tanto amava e que, agora, graças à sua ideia, dará oportunidade a outras crianças de sentirem também a magia do grande salão.

Sobre o Autor

Kelly Keity Cesar Rodrigues é aluna de Direito, tem 19 anos e é natural de Porto Alegre - RS.



Joca Tintim, o Destemido

Por Bárbara da Rosa e Greicy Siqueira Ribeiro

Era uma vez um menino muito esperto chamado Joca Tintim, ele morava com seus pais e seus avós em uma pequena casa, feita com restos de madeiras, em uma vila bastante pobre. Sua mãe era dona de casa e seu pai era catador de lixo. Pela questão financeira não ser muito boa, todos tomavam, diariamente, sopa com restos de ossos de frango com repolho, que a mãe de Joca preparava.

Todos os dias, no caminho para escola, Joca passava em frente a uma fazenda muito misteriosa, ela era muito escura, coberta por uma vegetação bastante fechada em sua fachada. Pouco se conseguia ver o que tinha lá dentro, com arbustos espinhosos, onde todos da vila tinham curiosidade para saber os motivos pelos quais aquele lugar era tão nebuloso e com aspecto triste, mas ninguém nunca teve coragem de entrar na fazenda para saber o que de fato acontecia dentro dela. Joca passava e observava a fazenda, às vezes, encontrava fazendeiros aborrecidos e apressados levando vacas para o curral.

O menino sempre questionava seus avós, com muita curiosidade, sobre aquela fazenda, porém a única resposta que sempre recebia era

“fique longe daquele lugar, Joca. De lá podem sair coisas inesperadas”. Joca nunca se conformava com essa recomendação dos avós. Apesar de todos terem medo de entrar na fazenda, Joca, muito explorador, sagaz e esperto, rapidamente fez um mapa de uma possível trilha para conseguir descobrir tudo o que acontecia na fazenda e desvendar o grande mistério. Com o plano finalizado, Joca convidou seus amigos para lhe acompanharem nessa grande aventura mas nenhum deles topou, pelo grande medo que toda a vizinhança vinha pregando desde sempre, então ele decidiu se aventurar sozinho.

Em um sábado, logo após o almoço, Joca disse a seus avós que iria sair para jogar bola com seus amigos. Mas com o mapa no bolso e muita coragem no peito, foi arriscar-se pela mata. Passou por muitos lugares assustadores, a vegetação ficava cada vez mais densa, cheia de teias de aranhas e animais peçonhentos, até que chegou pela parte de trás da fazenda, muito ofegante e cansado de fazer aquela imensa trilha.

Então Joca foi adentrando na fazenda, que era cercada por uma bruma com aspecto extremamente úmido e gélido… Quando, de repente, Joca foi surpreendido por dois capatazes da fazenda e levado para dentro de um curral para ser interrogado. Os dois capatazes começaram a perguntar:

— Por que está invadindo nossa fazenda, menino travesso?? Por que está aqui? O que quer em nossa propriedade?

O menino assustado, começou a gritar:

— Eu não sou invasor, muito menos travesso, estou apenas curioso para saber o que acontece aqui nesta fazenda! Por favor, não façam nada de mal comigo…

Os homens lhe disseram:

— Como assim o que acontece nessa fazenda? Apenas cuidamos das vacas para que estejam sempre com uma boa produção de leite. Nosso animais precisam de um lugar tranquilo e espaçoso para que consigam produzir.

— Aqui não acontece nada demais, por que lhe faríamos mal, menino?

— É que todos dizem que aqui acontecem coisas misteriosas — replicou Joca.

— As pessoas, às vezes, falam demais garoto… — continuou um dos homens — venha, vamos lhe apresentar o administrador da fazenda!

Joca não conseguia acreditar no que estava ouvindo dos empregados daquela fazenda, mas olhando em sua volta ele só conseguia enxergar animais muito bem cuidados e com aspecto feliz, nada apresentava maus tratos.

Então foi direcionado para a sala do dono da fazenda, onde recebeu explicações de que aquela fazenda fazia exportação de leite das vacas para o exterior, e para surpresa de Joca, o dono da fazenda lhe fez um belo convite.

— Joca, que tal você passar o resto da tarde conosco e acompanhar um pouquinho de como cuidamos de tudo aqui na fazenda?

Joca então ajudou os empregados da fazenda a alimentar, dar banho e escovar o pelo das vacas, entre tantas outras coisas, com todo seu amor e dedicação, pois sempre foi ensinado por sua família a tratar os animais da melhor maneira possível.

O menino também comentou com o dono da fazenda sobre sua família pobre e as dificuldades que passavam, então o homem combinou com Joca de que lhe forneceria leite e queijo toda semana, se

ele mantivesse boas notas na escola e ajudasse os pais em casa. Ainda disse que Joca poderia ir quando quisesse na fazenda, para ir aprendendo a cuidar de uma fazenda, com a condição de entrar pelo portão da frente.

E foi a partir daquele dia que Joca Tintim passou a ver a "fazenda misteriosa" como um lindo lugar, cheio de amor e aconchego, pois os capatazes e o dono da fazenda tratavam os animais de maneira a se admirar, com carinho e, acima de tudo, com muito respeito.

Sobre o Autor

Bárbara da Rosa é aluna de Direito, tem 21 anos e é natural de Salto de Jacuí - RS.

Greicy Siqueira Ribeiro é aluna de Direito, tem 21 anos e é natural de Salto de Jacuí - RS.

O verdadeiro valor

Por Jeferson Taugen Lentsen

Não era incomum eu pedir brinquedos aos montes para os meus pais. Sempre era um robô legal, um monstro gigante ou qualquer objeto brilhante mesmo. Muitas vezes eles compravam e lá ia eu: brincava por alguns dias e depois o brinquedo já ia para o armário. Afinal, era só mais um brinquedo e meu pai ou minha mãe sempre comprariam outro para mim. Eu realmente não entendia o valor das coisas.

Um dia na escola, eu e meus amigos falamos sobre um novo programa que estava passando na TV. Imaginávamos como seria legal ser nossos personagens favoritos e pilotar os robôs que eles usavam. Por coincidência, um garoto que tinha sido transferido pra nossa sala chegou e mostrou seu novo e incrível presente que tinha ganhado naquele dia: a versão semi realista do líder do time. De um lado, o piloto com a armadura toda detalhada, do outro o robô portando todos os apetrechos com detalhes metalizados.

Chegando em casa, não parei de falar sobre o ocorrido para os meus pais, e eles olhavam-se, provavelmente pensando "lá vamos nós de novo".

— Minha mãe, querendo atalhar a conversa, já me perguntou:

— Mas, então, ele falou onde tinha conseguido o brinquedo, Pedrinho?

Eu havia esquecido de perguntar, mas prometi trazer a informação no dia seguinte. Naquela noite demorei muito para dormir, só imaginando como seria ter um daqueles bonecos e encher minha vida de aventura e diversão! Não conseguia me segurar. Na manhã seguinte, fui procurar o dono do robô e o achei nas mesas da parte coberta, eu descobri que seu nome era Lucas e que era novo tanto na escola quanto na região, Lucas estava sempre cercado por várias crianças, como eu, fascinadas pelo robô. Mas eu estava decidido e não iria parar ali. Avancei e não parei, acho até que eu derrubei alguém no processo, mas não devo ter machucado. Quando cheguei no Lucas, perguntei direto:

— Onde você comprou esse robô?

Ele me olhou por um tempo e disse:

— Foi meu pai que me deu em casa, não sei em qual loja ele pegou. Mas sei que você não iria poder comprar mesmo…

Eu já estava muito bravo, quando um outro menino me cutucou no braço e falou:

— Sabe aquela loja grande no Centro? Eu vi um por lá quando estava passeando com o meu pai.

Fiz um joinha pra ele e corri para cozinha pegar a merenda. Em casa, falei para minha mãe onde ela poderia achar. Como ela iria às compras com meu pai, iria dar uma olhada. Quando chegou, eu estava com muita expectativa de um novo boneco, mas tive uma triste notícia:

— Pedro, eu e seu pai vimos o brinquedo... mas achamos que era

muito caro pra comprar agora, então vamos esperar um tempo até que fique mais acessível, tudo bem?

Eu realmente não queria esperar mais para tê-lo nas minhas mãos, então insisti:

— Não tem nada que eu possa fazer? Qualquer coisa!

— Não sei... Talvez... Bem, alguns vizinhos estão precisando de ajuda na limpeza das garagens, sótãos e porões. Quem sabe você possa falar com eles para você ir lá fazer o serviço e eles te darem alguns reais. O que acha?

Eu não iria recuar naquele momento, então aceitei... mas ainda tinha uma dúvida:

— Quanto é o brinquedo mesmo?

— Depois de muita pesquisa, o menor preço que achamos foi R$ 700,00 – falou minha mãe, desanimada.

— Ah... ok... Talvez isso demore algumas semanas…

Logo surgiu o primeiro serviço. Foi um sótão e isto resume a minha experiência: grande, empoeirado, cheio de caixas e coisas velhas, aranhas e suas teias. Fiquei ali por um tempo até chamar o dono para verificar. Ele viu e aprovou, então deu o pagamento de 30 reais e um refri de lata. "Nada mal para uma primeira vez", pensei. Eu também tinha achado uma caixa de ferramentas que me interessei e a deixei limpinha. Quando eu já estava indo, dei uma última olhada na caixa, e seu João, dono do sótão, perguntou:

— Gostou dela? Eu achei que tinha vendido há muito tempo e tenho outras mais novas aqui... Quer levá-la? Lembro que você gostava de montar coisas…

Achei aquilo o máximo, então aceitei. Na próxima casa foi um porão e, mexe isso, limpa aquilo e trabalho feito. Pelo resto da tarde e mais

alguns dias, foi essa a minha rotina. Foram cinco casas de conhecidos e umas oito que fui recomendado depois. Aqui e acolá, achava umas máquinas quebradas e peças que me deixavam levar. Fui guardando tudo e já tinha até as ferramentas, só faltava um motivo para usá-las. No fim, juntei uns R$ 280,50. Seu João foi o que mais valorizou meu serviço, de resto variou entre dez a vinte reais. Foi incrível em dois finais de semana quase chegar na metade do que precisava, mas ainda faltava muito até o prêmio, ao menos era o que eu pensava...

Uma oportunidade surgiu e com ela eu conseguiria, bem antes do planejado, o meu tão sonhado brinquedo. A loja colocou todo o estoque em promoção devido aos índices de venda e ao novo grande lote que estava vindo e, para minha sorte, a quantia me era acessível. Com 65% a menos do valor, o robô ficou em R$ 245 reais. Eu fiquei muito feliz, falei para minha mãe e ela concordou em me levar para comprar, à tarde, daquele mesmo dia.

Chegando na loja, logo vi o boneco na vitrine. Fiquei o encarando e pensando o que faria ao chegar em casa. Naquele momento, me passou tudo o que fiz para estar lá: a busca após conhecê-lo, a luta para tentar tê-lo, o trabalho para conseguir o dinheiro... tudo aquilo começou a pesar na minha cabeça e veio a pergunta "vale mesmo a pena tudo o que fiz por isso?". Então o brilho que ele tinha para mim se tornou opaco e sem graça. Após esse momento de revelação, falei com a minha mãe e ela entendeu tudo. Parecia estar feliz e orgulhosa... No fim, só fizemos um lanche e voltamos para casa: guardei o dinheiro no meu cofre para usar em uma outra oportunidade.

Após um tempo, eu comecei a rever o que eu tinha ganhado na maratona de limpeza. Várias coisas que normalmente chamariam de sucata, mas para mim, naquele instante, eu chamei de "partes". Com

elas, fiz o meu robô único, poderoso e brilhante, do jeito que eu queria. Não via o tempo passar e nem as possibilidades de diversão terem fim. Às vezes algo feito com as próprias mãos tem um valor muito maior. Foi uma experiência única e cansativa, mas nunca me arrependi por ter sido assim.

Sobre o Autor

Jeferson Taugen Lentsen é aluno de Sistemas de Informação, tem 18 anos e é natural de Santa Maria - RS.

A comida de Théo

Por Ana Carolina Marzzari

Mal tinha acordado e senti aquele cheirinho que fez minha barriguinha roncar. Já tinha levantado da cama quando ouvi mamãe gritar:

— Théo, suas panquecas estão prontas.

Andei ainda mais rápido, troquei minha roupa com um pouco de esforço e corri para a cozinha onde mamãe me esperava com o prato cheio. Ahh, como eu era feliz comendo aquelas panquecas maravilhosas. Depois de bem alimentado, tinha que ir para a escola. Essa era a parte ruim do meu dia. Não porque a minha escola era ruim, mas sabe, meus colegas eram um saco. Eles só sabiam rir da minha cara e me chamar de coisas que só de pensar me dava fome: rocambole, panqueca, bolo fofo, entre outras coisas.

Mas eu levava na boa, só ficava chateado quando me ofendiam. Eu queria fazer amigos, às vezes eu ficava sozinho com minha lancheira o recreio todo, porque ninguém queria ficar comigo. Ainda bem que o lanche que mamãe preparava era uma delícia: na minha lancheira tinha sempre brigadeiros, cachorros-quentes, pastéis, Coca-Cola e muuuita gostosura.

Enquanto comia, observava meus colegas correrem felizes pelo gramado da escola, brincando de bola, pega-pega, esconde-esconde e como eles se moviam com velocidade. Empolgado, ao observar a brincadeira, acabei de engolir tudo rapidão e fui me oferecer para participar. Entrei no grupo que brincava de esconde-esconde e depois de ouvir mais alguns apelidos, fui correndo me esconder. Achei o lugar perfeito, ninguém nunca ia me achar.

Entrei em uma toca no canteiro, com um pouco de dificuldade, e ali fiquei. Como havia previsto, ninguém sequer imaginou que eu estaria naquele lugar. E foi nesse momento em que tudo começou a dar errado.

Quando fui sair, não consegui: fiquei entalado na toca. Depois de me remexer e perceber que não teria solução, que ficaria naquele buraco por um longo tempo, comecei ponderar entre a vontade de chamar meus colegas para me ajudar ou ficar naquele buraco para não passar vergonha.

O cansaço me venceu, comecei gritar como um doido:

— Me tirem daqui! Estou preso! Socorro!

Mandy, uma menina doce e tímida, estava brincando com suas bonecas quando ouviu meus gritos desesperados e correu para ver o que era. Quando chegou até o buraco, tentou me puxar e não conseguiu, de jeito nenhum, pois eu era muito pesado, e ela bem magrinha. Por isso, Mandy deixou sua boneca e chamou a Tia Su, nossa professora. Tia Su me tirou de lá, depois de muito esforço, e me levou, junto com Mandy, para a sua sala enquanto telefonava para mamãe.

Enquanto mamãe não vinha, Mandy ficou me fazendo companhia e com sua meiguice, perguntou:

— Théo, porque você come tanta porcaria?

Porcaria? Não entendi o que ela quis dizer com isso. Eu não comia o mesmo que todo mundo? Queria entender o que Mandy me dizia, então, perguntei:

— Como assim, porcaria? Não como coisas normais?

— Não, Théozinho, você come muita fritura e refrigerante. Eu sei que é muito gostoso, mas mamãe sempre me disse que devemos saber equilibrar o nosso alimento, para que nada sobre no nosso corpinho, tudo tem que ser aproveitado para termos energia.

Refleti sobre o que Mandy disse e, curioso, quis saber:

— Mas se você não come isso, o que você come?

Mandy sorriu e disse:

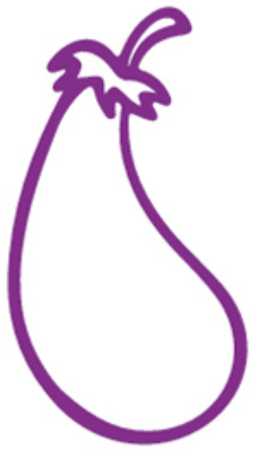
— Eu como de tudo, seu bobo. Mamãe faz pratos bem coloridos para que eu possa ter muuuuita saúde. Eles sempre têm todas as cores e é divertido saber que como coisas bem naturais. Inclusive, muitas das coisas que mamãe cozinha eu ajudei a plantar, na horta lá de casa.

Eu estava impressionado, queria saber mais, conhecer a sua horta. Quando minha mãe chegou, contei tudo a ela, que com os olhos cheios de lágrimas, me disse:

— É verdade, meu filho! Sempre estive tão ocupada que não percebi que só fazia um tipo de alimento para você. A partir de hoje vou tomar mais cuidado com a sua alimentação. Sempre achei que fazendo o que você mais gostava eu estava fazendo o bem, e só agora percebo que nunca nem lhe ofereci uma alternativa.

Enquanto saía da escola, Mandy correu até mamãe e disse, puxando sua saia:

— Tia, tia! Deixa o Théozinho ir lá em casa ver o que eu como? Você pode ir também se quiser, mostro a horta da mamãe para você fazer uma para você e o Théozinho.



Eu estava animado, descobri tantas coisas novas, Mandy me mostrou que os alimentos que podemos descascar nos fazem muito bem, enquanto os que desembalamos, nem tanto.

Depois de aprender tanto com Mandy e passar a me alimentar corretamente, comecei a ter mais energia para brincar e meus colegas, com o tempo, pararam de me chamar de tantas coisas, porque agora eu falava e brincava de várias coisas e essas coisas não envolviam só fritura.

Sobre o Autor

Ana Carolina Marzzari é egressa do curso de Direito e aluna de Ontopsicologia, tem 23 anos e é natural de Faxinal do Soturno - RS.

Reclamar ou Reagir?

Por Camila Silveira dos Santos Krugel

Melissa, Lorena e Fernando se conheciam desde a barriga de suas mães. Nasceram com uma diferença de meses... Seus pais também eram amigos desde a infância. O pai e a mãe de Melissa tinham um pequeno sítio, de onde tiravam o sustento da família. Melissa gostava de ajudar a mãe cuidar da horta e do jardim. Ela se sentia realmente feliz quando estava com as mãos sujas de terra, cuidando das plantas.

Já o pai de Lorena cuidava de uma fazenda, onde domava cavalos e cuidava do gado. Sua mãe era confeiteira e fazia as bolachas de mel pintadas mais deliciosas da cidade, e as vendia na vizinhança. Lorena adorava enfeitar as bolachas; ela realmente tinha um talento para pintura.

Os pais de Fernando trabalhavam no centro da cidade. O pai trabalhava numa loja de materiais de construção e a mãe trabalhava na Prefeitura. Fernando adorava cálculos e desenhos, e sonhava ser um grande arquiteto.

Na escola, os três eram alunos da professora Leila, uma dedicada professora, com um coração gigante, que ensinava desde matemática até conselhos para a vida de seus alunos. Eles adoravam suas aulas

e viam na professora uma verdadeira amiga. Ela, várias vezes, dava carona para o grupo até um campinho, onde eles prometiam que iam para estudar. Porém, era só ela dar partida no carro, que eles já abandonavam suas mochilas e começavam sua jornada de aventuras.

Naquela cidadezinha simpática do interior, um campinho, nos fundos de um terreno vazio, era o lugar preferido deles. Ali eles se reuniam para correr, jogar bola, pular, fazer piqueniques, subir em árvores e até cantar. Eram tardes inteiras de muita diversão. Eles estavam sempre em busca de novos amigos, porém, as outras crianças pareciam não entender o que de tão especial tinha naquele lugar.

A cidade estava passando por uma grande transformação, pois haveria a instalação da primeira grande empresa, que traria empregos e desenvolvimento para a cidade. Em suas casas, os pais falavam sobre a expectativa da vinda desta obra, que mudaria a vida de todos por ali. As crianças até chegaram a falar no assunto, mas tinham certeza de que a vida deles não seria afetada, por isso não estavam muito interessadas neste assunto de gente grande e seguiam seus dias felizes.

O outono tinha sido intenso, e eles se dividiram entre as manhãs de estudos, as tardes de brincadeiras e as noites em família. Quando chegou o inverno, as tardes de brincadeiras no campinho estavam ficando cada dia mais curtas. Os dias chuvosos também ficaram mais seguidos e, por semanas, os amigos não conseguiram se reunir no campinho. Os encontros passaram a ser, hora na casa de um, hora na casa de outro. Seus pais traziam cada vez mais notícias da tal empresa que estava se instalando por ali.

Mal sabiam eles que todos os restos de materiais estavam sendo depositados no tão amado campinho. A mãe de Fernando, funcionária da prefeitura, vendo esta situação e já prevendo o quanto os

amigos e todas as crianças que frequentavam o campinho ficariam chateadas, até tentou intervir, porém, conseguiu apenas que se comprometessem de, ao final da obra, retirar todo material de lá.

Três dias consecutivos sem chuvas foram suficientes para encorajar um encontro no campinho, já no finalzinho do inverno. A professora, Dona Leila, que já sabia da questão, ofereceu-se para acompanhá-los até lá. Tamanha foi a surpresa quando eles avistaram um enorme monte de entulhos depositados em uma boa parte do campinho que ficaram ali parados, sem reação. Eles viram o que parecia ser o fim daquele lugar que guardava as melhores lembranças de seus dias. Havia o colorido da primavera que agora chegava, e que, de alguma forma, conseguiu amenizar o cinza daquela cena.

Pela primeira vez, o sorriso deu lugar a uma ou duas lágrimas, que logo foram enxugadas pela querida professora. Mais calmos, marcaram uma reunião secreta para discutir o assunto. Aquele assunto, que parecia estar tão longe de afetá-los, agora se tornaria a pauta das suas conversas.

A pilha de entulhos tinha de tudo. De tonéis de lata a pequenos parafusos. Um emaranhado de fios, alguns pedaços de ferro e até quatro ou cinco pneus. Seria realmente muito difícil tirar todo aquele entulho dali, parecia ser o triste fim daquele lugar.

Certo dia, após presenciarem mais um descarregamento de entulho, eles notaram que alguns bancos tinham sido descartados. Aquela era a melhor coisa que podia ter acontecido. Nos bancos velhos e rasgados, os amigos viram o início de uma longa jornada para repaginar o campinho.

Em casa, pesquisaram e contaram suas ideias aos seus pais, de como transformar aqueles objetos em algo novo e que toda a comunidade pudesse usufruir. Foram longos dias de estudo e projetos. Os pais, claro, deram a maior força.

Fernando, com seu talento para os desenhos, desenhou cada objeto que encontrava ali num caderno, enquanto Lorena e Melissa iam retirando da pilha de entulho alguns materiais que realmente não poderiam ser aproveitados. Com os desenhos, passaram a tratar tudo como um gigante quebra-cabeça, e encaixar suas peças seria agora seu passatempo.

Na escola, alguns colegas começaram a se interessar pelo assunto, e ajudaram com ideias. Uma ida até a loja de materiais de construção, e com algumas dicas do pai de Fernando, foram suficientes para iniciar os trabalhos. Aquele campinho passaria a ser um lindo parque para todas as crianças e a comunidade. O projeto incluía desde um parquinho, até um coreto para apresentações artísticas.

Agora, já eram mais seis crianças, a professora e alguns pais, todos envolvidos na ideia de Fernando, Melissa e Lorena, para transformar novamente a vida na cidade. A empresa tinha trazido empregos e esperança para aquele lugar, mesmo que indiretamente, trouxe também mais união daquela comunidade. A imaginação de Melissa já começava ganhar forma, ela já iniciava um lindo jardim, onde usava caixas de madeira para fazer canteiros de flor e de verduras, e adubou com as cascas de ovos que recolhia. O pai de Lorena também traria da fazenda adubo orgânico, que era o de melhor qualidade para florescer aquele lugar.

Um tonel se transformou numa churrasqueira, um pneu agora era um gira-gira e até um banco de madeira serviu de balanço. Todos pintados caprichosamente pelas mãos de Lorena, ela fazia aquilo lembrando das bolachas de mel da sua mãe. Fernando projetava o coreto, e também usou os bancos que encontraram como o local para a plateia assistir as apresentações.

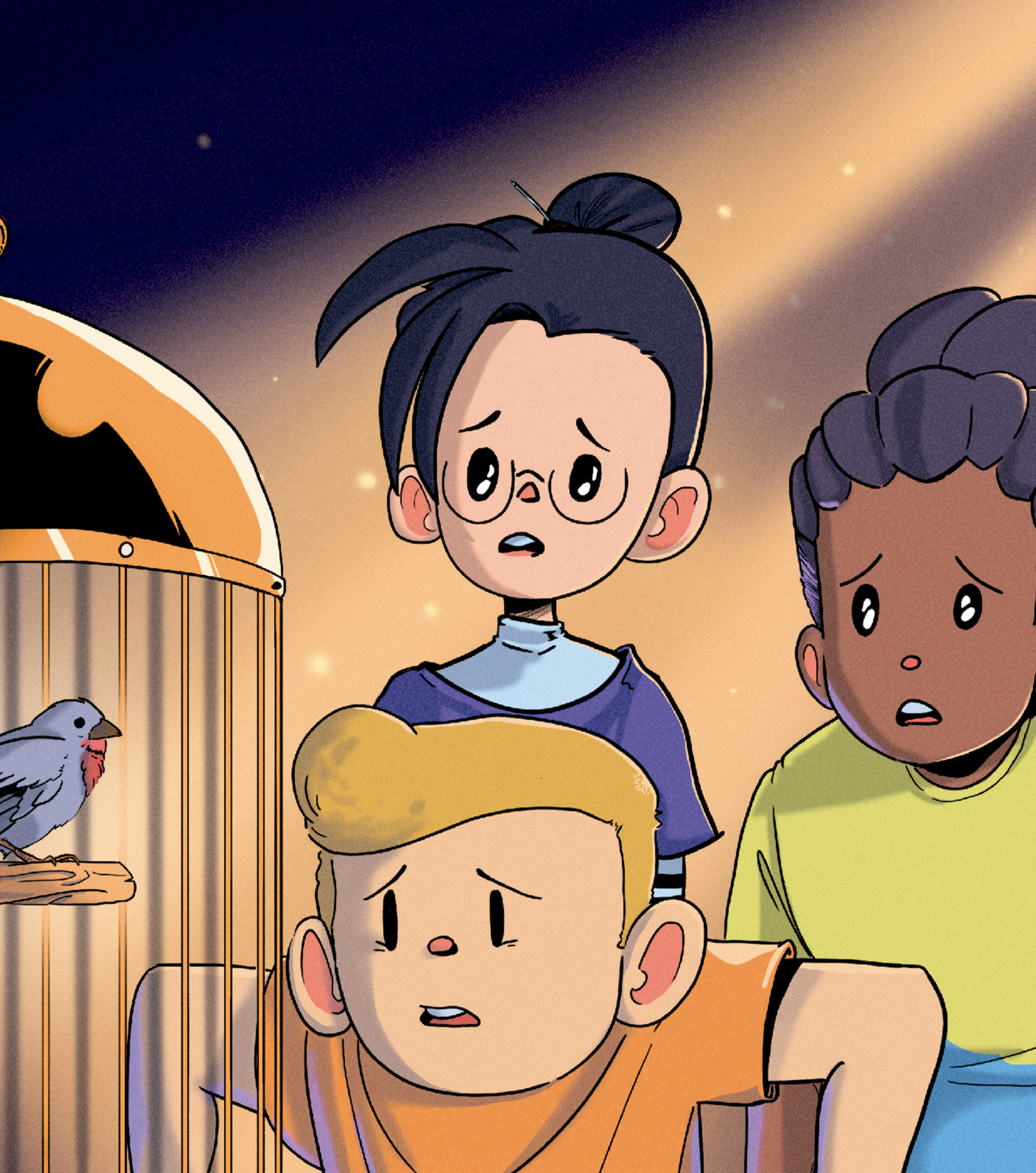
Aquele verão foi de muito trabalho, mas também de muita diversão. Transformar o campinho em um local de encontro da comunidade teve um grande reflexo na vida deles, e eles sabiam que esse seria um marco na história da cidade. Afinal, todos ali estavam em busca do mesmo ideal: cooperar e transformar.

Lorena, Melissa e Fernando agora estavam de férias escolares. Eles continuavam ajudando os pais em casa, brincando e se divertindo. Mas essas férias foram marcadas pela conclusão do projeto do parquinho. Tudo correu bem e após semanas de trabalho em equipe, uma boa limpeza e um lindo trabalho de reciclagem garantiram o sucesso da empreitada.

No decorrer dos dias, mais ideias surgiam e mais pessoas se engajavam no projeto, e ao fim da última pincelada numa gangorra feita de uma antiga porta de ferro, os três, sentados nos bancos, tiveram certeza de que eles podiam ter apenas mudado o lugar das brincadeiras e ficar reclamando do acontecido, mas diferente disso, mobilizaram toda a comunidade, e de uma forma sustentável, agora tinham um local limpo para o lazer, a cultura, a vida em sociedade e, principalmente, para fazer mais amigos.

Sobre o Autor

Camila Silveira dos Santos Krugel é aluna de Direito, tem 33 anos e é natural de Cachoeira do Sul - RS.



Em busca da Liberdade

Por Katiane Marion, Daiane Marion e Patricia Michelotti

Em um lindo e adorável dia ensolarado, os amigos Maria Isabel, Joana e Lucas, deitados no gramado do parquinho, observavam as borboletas e passarinhos que estavam ali livres a voar. Os bichinhos os encantavam com seus cantos e tons coloridos.

Os jovens amigos ficaram ali por horas. Nesse tempo, eles conversaram de tudo e diziam o quanto era bom e gratificante poder estar junto à natureza, ouvir os animais e quanto ficavam tristes quando viam animais presos em correntes ou pássaros trancados em gaiolas. O sol já ia se pondo e resolveram ir embora. Levantaram, juntaram suas coisinhas, beberam água e foram…

Ao atravessarem a rua, avistaram uma casa, e para a surpresa, ao lado tinha uma gaiola não muito grande, mas cheia de passarinhos de várias tonalidades e espécies. Aproximaram-se mais... Viram que eles não tinham o mesmo brilho, a mesma alegria e nem a mesma energia boa do que aqueles que voavam no parquinho, eles pareciam tão tristes.

Maria Isabel, já com os olhos cheios de lágrimas, perguntou ao

homem que morava ali por que ele prendia aqueles passarinhos na gaiola, e o porquê ele fazia aquilo. Então aquele senhor respondeu sorridente e orgulhoso que era porque aqueles pássaros eram bonitos, raros, muito valiosos e ainda tinham um belo canto, que ele gostava de ouvir toda manhã.

Ouvir aquilo foi muito triste. Logo, indignada, Joana respondeu:

— Desde quando gostar tanto te dá o direito de prender a liberdade de alguém? Quem gosta mesmo liberta, deixa livre pra ir e voltar.

Então o homem falou que os garotos não tinham o direito de falar nada para ele, os pássaros eram dele e isso justificava. E saiu resmungando. O primeiro impulso dos meninos foi de abrir aquela gaiola e deixá-los fugir. Mas também sabiam que não poderiam decidir por outras pessoas. No final, realmente o homem tinha comprado aqueles pássaros, por meio de um mercado que surgiu da necessidade que as pessoas têm de aprisionar.

Então, Maria Isabel, insistente, foi atrás do "dono" dos pássaros e fez um pedido.

— O senhor tem razão... os pássaros são seus. Mas eles são tão belos e coloridos... será que nós podemos vir aqui, às vezes, fazer companhia para eles, enquanto os ouvimos cantar? Nós nos comprometemos em alimentá-los e ajudar o senhor a cuidar deles.

Enquanto isso, Joana e Lucas se olhavam surpresos, pensando em como isso poderia ajudar aqueles animais a conquistarem a liberdade.

O senhor, um pouco desconfiado, concordou com o pedido da criança. E assim aconteceu. Desde aquele dia, os meninos começaram a ir sempre até a gaiola dos pássaros depois da aula, alternando-se e, às vezes, juntos. Com o passar dos dias, o dono da casa começou a sentar junto deles e observavam os pássaros enquanto conversavam sobre si-

tuações diversas. As crianças acabaram descobrindo que aquele senhor havia conhecido muitas pessoas, andado por muitos lugares e, assim, conquistou muita experiência. No entanto, de uma forma ou outra, todos acabaram se afastando dele, fazendo com que ele se tornasse muito solitário. Assim, o homem e as crianças foram construindo uma amizade muito bonita.

Um dia, o homem precisou sair de casa, não estava lá quando Lucas chegou. E, ao voltar para casa, encontrou o menino conversando com os pássaros:

— Essa gaiola é pequena demais comparada ao mundo aqui fora. Mas não vou mentir para vocês, nem tudo é tão bonito por aqui! Existem pessoas que podem nos magoar muito e, sabe, vocês têm até sorte, porque o dono de vocês é uma pessoa muito legal e, se tem vocês aqui presos, é porque gosta muito de vocês.

O homem, ao ouvir essa conversa, sentiu-se muito emocionado e interrompeu Lucas:

— Lucas, você é um menino muito bom... mas não acredite nisso! Na verdade, deixar esses pássaros presos não é carinho, é um medo de estar sozinho. Mas a presença de vocês aqui me fez entender que a liberdade é muito mais gentil.

Lucas abraçou o homem e prometeu que poderia contar com sua amizade para sempre. No dia seguinte, o homem pediu que os três amigos fossem até sua casa. Chegando lá, todos juntos pegaram as gaiolas e foram até um criadouro numa cidade vizinha. Lá, os passarinhos seriam, aos poucos, readaptados à natureza, podendo, em alguns meses, serem soltos.

Com lágrimas nos olhos, mas com o coração cheio de amor, despediram-se dos pássaros e foram voltando à cidade. Quando chegaram

na casa e olharam para o pátio com o espaço da gaiola vazio, o homem sentiu que estaria, novamente, sozinho. Foi então que Maria Isabel, mais uma vez, deu a ideia:

— Voltamos amanhã para começar um jardim aqui, o que vocês acham?

Entusiasmados, os dois amigos confirmaram a presença. E Joana concluiu:

— O senhor consegue as mudas de flores, ok? Assim, poderemos ver o colorido delas enquanto conversamos sobre todas essas coisas que o senhor pode nos ensinar!

O homem sorriu e falou para as crianças:

— Vocês é que me ensinam. Me ensinaram que é preciso coragem, não apenas para abrir as gaiolas e arriscar ficar sozinho, mas principalmente, coragem para sair de nossas gaiolas e buscar quem de verdade somos.

Sobre o Autor

Katiane Marion é aluna de Direito, tem 22 anos e é natural de Nova Palma - RS.

Daiane Marion é aluna de Direito, tem 22 anos e é natural de Nova Palma - RS.

Acredite em você, no seu Sonho

Por Letícia Luana Weise

Lucinha era uma menina tímida que vivia no interior, com uma família muito humilde. Gostava de brincar no pátio de casa, subindo em árvores e fazendo castelos de areia. Mas a sua brincadeira favorita mesmo era fingir que era uma cantora muito famosa. Sonhava que um dia subiria no palco e seria aplaudida de pé por todos. No entanto, quando ensaiava as primeiras notas sempre ouvia "como uma pessoa como você vai conseguir cantar?". Lucinha ficava desanimada, mas quando dava por si, estava novamente cantarolando enquanto brincava com seus amigos.

Lucinha não gostava de celulares ou internet, ela era fascinada mesmo pelas músicas que saíam do velho radinho que tocava enquanto sua mãe costumava fazer o almoço. Então, quando a música tocava no radinho, lá estava Lucinha, com papel e caneta na mão para copiar a letra da música para que, assim, pudesse soltar sua imaginação e brincar de ser uma grande cantora.

Um certo dia, na escola, enquanto Lucinha brincava com seus amigos, um de seus professores a ouviu cantando e gostou da voz da

adorável menina. Esse fato fez o professor inscrevê-la em um festival de talentos que havia naquele ano na cidade. Lucinha ficou toda entusiasmada, escolheu a música que mais gostava e começou ensaiar em casa naquele mesmo dia. Entre brincadeiras com amigos, estudos da escola e ajudar seus pais nas atividades da casa, Lucinha tirava uma hora do seu dia para ensaiar a música da sua apresentação no festival.

E assim chegou o grande dia do festival de talentos. Lucinha estava muito emocionada, pois seria sua primeira apresentação. O vizinho, grande amigo da família, se ofereceu para levá-los, pois os pais de Lucinha não tinham carro. Chegando ao local, com aquele grande público, em torno de 200 pessoas, não tinha como não ficar nervosa. E, para surpresa de Lucinha, a apresentação era com instrumentos de verdade, não era como havia ensaiado em casa: só a voz e a música tocando no som. Mas, mesmo assim, a menina foi firme e forte e a apresentação foi muito boa. Apesar disso, Lucinha não ganhou o festival, pois haviam concorrentes mais preparados.

Apesar de ter perdido o concurso, Lucinha não desanimou e não deixou de sonhar e acreditar que um dia pudesse cantar bem, no ritmo e na melodia dos instrumentos musicais. Então a menina teve uma grande ideia: frequentar a escola de música que havia em sua cidade. Lucinha pediu muito aos seus pais que a deixassem participar da escola de música, pelo menos uma vez por semana. Seus pais viram que a menina não ia desistir tão fácil e resolveram matriculá-la. Como morava no interior, tinha que ir de ônibus, as passagens eram caras, mas os pais de Lucinha deram um jeito para que pudessem pagá-las, diminuindo outra despesa no orçamento da casa.

Lucinha fez as aulas de música durante um ano, fez diversas inscrições em festivais, mas não conseguia ganhar nenhum. Nem por isso

ela desistiu, continuou frequentando as aulas de música, não deixando de estudar, sempre tentando melhorar cada vez mais. E, para surpresa de Lucinha, depois de dois anos se esforçando muito na música, ela teve sua primeira vitória em um concurso de canto. Foi uma emoção tão grande, Lucinha ficou tão feliz, e se sentiu recompensada por todo o esforço que teve. Sua família, amigos e professores ficaram muito orgulhosos da menina Lucinha.

E assim, Lucinha nos ensina a acreditar em nós mesmos e nos nossos sonhos, não desistir na primeira tentativa, pois as derrotas existem para nos tornar mais fortes. Se fizer o seu melhor, um dia, certamente, a recompensa virá.

Sobre o Autor

Letícia Luana Weise é aluna de Administração, tem 31 anos e é natural de Restinga Sêca - RS.

Marma-Duque, o temido

Por Tauani da Silva Kleber

Era uma vez, uma cidade pacata e hospitaleira, chamada de Condado, onde morava um grupo de crianças bagunceiras, que viviam aprontando travessuras. O grupo era conhecido como "os pimentinhas", e era formado por Ana, Antônio, Kelvin, Luís Pedro e Mariela. Todos tinham a mesma idade, moravam no mesmo bairro e estudavam na mesma escola. Por onde passavam, deixavam o que falar.

Os pimentinhas sempre adoraram provocar os animais da vizinhança, seja gato, cachorro, e até mesmo os passarinhos. Viviam brincando com bodoque e muitas vezes acabavam machucando as asas dos pássaros, impedindo-os de voar. No bairro, havia um parquinho, que era o local de encontro das cinco crianças quando não estavam na escola, assim, passavam horas e horas brincando lá.

Sempre que estava muito calor, eles iam até o mercado do seu Zé para comer picolé. Seu Zé tinha um cachorro chamado Marma-Duque; ele era muito bravo e irritado. Viveu toda sua vida preso em uma coleira, e via todos os outros cachorros livres para correr e

brincar, enquanto ele, sempre preso e solitário. Antônio, aquele dia, estava mais impossível do que o normal, e decidiu caçoar e irritar o cachorro, dizendo:

— Ei, seu cachorrinho irritado. Você não me pega! La la la la...

Mariela, observando a atitude de Antônio, alertou:

— Antônio, se o Marma-Duque chegar escapar desta coleira, você vai ter o que merece!! Cuidado!

Os cinco, após comerem os picolés e Antônio depois de ter parado de irritar o cachorro, foram para o parquinho brincar, aproveitando seu tempo livre.

Passados alguns dias, decidiram ir novamente comprar picolé no mercado do seu Zé. Antônio, mais uma vez, irritou o cachorro que estava preso. Mas desta vez, como se não bastasse, ele jogou a embalagem do picolé em Marma-Duque, deixando-o mais zangado.

Kelvin e Ana, gritaram:

— Antônio, não faça mais isso! Coisa feia jogar o lixo em lugar indevido, que não seja em uma lixeira, ainda mais no cão! Ele não fez nada para você, portanto, não tem motivos para irritá-lo ainda mais, jogando o lixo nele.

Antônio, cabisbaixo após ter sido repreendido pelos amigos, foi para casa, enquanto os demais ficaram terminando de comer seus picolés. Em sua casa, Antônio refletiu sobre sua atitude, e chegou à conclusão de que Marma-Duque não havia feito nada de errado para receber tudo aquilo. Semanas se passaram e Antônio ainda estava chateado pelo o que havia ocorrido.

Certo dia, o grupo de amigos decidiu não ir ao mercado do seu Zé, pois Marma-Duque iria reconhecer Antônio e ficaria enlouquecido. Foi quando Luís Pedro sugeriu:

— Pessoal, o que acham de irmos ao parque de diversões?

O restante do pessoal gritou entusiasmados:

— Obaaa! Vamos mesmo!!!

Estava tudo certo para ir ao parque de diversões: programaram o horário e o local de encontro era no parquinho. Porém, para ir ao parque de diversões, tinham que passar pelo mercado do seu Zé, e também por Marma-Duque.

Animados, partiram os cinco. Quando estavam na esquina do mercado, Marma-Duque avistou Antônio e os demais amigos, e adivinhe: o cão, para o azar das crianças e sorte dele, havia se soltado da coleira! VISHH!

Apenas avistaram aquele cachorro correndo em direção a eles. Quando viram que era Marma-Duque, o temido, já era tarde demais e ele já estava chegando... quando de repente:

— Corramммmm! — gritou Ana.

Ana se escondeu atrás de um muro de uma casa próxima, Kelvin correu até um vizinho para se esconder, Mariela foi para trás de um carro, Luís Pedro correu o mais rápido possível para o cachorro perdê-lo de vista, e Antônio congelou.

Todo mundo gritava:

— Corre, Antônio, ele está chegando! — e Antônio permaneceu congelado.

Antônio abismou esperando uma mordida pavorosa de Marma-Duque. Foi quando o cachorro se aproximou, mas ao contrário do que todos esperavam, ele não mordeu, e sim, começou a lamber Antônio e se refestelar, com um ar de alegria. Pela primeira vez, o cachorro estava feliz.

Então Antônio fez carinho e brincou com Marma-Duque, com

um alívio por não ter sido devorado. Após isso, o menino percebeu que o cão era bravo e irritado pelo fato de viver preso durante toda sua vida, se sentindo solitário, sem nunca brincar. A primeira coisa que ele fez quando solto, foi brincar e comemorar por poder estar livre, simplesmente esquecendo do que havia acontecido enquanto estava preso.

Depois do ocorrido, seu Zé deixou Marma-Duque viver livremente, brincando com as crianças e com os outros cachorros. Antônio e seus amigos compreenderam que, assim como as crianças querem ter liberdade para correr, brincar e se divertir, os cachorros também têm esse direito. Marma-Duque agora era outro cachorro, alegre e feliz.

Após isso, os pimentinhas decidiram criar uma organização com o objetivo de ajudar os animais do bairro que ficavam sempre presos. E isso não se aplicava apenas aos cachorros, mas também aos gatos e outros diversos animais. Todos os animaizinhos têm o direito de ter sua liberdade, seu espaço para brincar, e não viver presos a vida toda. As cinco crianças entenderam também que brincadeiras que machucam os animais, como o bodoque, em que os pássaros são o alvo, não são legais. Os pássaros também querem ter a liberdade de voar livres, sem correr perigos.

Com esses ensinamentos, as crianças aprenderam que muitos animais dependem de nós, e se não darmos apoio a eles, simplesmente deixando-os presos, terão suas vidas baseadas no ódio, na irritação e na tristeza por nunca terem sido livres para se divertir.

Sobre o Autor

Tauani da Silva Kleber é aluna de Direito, tem 19 anos e é natural de Passo Fundo - RS.

Futebol para todos

Por Bruno Bertulini

Desde antes do meu nascimento, eu já vivia no meio do futebol, devido ao fanatismo dos meus pais pelo esporte. Tanto que isso se refletiu na escolha do meu nome: Marta, uma das maiores jogadoras do futebol feminino, que já foi escolhida 6 vezes como a melhor do mundo.

Meus pais viviam nos estádios acompanhando jogos e mais jogos, mas após o meu nascimento eles pararam de frequentá-los, até porque a preocupação maior era com a nova "futebolista" da família. Claro que, mesmo assim, eles seguiram acompanhando o esporte pela TV. E com apenas quatro anos, lá estava eu em uma foto, trajada junto com meus pais em um domingo a tarde, para acompanhar o jogo do nosso time, apesar de eu não ter muita noção na época.

Mesmo pequena, já dava meus primeiros chutes na bola no quintal de casa, junto com meu pai, que por sinal foi um ótimo jogador quando era mais jovem. Mas, infelizmente, ele teve que abandonar a sua curta carreira por conta de diversas lesões nos joelhos. Portanto, ele e minha mãe sempre me diziam que eu seria a nova futebolista da família, e eu sempre os questionava:

— Mas não dizem que o futebol é só para homens?

— Claro que não, filha! Quando você crescer vai se tornar uma grande jogadora e mostrar a todos o poder das mulheres – dizia a minha mãe.

Enquanto eu crescia e entendia melhor as coisas, percebia que as mulheres tentavam buscar seu espaço, e que existia sim um futebol onde apenas mulheres jogavam, mas ele não tinha visibilidade alguma. Na escola, enquanto os meninos jogavam futebol, as meninas ficavam apenas assistindo ou fazendo alguns exercícios. Um dia pedi ao professor para que me colocasse jogar no meio dos garotos, e mesmo ele dizendo que eu podia me machucar, insisti. Porém, os rapazes faziam caras de deboche e soltavam algumas piadinhas, além de não passarem a bola para mim. Em cada aula a história ia se repetindo e eu não sentia o prazer de jogar no meio dos garotos.

Até que um dia pensei em criar um time de futebol feminino, para, enfim, ter o prazer de jogar com outras garotas e também para começar a dar visibilidade ao futebol feminino. Falei com meu pai e ele gostou da ideia, gostou tanto que pediu para ser o nosso treinador. Assim, fiz alguns cartazes e espalhei pela rua e pela escola no dia seguinte, convocando todas as meninas que gostariam de jogar para irem no sábado de manhã em um campinho perto de casa.

No dia, eu e meu pai chegamos um pouco atrasados, e nos deparamos com o campinho lotado de meninas! Todas adoraram a ideia e me deram parabéns pela iniciativa, pois muitas sentiam esse desprezo que os homens mostravam com as mulheres no futebol.

Como a ideia deu certo, resolvi criar mais cartazes para espalhar em outros lugares, pois sabia que muitas outras garotas iriam gostar da ideia. Então, no sábado seguinte, lá estava o campinho novamente

lotado de garotas, prontas para se divertir. Além dos sábados, começamos a jogar em dias de semana também, às vezes algumas meninas não podiam ir, mas nunca faltava gente para completar os times.

Apesar de que nossos jogos eram apenas para diversão, senti que era hora de elevarmos o patamar do futebol feminino. Então, conversei com o meu pai e passei o recado para o resto das garotas, para criarmos um time oficial de futebol feminino, para que pudéssemos disputar torneios oficiais contra equipes de outras cidades.

Assim sendo, precisávamos de dinheiro para fazermos nossos uniformes e de mais pessoas para ajudar em outros aspectos do time, como a parte técnica, médica, de preparação, financeira, entre outras. Logo percebemos que não ia ser nada fácil, ainda mais em um mundo onde poucos davam valor para o nosso futebol. Porém, com a dedicação e o entusiasmo das garotas, buscamos preencher essas lacunas que faltavam para o time ficar adequado. Ao explicar a situação, pouco a pouco, foram aparecendo familiares das próprias garotas para ajudar em cada parte do clube. Foi complicado, mas tempos depois lá estávamos com nossos belos uniformes e uma grande comissão técnica comandando o time em torneios locais. Com nosso futebol, consequentemente, conquistamos títulos e premiações importantes, que faziam com que nosso futebol ficasse cada vez mais destacado.

No ano seguinte, lá estava eu, a futebolista da família, com a camisa 10 e com a faixa de capitã, comandando nosso time em grandes jornadas. Na escola, os rapazes que antes debochavam de mim, agora me "disputavam" para me escolher para seus times, além de nos apoiarem em todos os jogos da nossa equipe.

Dessa forma, todo aquele papo furado de que o futebol era só

para homens ficou no passado, já que naquele momento, o futebol feminino passou a ser uma afirmação e apenas um indício do que estava por vir.

Sobre o Autor

Bruno Bertulini é aluno de Sistemas de Informação, tem 20 anos e é natural de Restinga Sêca - RS.

Reconectando-se

Por Mariana Somavilla Costa

Benjamin era um garoto de apenas 12 anos, vivia com a sua mãe em um apartamento na cidade grande, ela trabalhava muito, quase não tinha muito tempo para o seu entretenimento e de ficar com o filho. O garoto foi acostumado desde pequeno a passar o tempo em frente à TV e ao celular, seu mundo era ali. Na escola sempre foi tímido, não tinha muitos amigos e não se importava muito com isso, o que ele sempre queria era chegar em casa e passar o dia em frente ao videogame.

Sua mãe, com a vida agitada que levava, muitas vezes não percebia que seu filho não estava tendo uma infância saudável, sempre fazia tudo o que ele queria para evitar birras e conseguir manter a praticidade do dia a dia. Benjamin era um garoto mimado, sempre brigava com todo mundo que não fazia o que ele queria, era preguiçoso, não conversava com praticamente ninguém e era muito mal educado, sua atenção somente era para as telas dos eletrônicos.

Certo dia, o despertador de sua mãe tocou tradicionalmente às 6 horas da manhã, ela foi acordá-lo, mas percebeu que o menino não estava nada bem. Estava pálido, com aparência de muito cansado e

com muita febre. Ela se preocupou muito, o levou rapidamente para o hospital, lá o médico pediu para serem feitos muitos exames até descobrir o que o menino realmente tinha, e logo deu o diagnóstico: Diabetes, uma doença incurável, mas que se tratada diariamente e devidamente, Ben poderia levar uma vida normal, mas sempre tomando cuidados.

Com a medicação, o garoto de imediato melhorou, viu sua mãe e logo perguntou de seu celular, sem nem querer saber o que realmente tinha com sua saúde, sua vontade era somente de sair do hospital para estar ao lado de seus eletrônicos novamente. Nesse instante, a mãe percebeu que o jeito que seu filho estava vivendo era muito errado. Primeiramente, se sentiu muito culpada por tudo isso, pois trabalhava muito, e sempre o criou sozinha, então nunca tinha dado muita atenção para o bem do garoto e sim da praticidade de ela conseguir trabalhar no ritmo intenso que trabalhava.

O desespero tomou conta dela, resolveu conversar com o menino para mudar os hábitos, mas percebeu como ele se tornou mimado e cheio de manias. Para o bem de Benjamin, a mãe resolveu tirar todos os eletrônicos para seu entretenimento, e começou a levá-lo em ambientes ao ar livre, com mais crianças brincando e vivendo de forma saudável. A alimentação dele também já tinha mudado, mas estava cada vez mais difícil o convívio entre eles dentro do apartamento. Sem mais esperanças de fazer seu filho mudar, a mãe teve uma ideia que poderia ser muito delicada no começo, mas poderia dar muito certo.

Os avós paternos de Benjamin moravam bem longe, não tinham muito contato com o neto há alguns anos desde que o pai dele faleceu. Eles moravam em uma fazenda bem retirada da cidade, onde nem mesmo o sinal de internet ou de celular chegavam com muita eficiência. Tudo

era muito tranquilo, tinham a companhia de alguns vizinhos e resolviam tudo muito tradicionalmente.

A ideia da mãe de Ben consistia então em mandar ele para morar com os avós por um tempo, para o seu bem e para aprender novos valores e costumes que, ela esperava, mudariam a vida do filho. Então, nas férias escolares, com muita resistência do garoto, conseguiu levá-lo até lá. Chegando lá, o garoto foi recebido com muita alegria por seus avós, que disseram estar ansiosos para passar algumas semanas com o neto.

Os primeiros dias foram muito complicados, Benjamin só pedia os seus eletrônicos que estavam com sua mãe na cidade. Os avós somente tinham uma televisão e um rádio pequeno, mas eram muito felizes assim e queriam que o neto também fosse. Os dias passavam, convidaram o menino para tudo: tirar o leite da vaquinha, recolher os ovos, socializar com os meninos da vizinhança que brincavam e corriam o dia inteiro. Mas ele estava sempre com o rosto zangado, não queria fazer nada e só reclamava.

As férias acabaram e os avós de Ben pediram que ele ficasse mais um tempo. Fizeram a transferência para uma nova escola. Na escola, com realidades muito diferentes do que ele estava acostumado a ver, os garotos de sua classe eram muito simples e gentis, mas ele sempre se mantinha firme e não sedia para ter novas amizades. Na hora que a aula acabava, todos saíam correndo, alegres, levantando poeira daquele chão batido, e Benjamin, de braços cruzados e com a cara fechada, ia embora sem ser percebido.

Em uma manhã ensolarada, os avós chamaram Ben para tomar café da manhã, mas decidiram fazer com que o garoto produzisse o seu próprio alimento. A birra do garoto no começo não teve com ser

evitada, resmungou muito, até que passou um tempo e ele começou a perguntar se poderia ir junto tirar o leite, pegar os ovos, colher legumes da horta, lavar, cozinhar... foram vários dias acompanhando e experimentando essas ações. Os avós com muita alegria e carinho ajudavam o neto a buscar sua autonomia.

Os dias foram passando e a convivência entre os três foi ficando mais leve. Conversavam sobre tudo, até no famoso bolo de cenoura da vovó ele estava de olho para ver como que ela realizava. Certa noite, seu avô foi ao quarto e se sentou ao seu lado na cama, abriu a janela e começaram a olhar as estrelas no céu. O avô perguntou se ele sentia muita falta ainda do seu videogame.

— Não senti falta, vô, aqui é tudo mais verdadeiro! Me sinto vivo realmente, tenho vontade de fazer as coisas, tenho prazer nisso! — O garoto respondeu e ao mesmo instante seu avô abriu um sorriso e o abraçou forte.

O menino estava muito sorridente e feliz no seu dia a dia, começou a socializar com os garotos vizinhos e colegas da escola, jogava bola, corria, brincava, chegava em casa e fazia suas responsabilidades. Dormia exausto de tanto brincar e aprender coisas novas. Acordava renovado e sentia-se uma criança mais feliz e saudável. Sua doença, com o tratamento correto, estava bem estabilizada e ele não sentia mais nenhum sintoma.

Sua mãe ligava todos os dias para falar com ele e com os avós, e o visitava quase todos os finais de semana. Estava muito feliz por ver como o filho tinha mudado. Depois de alguns meses, então, resolveu ir buscá-lo para voltar a morar com ela na cidade, com novos hábitos. Chegando lá, viu o menino jogando bola todo sujo de terra com seus amigos, com um sorriso enorme! Quando a viu, saiu correndo ao

seu encontro para abraçá-la, mas logo voltou para não deixar o time desfalcado.

À noite, esperaram o menino dormir e conversaram sobre a ideia da mudança de volta. Os avós, argumentaram e pediram que ele ficasse. Assim, a mãe convenceu-se de que deixar o menino com os avós, naquele momento, seria o melhor para ele. Deixariam, no entanto, ele dar a palavra final…

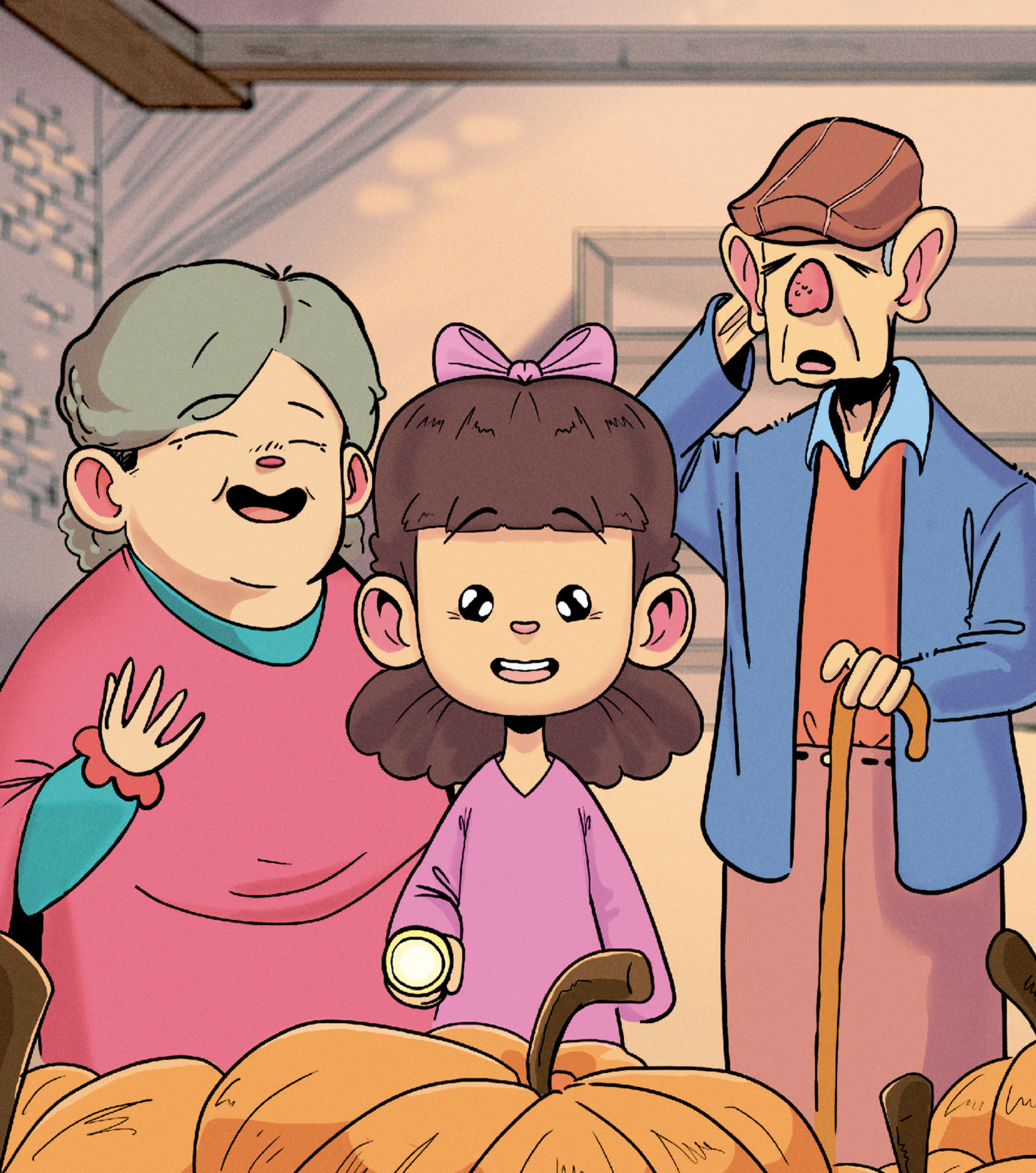
Os dois passaram o final de semana juntinhos, como sempre, contando as novidades e fazendo planos para o futuro. A mudança de Benjamin era visível e encantadora. Quando a mãe perguntou ao menino onde ele queria morar, ele, com muita seriedade, respondeu:

— Quero continuar aqui, mamãe... sou feliz e sinto que aqui eu sou de verdade.

E, assim, eles continuaram na rotina de se verem aos finais de semana, enquanto Benjamin e seus avós também só aumentavam o carinho e respeito que tinham entre si.

Sobre o Autor

Mariana Somavilla Costa é aluna de Direito, tem 18 anos e é natural de Santa Maria - RS.



Docinhos de Abóbora

Por Andrieli Alves Bordignon

Milena despertou em uma manhã chuvosa com os barulhos dos pingos da chuva. Mas nem isso a impediu de sorrir, pois iria passar o final de semana na casa dos avós. Faceira, foi correndo para a cozinha, onde sua mãe já a esperava com uma torrada quentinha e uma xícara de café com leite, do jeito que ela gostava. Sua mãe sorrindo disse:

— Bom dia, Milena! Vejo que está bem animada!

— Sim, mãe. Sabe que gosto muito de ir para o sítio — respondeu a menina, tirando uma mecha de cabelo do rosto.

Então ouviram a porta da frente abrir e viram Fabiano, pai de Milena, entrar com a roupa molhada. Ele cumprimentou as duas na cozinha com beijos na testa e disse que iria vestir uma roupa seca, para depois levar a filha ao sítio. Milena rapidamente comeu a torrada e subiu para buscar sua mochila. Pronta para ir, a menina despediu-se da mãe com um abraço, recebeu um guarda-chuva e foi advertida para que se comportasse. Ela e o pai foram até o carro, logo já estavam na estrada.

Apesar da chuva, a viagem foi tranquila. Quando se aproximaram

da casa dos avós, de longe já podiam ver a alegria de Seu Ivo e Dona Terezinha, que, com sorrisos enormes, os esperavam na varanda. Milena desceu do carro e foi correndo abraçar os avós, nem se dando conta de que os pingos de chuva molhavam sua roupa. Logo, estavam todos bem acomodados à beira do fogão à lenha, conversando sobre os acontecimentos da semana. Depois de tomar um último chimarrão, Fabiano voltou para casa.

Quando estava no sítio, Milena costumava brincar no grande pomar do avô, ir pescar no riacho nas redondezas da casa e adorava ir ver os animais no campo. Porém, não podendo fazer as coisas que sempre fazia quando o dia era de sol, ficou perambulando pela casa e, como qualquer criança curiosa de oito anos, mexendo em tudo que podia, e no que não podia. Tanto observava, que olhou com mais atenção para o cômodo ainda não desbravado por ela. Era um porão, e mesmo com a pouca luz que entrava pelas frestas do assoalho de madeira, a menina pôde ver que ali embaixo tinha muitas coisas. Muitas coisas para ela explorar!

Voltou à cozinha e pediu ao avô uma lanterna. Ao entregar o objeto à menina, ele perguntou:

— Por que você precisa dela?

Milena inventou uma desculpa esfarrapada, que Seu Ivo não acreditou, mas nem se preocupou, pois quando era criança também não gostava de dar satisfações para os adultos que não entendiam suas brincadeiras. Essa era uma das suas poucas recordações, já que o seu quadro de Alzheimer estava a cada dia mais avançado.

De volta ao porão, a menina examinava os objetos com curiosidade, encanto e admiração. Alguns minutos depois, ouviu sua avó a chamando para almoçar e foi até a cozinha. Dona Terezinha lhe

perguntou por onde a menina andava, ela respondeu que estava explorando o território. Todos riram e o assunto não se estendeu.

Depois de almoçar e ajudar a avó com a louça, a menina voltou ao porão. A chuva continuava, mais forte do que antes, mas isso não importava para Milena, que estava feliz com as descobertas que fazia. Muito tempo depois dentro do cômodo, algo inesperado aconteceu, esbarrou em uma prateleira e o barulho assustou a criança, que soltou um grito quando as luzes se acenderam.

— Então é aqui que você tem passado o tempo? — Indagou a avó, com uma voz tranquila.

— É, encontrei esse lugar hoje de manhã, e tem bastante coisa legal aqui — disse a menina, não mais assustada por ser descoberta. Quando voltou os olhos para o motivo do estrondo, viu e logo questionou — O que são aquelas coisas ali?

— São abóboras! Sei fazer docinhos muito bons com elas! Ah, nem lembrava que ainda tinham tantas guardadas aqui. Pegue uma que vou te ensinar a fazer os docinhos amanhã! — respondeu empolgada a avó.

Muito animada, a criança obedeceu. A noite jogou com o avô jogos de tabuleiro, enquanto a avó terminava o blusão de lã que estava fazendo. Os avós de Milena estavam passando por dificuldades financeiras, desde que foi descoberta a doença de Ivo. Como os remédios eram muito caros, Dona Terezinha estava fazendo peças de lã para vender na cidade, mas não dava conta de produzir muitas peças.

Com o som de pássaros cantarolando, Milena despertou naquele dia ensolarado. Mas nem se importava, porque já tinha planos para o dia. Depois do café, Dona Terezinha começou a lhe ensinar como fazer os docinhos de abóbora. A menina ouvia com atenção, e anotava

todas as coisas que a avó dizia. E, assim, fazendo doces pela manhã e aproveitando a tarde ensolarada, o dia passou tão rápido que Milena ficou surpresa quando viu o carro de seu pai entrar no pátio.

Ela não queria ir embora, mas sabia que ele tinha vindo para buscá-la. Despedindo-se dos avós, ela tinha um último pedido a fazer.

— Posso levar umas abóboras?

— Claro! Mas o que você quer fazer com as abóboras? — perguntou Dona Terezinha, curiosa.

— Te conto daqui duas semanas, se meu pai me trouxer aqui de novo. Mas garanto que serão bem aproveitadas! — falou a menina, esperta.

Seu Ivo carregou algumas abóboras no porta-malas do carro, e assim Fabiano e Milena partiram.

Chegando em casa, Milena estava entusiasmada para colocar em prática a receita dos docinhos de abóbora, os quais ela aprendeu com sua avó Terezinha. Com isso, já foi separando todos os ingredientes e, em especial, uma das abóboras que trouxe da casa de seus avós.

Fabiano, muito curioso, a questionou:

— Milena, o que você está fazendo com essas abóboras?

— Pai, vou fazer um doce que aprendi com a minha avó — respondeu Milena.

Fabiano continuou muito curioso, mas ficou, de perto, analisando o que Milena iria aprontar. A menina parecia possuir um dom para fazer aquele doce, não era possível que recém tinha aprendido. Separava os ingredientes com brilho no olhar, com felicidade estampada no rosto, e Fabiano, muito orgulhoso do desempenho da filha.

Os primeiros docinhos acabaram sendo para degustação da família. Com muitos elogios, ideias, sugestões e apoio dos pais, Milena re-

solveu fazer aqueles para vender e, assim, conquistar seu dinheirinho.

Com oito anos, Milena já estava produzindo doces, e foi um sucesso total: a vizinhança toda comprou e aprovou. Sempre ganhando muitos elogios e os clientes a indicando para conhecidos. A freguesia aumentava mais e mais, a produção de Milena estava tendo um resultado jamais esperado pela menina. A todos ela dizia:

— Estou muito feliz, fazendo uma coisa que tenho tanta alegria em produzir e ainda conquisto meu próprio dinheiro.

O primeiro salário que a menina juntou sem muito esforço, já tinha destino certo. Chegou o dia de visitar sua avó. A menina feliz, um dia antes, já preparou doces para levar a ela.

— Olhe, Ivo, Milena e Fabiano estão chegando — disse dona Terezinha avistando pela janela o carro se aproximando.

Com muita felicidade em recebê-los, dona Terezinha já foi abrindo a porta e Milena veio correndo, com um sorriso estampado no rosto e com os docinhos nas mãos, prontos para serem entregues à avó, juntamente com o dinheirinho que tinha conquistado. Dona Terezinha não conteve as lágrimas em seu rosto, ficou grata pelo doce, e sobre o dinheiro a questionou:

— Que dinheiro é este Milena?

Milena, sem pensar duas vezes, animada e agitada para contar a sua avó o quanto ela tinha conquistado com a venda de seus doces, respondeu:

— Esse dinheirinho juntei com a venda de meus doces de abóbora e dedico a senhora, pois se não fosse todo seu ensinamento eu não teria conquistado ele.

Dona Terezinha não queria aceitar, mesmo sabendo que estava vindo em uma boa hora, pois tinha poucas encomendas de casacos

naquela semana. Sua neta, que sabia que seu avô estava em tratamento, pegou o dinheiro e disse:

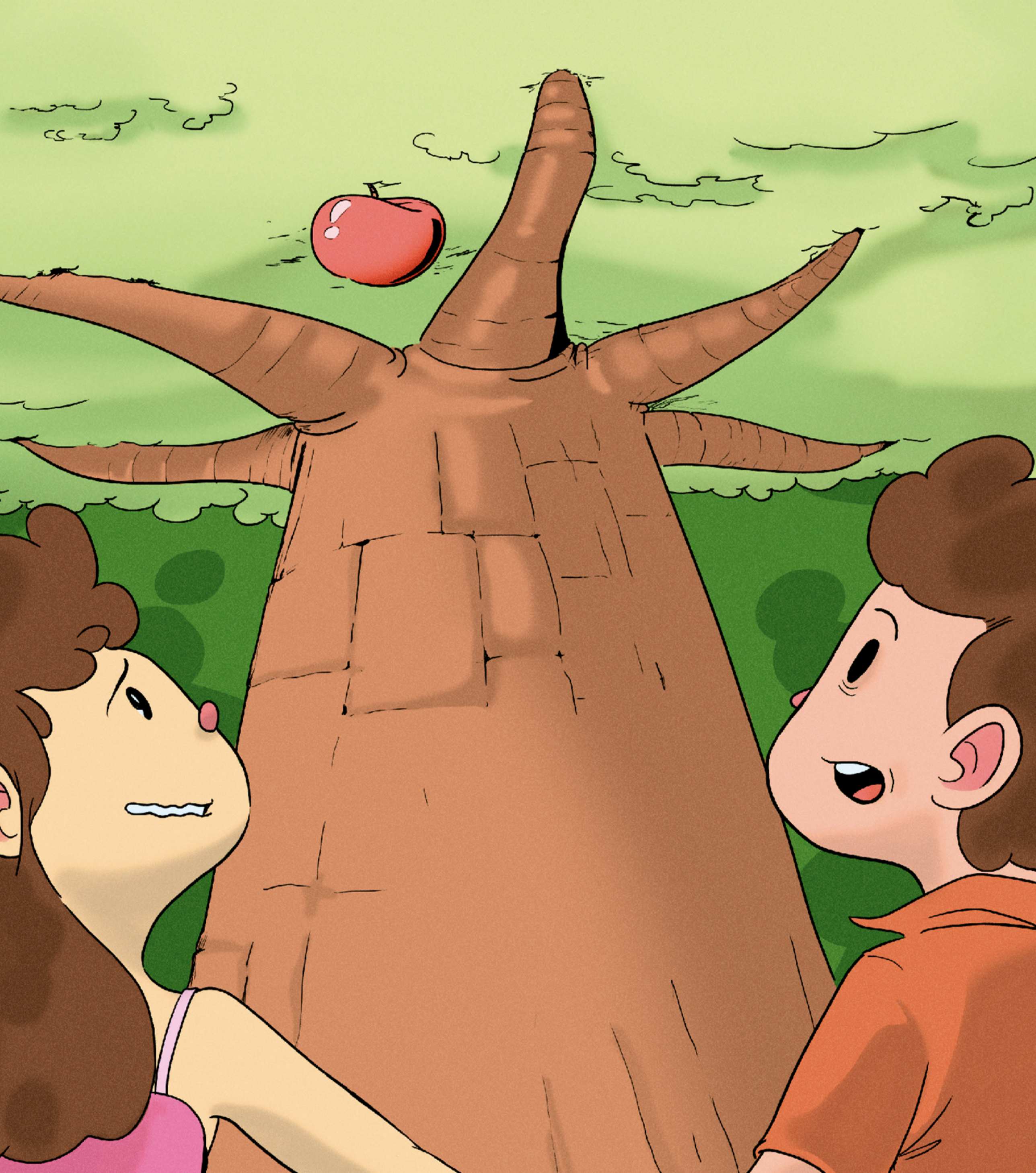
— Vovó, vamos investir esse dinheiro na saúde de meu avô, com ele você pode comprar os remédios que ele precisa tomar — e deu um abraço apertado em Terezinha e em Seu Ivo.

Foi com aplausos de Dona Terezinha que Milena inaugurou sua confeitaria, a Teredoces, dez anos depois. O nome foi inspirado em Dona Terezinha, já que foi a grande incentivadora de Milena. A menina auxiliou em tudo que era necessário no tratamento do avô, mas como a doença acabou avançando bruscamente, não havia mais nada a ser feito, Seu Ivo veio a falecer, deixando um legado importante na família.

Dona Terezinha, mesmo velhinha, continuou apoiando Milena em suas conquistas. A menina buscava sempre se aperfeiçoar e dar o melhor de si a cada docinho, nunca esquecendo como todo aquele projeto teve início, e guardando em seu coração a gratidão que tinha por toda sua família.

Sobre o Autor

Andrieli Alves Bordignon é aluna Administração, tem 20 anos e é natural de Restinga Sêca - RS.



Sementes de um Sonho

Por Thomas Rumpel Loy

Miguel e Joana viviam em uma pequena casa com um pátio, no meio de uma, perto de uma grande cidade, junto com sua mãe.

A cidade era muito popular, muitas pessoas viviam lá, e ela nunca parava, sempre havia muitos carros passando e casas e lojas sendo construídas. Alguns diziam que lá se encontrava tudo o que poderia querer, Miguel e Joana também começaram a achar isso, toda noite, quando paravam de brincar, iam à cidade e olhavam para as vitrines das lojas e viam todos aqueles brinquedos, doces e várias coisas que desejavam ter, mas não tinham dinheiro para isso.

Um dia tiveram uma ideia: decidiram tentar fazer dinheiro para comprar algumas coisas que queriam. Miguel falou:

— Eu sempre quis o boneco de ação que aparece na TV, que vem junto com o carro, mas é tão caro! O que você vai comprar Joana?

—Uma boneca nova, a minha já está tão velha e a nova faz todo o tipo de coisa — respondeu Joana.

Joana parou e perguntou a Miguel:

— Mas como vamos ter dinheiro para comprar isso?

Depois de um tempo pensando, lembraram-se da grande macieira que tinham em seu quintal, ela estava mais cheia e bonita do que nunca. Então, decidiram começar a colher as maçãs da árvore, fazer um suco e vender para o pessoal da cidade. Com a ajuda de sua mãe, construíram um carrinho para fazer o suco fresquinho e montaram uma barraca na frente de casa.

O seu negócio deu certo, e rapidamente os dois começaram a lucrar mais do que pensavam. Todo o tipo de gente passava para pegar um copo, nunca tinham provado nada parecido. Naquela cidade não havia uma árvore, o pessoal dali já estava tão acostumado a ser cercado por construções que se esqueceram da beleza da natureza e como ela é boa para nós.

Miguel e Joana estavam tão felizes com as suas vendas, ficaram até surpresos. O suco que levaram acabou tão cedo que algumas pessoas não conseguiram provar.

Miguel sugeriu:

— Joana, já que estamos vendendo tanto suco, vamos fazer o dobro do que fizemos hoje, assim, todos vão poder provar um pouco!

Joana respondeu:

— Sim! Vamos fazer isso, vamos acordar cedo amanhã para colher mais maçãs.

Os dois mal podiam esperar para comprar os seus tão desejados brinquedos, e todo dia depois de vender seu suco, olhavam com felicidade para as vitrines das lojas e viam seus brinquedos tão sonhados que estavam cada vez mais perto de conseguir.

Mas, um dia, enquanto estavam se preparando para ir para as vendas mais uma vez, os dois foram apanham as suas maçãs como

faziam sempre, para depois poderem fazer seu famoso suco. Então perceberam que restava somente algumas maçãs na árvore. Nesse momento os dois ficaram sem saber o que fazer. Como iam comprar seus brinquedos tão desejados sem suas maçãs?

No dia seguinte, não teve venda se suco... todos ficaram confusos, "o que aconteceu com os vendedores?". Gostavam tanto do suco e na cidade não havia nada parecido, isso deixou todos muito tristes.

Foi então que, no dia seguinte, todos ficaram aliviados, viram as mesmas crianças, no mesmo lugar de sempre. Mas tinha uma coisa diferente, Miguel e Joana não vieram carregando suco, mas sim sementes. Uma multidão já tinha se formado em volta dos dois, todos com uma cara confusa e sem entender a situação. Um senhor da frente perguntou para Miguel:

— O que aconteceu com o suco?

Miguel respondeu:

— Senhor, nosso suco acabou! Percebemos que se continuássemos apenas vendendo nosso suco sem limite, algum dia todos ficariam sem. Além disso, queremos que vocês possam ter o mesmo privilégio que nós temos em casa.

E Joana complementou:

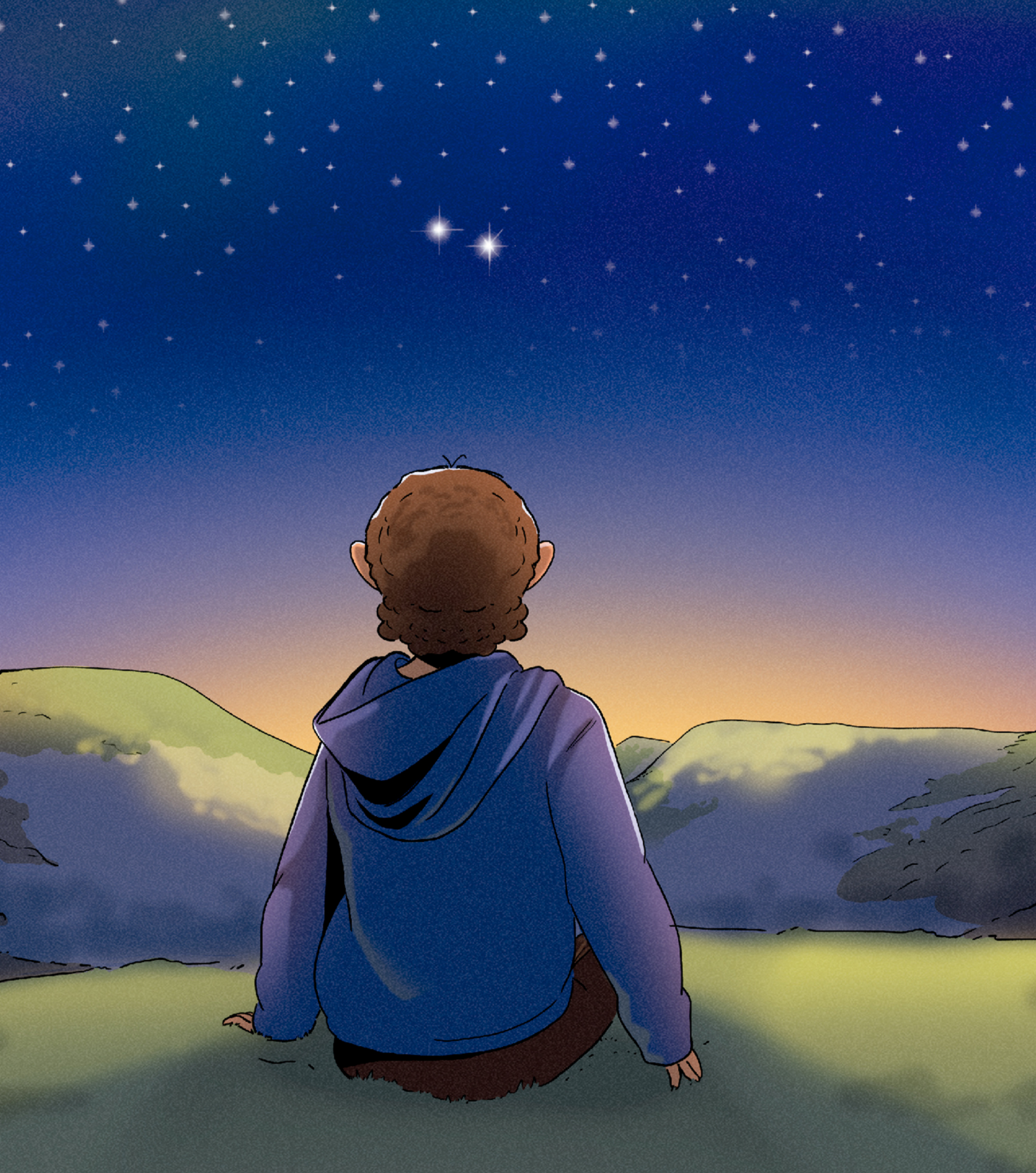
— Queremos que todos possam fazer seu próprio suco, por isso, usamos nosso dinheiro para comprar essas sementes. Mas não temos apenas árvores de maçã, também temos de manga, pêssego e tudo mais que conseguimos comprar. Pedimos a ajuda de vocês, pois se trabalharmos juntos e plantarmos tudo o que temos, podemos trazer beleza para a nossa cidade!

Naquele dia, todos pegaram suas sementes e saíram juntos, plantando, semente por semente, em cada espaço especial que viam. E, com

o passar do tempo, graças a seu trabalho em equipe, conseguiram fazer sua cidade cinza e triste, virar mais verde e cheia de vida. O dia a dia de todos passou a ter um pouco mais de doçura e alegria, e ninguém mais teve que pagar para aproveitar o lado bom da vida.

Sobre o Autor

Thomas Rumpel Loy é aluno de Direito, tem 19 anos e é natural de São Vicente do Sul - RS.



As minhas estrelas no Céu

Por Paola Aparecida Speridião

Lembro-me de quando ainda tinha seis anos de idade, morava com meus avós, dona Teresa e seu Gilberto. Tinha começado a frequentar a escola há pouco tempo: no início eu era muito tímido, pois pela primeira vez eu comecei a contatar outras crianças, mas logo já fiz amizade. Nós morávamos desde sempre em um pequeno sítio. Meu avô tinha uma marcenaria e minha avó apenas cuidava dos afazeres domésticos e de uma pequena horta que havia nos fundos de nossa casa.

Achava normal a situação de morar com meus avós, brincava, ia à escola, tudo como uma criança normal. Eu era apenas uma criança e, para mim, todos os pais eram estrelas que cuidavam da gente lá do céu, como os meus avós falavam que os meus faziam comigo. Mas o tempo foi passando, eu fui crescendo e comecei a interpretar melhor os fatos ou a ter curiosidades sobre eles. Como sempre moramos pra fora, eu passava os dias ajudando minha avó na horta e cuidando dos animais que tínhamos, não ligava para a TV e nem aparelhos eletrônicos. Talvez por isso tenha sido tão difícil para mim entender o que aconteceu naquele dia.

Nesse dia, eu estava brincando com meus colegas na pracinha da escola: Pedro, Vinícius, Mateus e Ricardo. Estávamos jogando bolinhas de gude na areia. A gente jogava e conversava ao mesmo tempo, como fazíamos quase todos os dias. Até que meu amigo Ricardo trapaceou no jogo, eu fiquei muito bravo e o xinguei. Ele rebateu dizendo que não havia trapaceado, mas eu vi e entre outras coisas, chamei-lhe de "ladrãozinho" e "falso". Ele, então, todo ofendido acabou por me dizer:

— Eu não sou ladrãozinho, Carlos, eu tenho família pra me cuidar, e você que nem pais têm, mora com seus avós. Cadê os teus pais?

Aquilo me deixou sem reação, não sabia o que dizer, e nem explicar porque eu morava com meus avós e nem sequer porque meus pais eram "estrelas". Naturalmente, virei as costas e não falei com mais ninguém. Por dentro, aquilo me machucou muito e tive a pior sensação da minha vida até aquele momento. Me senti humilhado e enganado pelos meus avós. Com o coração apertado na hora de ir embora, entrei no ônibus ainda sem falar com ninguém, e em minha casa, desci do ônibus e corri para meu quarto. Minha avó, que estava na cozinha preparando o almoço, percebeu quando cheguei e bati a porta. Logo subiu para verificar o que estava acontecendo, quando se deparou comigo quase chorando, perguntou-me várias vezes o que tinha acontecido.

Eu, emburrado, não queria falar, e minha avó continuava a insistir, até que, com o coração angustiado e cheio de raiva ao mesmo tempo, lancei a pergunta que estava ecoando:

— Cadê meus pais? Eu quero saber onde eles estão.

Minha avó entrou em choque repentinamente, não esperava que eu fizesse aquela pergunta. Ela começou a falar de "estrelas no céu...", mas percebeu que eu não estava mais disposto a aceitar essa versão.

Pediu-me que esperasse meu avô chegar da marcenaria e à noite teríamos uma conversa. Atendi-lhe o pedido, esperei até a noite, e aquela tarde não passava, eu inquieto nem brincar conseguia, só ficava perambulando a pensar naquele assunto.

Meu avô chegou e ambos subiram até meu quarto para a prometida conversa. Os dois, meio sem jeito, não sabiam como falar sobre isso, ficavam se olhando e nada, foi aí que retornei com minha pergunta:

— Eu quero saber sobre os meus pais, o que aconteceu com eles?

Minha avó iniciou:

— Bom, é um assunto complicado, eu e seu avô estávamos tentando te privar desse sofrimento, Carlos, pelo menos por mais um tempo. Se bem que por outro lado, você já está grandinho, acho que consegue entender. Seus pais não estão mais vivos. Eles faleceram em um acidente de carro, no qual você estava junto, com apenas um aninho de idade. Isso foi muito duro para nós.

Meu avô, percebendo a emoção que tomou conta dela, prosseguiu:

— É um milagre você ter sobrevivido, um presente de Deus colocado em nossas vidas... a gente te adotou, e vamos cuidar de você como sempre fizemos, meu neto. Nós perdemos a nossa filha, mas vemos ela todo dia em você!

— Nossa Sophia era uma mulher muito bonita, Carlos... alta, de cabelos longos e escuros como café, sempre alegre e saltitante. Você carrega sua beleza e humor, meu neto. Também seu pai era um homem muito trabalhador, apaixonado por sua mãe... eles viveram uma linda história de amor – disse o vovô Gilberto.

Ao ouvir isso, juntei minhas lágrimas aos de meus avós até aliviar o peso que meu coração estava sentindo. Fiquei mais ou menos uns dois dias sem retornar à escola, precisava de um tempo para digerir

toda aquela situação... afinal, eu enfrentei, pela primeira vez, a dor da perda.

Os dias foram passando e eu fui me acostumando com a ideia, afinal, nada mais poderia ser feito. Percebi que apesar de tudo que havia acontecido, eu era um menino muito sortudo por ter avós tão carinhosos e cuidadosos quanto os meus. Hoje eu consigo entender que muitas crianças perdem seus pais e em seguida vão para um abrigo, por não ter avós ou familiares para lhes acolherem. E eu tive a sorte grande de ter os meus avós que são como pais para mim. Eu também consegui entender que, embora os meus pais com certeza fossem uma parte importante de mim, eu tinha aprendido a viver muito bem sem eles.

No primeiro dia que voltei à escola, depois de todo esse esclarecimento da minha história, passei a enxergar apenas os pontos positivos e a valorizar mais ainda meus avós, por saber de todo o sofrimento que eles também passaram com toda aquela situação e mesmo assim se dedicaram a cuidar de mim. Desde muito cedo eu aprendi que, às vezes, perdemos algo que gostamos muito e que queríamos ter para sempre, mas sempre vai ter uma nova oportunidade e muita vida pela frente.

Sobre o Autor

Paola Aparecida Speridião é aluna de Direito, tem 20 anos e é natural de Agudo - RS.

O tesouro do Arco-íris

Por Sabrina Ramos e Patricia Michelotti

Era uma tarde de sol e eu estava me preparando para brincar com os amigos na fazenda dos meus avós. Passar as férias de verão no campo fazia parte da minha lista de atividades favoritas, pois era o momento de correr pelos celeiros, sentir o cheiro da grama recém cortada, aprender como o mel é extraído e os morangos plantados, armar acampamento com fogueira (de verdade!) e ouvir o vovô contar suas histórias antigas, às vezes cantaroladas com o violão.

O mais legal era a diversão na casa da árvore, que foi feita com muito carinho, no alto de um carvalho, especialmente para mim. Lá éramos exploradores, caçadores de tesouros. Eu, meu primo Sadi e nossa amiga e vizinha, Amanda.

Já estava tudo preparado. O lanche feito pela vovó era bolo de fubá, suco de laranja e pão de queijo, cuidadosamente organizados na nossa cesta de piquenique, com uma toalha xadrez e nossos copos de exploradores – canecas de alumínio repletas de adesivos.

Depois de escolher minha roupa favorita para explorar, com uma luneta que a vovó me deu de presente no último verão, um binóculo

de brinquedo e um relógio antigo do vovô, que eu brincava que era uma bússola, estava pronta. Prendi o cabelo, coloquei meus tênis e saí ao encontro da minha dupla, em busca de nossos desafios daquele grande dia.

De repente, aquele céu claro da tarde de sol foi tomado por algumas nuvens que, carregadas, fizeram chover. Fiquei desanimada, pois achei que o dia seria todo dentro de casa, sem poder caçar aventuras pelo campo. Justo naquele dia em que a Amanda tinha um mapa do tesouro para desvendarmos, que seu avô mandou de presente de aniversário adiantado, afinal, no dia seguinte ela faria 10 anos e, segundo ele, merecia um tesouro! O mapa, na verdade, foi uma forma de compensar o fato de eles morarem tão longe e não poderem se ver nos aniversários.

Mas, para minha surpresa, a luz começou a voltar. O sol ainda estava lá! E quando essa luz encontrou algumas gotas de água, que ainda caíam do céu, os raios luminosos formaram um arco-íris. O dia tornou-se ainda mais especial. Era preciso aproveitar cada minuto.

Assim, corremos para a casa da árvore, organizamos nossos equipamentos de exploração e abrimos o mapa do tesouro: nele havia um arco-íris, exatamente como naquele dia! E o tesouro estava no seu fim, com um ponto de interrogação enorme. O que seria? Precisávamos descobrir.

Fomos então ao encontro da mãe da Amanda, para ver se ela sabia o que o avô de nossa amiga estava aprontando. Perguntamos o que era o tesouro. Será que seriam brinquedos? Ou muito dinheiro? Talvez pudesse ser um baú cheio de doces, bilhetes para o cinema ou vales para sorvete durante todo ano.

Tia Marta apenas riu de nossas suposições. Disse que deveríamos ir atrás, mas alertou: aproveitem a paisagem e o caminho.

Então assim o fizemos. Animados, caminhamos pelo campo

verde, acompanhando uma pequena estradinha de chão, repleta de flores e árvores com frutos, com alguns cavalos e muitas ovelhas às margens. A tarde era muito quente e os animais descansavam nas sombras.

Nós conversamos sobre o aniversário de Amanda e quais presentes ela gostaria de ganhar. Eu e Sadi citamos alguns jogos que tínhamos visto na TV como sugestão de pedido. Ela, encabulada, disse que na verdade gostaria de rever alguns amigos e os avós, pois sentia saudades e queria poder comemorar com eles uma data tão especial que se aproximava. Então torcemos por isso, em silêncio.

De repente, percebemos que o fim do arco-íris do mapa não era o mesmo fim do arco-íris que estava quase invisível no céu. Sadi insistiu que deveríamos ir pelo arco-íris de verdade, mas Amanda queria seguir o mapa. Eu, como juíza, estipulei que o "par ou ímpar" definiria. Sadi ganhou e entramos no matinho que ficava à esquerda do nosso caminho. Logo não víamos mais arco-íris e nenhum sinal de trilha. Mas a mata era tão bonita que nem Amanda queria voltar para o caminho original. Depois de uns 10 minutos caminhando mata à dentro, ouvimos um barulho muito forte, que parecia de um animal selvagem. Gritamos juntos e corremos, cada um para um lado, tanto que deixamos cair todo o lanche de nossa cesta. Mas logo me acalmei e chamei pelos meus companheiros. Nos juntamos e eu decidi:

— Chega, vamos voltar para nosso caminho e seguir o mapa! De qual lado nós viemos, Sadi?

Ele ficou pensativo e eu preocupada. Olhei para Amanda, que parecia ainda mais assustada. Nós estávamos perdidos! Foi quando Amanda pensou ter encontrado a solução:

— Você não consegue ver a direção na sua bússola?

Eu cocei a cabeça e tive que admitir que minha bússola era apenas um relógio velho. E foi aí que percebi que eu sequer estava com ele. Pensei ter perdido enquanto corremos do som dos animais, que agora não se ouvia mais.

Ficamos parados por um tempo, olhando para os lados em busca de algum indício de onde viemos. Foi então que Sadi sentou numa clareira e falou:

— Eu acho que aqui é o fim do arco-íris!

Ficamos sem entender absolutamente nada, quando ele, falando baixinho e com os olhos cheios de lágrimas, disse:

— Eu acho que o fim do arco-íris é aqui, e meus maiores tesouros são meus amigos e minha família, além da minha coragem e valentia, que vai nos levar de volta pra casa!

Num ímpeto, ele levantou e ameaçou dar uns passos em uma direção quando, parece que num passe de mágica, ouvimos a voz distante de nosso avô chamando: "crianças!!". Imediatamente respondemos ao chamado e ele logo chegou até nós. Vovô explicou o encontro:

— Vim atrás de vocês devido à demora e, enquanto fazia o caminho pela estrada, vi que meu velho relógio brilhava na entrada desse matagal. Logo imaginei que meus netos peraltas teriam entrado mata à dentro.

Sorri orgulhosa do meu equipamento, afinal, meu relógio se saiu uma ótima bússola!

— Desculpe, vovô! Foi ideia minha... — falou Sadi.

Nós estávamos intervindo para ele não levar a culpa sozinho, mas vovô interrompeu o assunto e sugeriu que voltássemos para a trilha, pois o sol ainda estava alto e tínhamos muito para aproveitar do dia. Amanda, então, falou mais baixinho, apenas para mim:

— Nossa, vocês têm muita sorte de poderem conviver com os

avós de vocês. Gostaria de ter os meus juntos de mim também.

Vovô acabou ouvindo e respondeu:

— Quem sabe ainda restam alguns tesouros para encontrar no final do arco-íris, Amandinha...

Voltamos os quatro para a trilha e Amanda retomou seu mapa. Chegando perto do fim do caminho, começamos a escutar algumas risadas e um forte barulho de água. O que seria? Amanda, que adorava água e sabia nadar como ninguém, correu na frente. De repente ela parou, abriu um largo sorriso e nos chamou.

Quando a encontramos, lá estava o tesouro: uma cascata de água límpida, alta e que reunia, ao final de sua correnteza, a calmaria de um riacho. Perto da água estavam eles: os amigos e avós de Amanda. Todos ao redor de uma mesa improvisada com docinhos e um bolo de aniversário. Era uma surpresa!

Eles cantaram parabéns em alto e bom som, enquanto nós sorríamos. Eu e Sadi também nos sentimos presenteados pela felicidade de nossa amiga Amanda. Ela mal podia acreditar que no final do arco-íris tinha um tesouro tão valioso. Claro que eu e Sadi levamos uns puxões de orelha mais tarde, mas, com certeza, a lembrança mais forte daquele dia é o sorriso da Amanda.

Sobre o Autor

Sabrina Ramos é aluna de Direito, tem 28 anos e é natural de Salto do Jacuí - RS.

Um novo motivo para Sorrir

Por Andrey Christian Bisognin Guidetti

Era uma manhã de sol, não tão bela quanto as outras, o dia amanheceu cinza para Mário. Seria o dia mais bonito até então, não fosse pela perda de seu melhor amigo, o cão Bidu. Triste, Mário sentou-se na frente de casa e começou a relembrar dos longos dias que passava brincando com seu cão. Foi quando João, seu amigo, passou pela calçada e o encontrou daquele jeito. João perguntou o que lhe havia acontecido e Mário lhe explicou a situação.

João, comovido com a situação, contou que o mesmo havia acontecido com ele e que, depois de algum tempo, adotou um novo cãozinho. Mário então perguntou se João conhecia algum abrigo, pois gostaria de adotar um novo amiguinho. Então, João falou que conhecia o abrigo da cidade, mas que estava em situação muito ruim e estavam quase fechando por falta de condições para cuidar dos animaizinhos que lá ficavam.

Mais tarde naquele dia, Mário e João foram até o abrigo. Chegando lá, encontraram uma situação pior que a imaginada por eles. Muitos

dos animais estavam doentes por falta de vacinas e medicações, e os poucos que estavam saudáveis, ainda sofriam pela falta de comida que tinha de ser dividida entre todos eles. Por lá, encontraram a responsável pelo cuidado e pela manutenção do abrigo, dona Lúcia, que os contou que a situação não andava fácil e que as coisas poderiam piorar, pois o dinheiro que recebiam de doações para compra de ração e remédios estava quase terminando e não seria suficiente para que pudessem passar o mês. Após conversarem com dona Lúcia, os meninos decidiram tomar alguma atitude, pois ficaram chateados com a situação e, principalmente, tristes com o que poderia acontecer aos animaizinhos.

Passados alguns dias, Mário e João se reuniram novamente e decidiram organizar uma forma de recolher recursos para ajudar o abrigo. Fizeram de tudo um pouco; venderam coisas que não utilizavam mais, juntaram suas mesadas e conseguiram uma certa quantia de dinheiro. Porém, pouco conseguiram fazer com essa quantia, compraram alguns quilos de ração e levaram até o abrigo.

Foi quando tiveram a melhor das ideias! Os dois desenharam folhetos para entregar às pessoas, em que pediam doações para que pudessem ajudar aqueles pobres bichinhos. De imediato, percorreram a cidade entregando os folhetos na esperança de receberem alguma ajuda. Porém, após várias horas de caminhada, viram que sua ideia não tinha dado certo e que novamente seu trabalho todo seria em vão.

Após alguns dias, dona Lúcia procurou Mário para lhe contar das novidades. Haviam doado muitos quilos de ração e alguns remédios que iriam ajudar a manter o abrigo por bastante tempo. Então, por serem crianças de coração muito puro, Mário e João foram convidados para irem até o abrigo conhecer os animaizinhos.

Ao chegarem lá, os meninos encontraram dona Lúcia banhando os cachorros. Perguntaram sobre os que estavam doentes e prontamente ouviram que, por conta de seus panfletos, um veterinário local tinha doado os remédios e realizado o tratamento deles, bem como tinha os vacinado e doado certa quantia de ração, que seria suficiente para um ou dois meses.

Após ouvirem essa boa notícia, ficaram mais tranquilos, pois nenhum daqueles novos amigos iriam sofrer novamente, e Mário e João juntaram-se à dona Lúcia e ajudaram a senhora a terminar de banhar os demais animais. Foi então que dona Lúcia os convidou para auxiliar na feira de adoção, que aconteceria no dia seguinte, e os meninos voltaram para suas casas, cansados e realizados por poderem ajudar.

Ao deitar para dormir, Mário ficou pensativo, pois um cãozinho tinha lhe chamado a atenção. Era igual seu velho amigo Bidu, com quem havia passado muitos momentos bons. No outro dia, Mário acordou cedo para a feira de adoção, e logo pensou que essa seria a chance de poder ter um novo amigo com quem viver momentos tão bons quanto havia vivido com Bidu.

Então, rapidamente, levantou-se da cama, tomou seu café e imediatamente foi à casa de João, convidá-lo para irem até a feira de adoção. Chegando na feira, encontraram mais uma vez com dona Lúcia, que desta vez estava alegre e com um brilho nos olhos. Lá passaram o dia ajudando com as adoções que aconteciam.

Ao fim do dia, havia sobrado somente um cãozinho que não tinha sido adotado. Era justamente aquele por quem Mário tinha se encantado por ser igual à Bidu. De imediato, o menino chamou dona Lúcia e perguntou se poderia ficar com aquele filhote, pois tinha certeza que aquele pequeno amiguinho o traria grandes alegrias, como havia sido com Bidu.

Encantada com a situação, dona Lúcia não pensou duas vezes, concordou com a adoção e Mário correu buscar o filhote, que recebeu o nome de Toddy. E assim, Mário pôde voltar a sorrir, pois viveria novamente as alegrias passadas, agora com seu novo mascote.

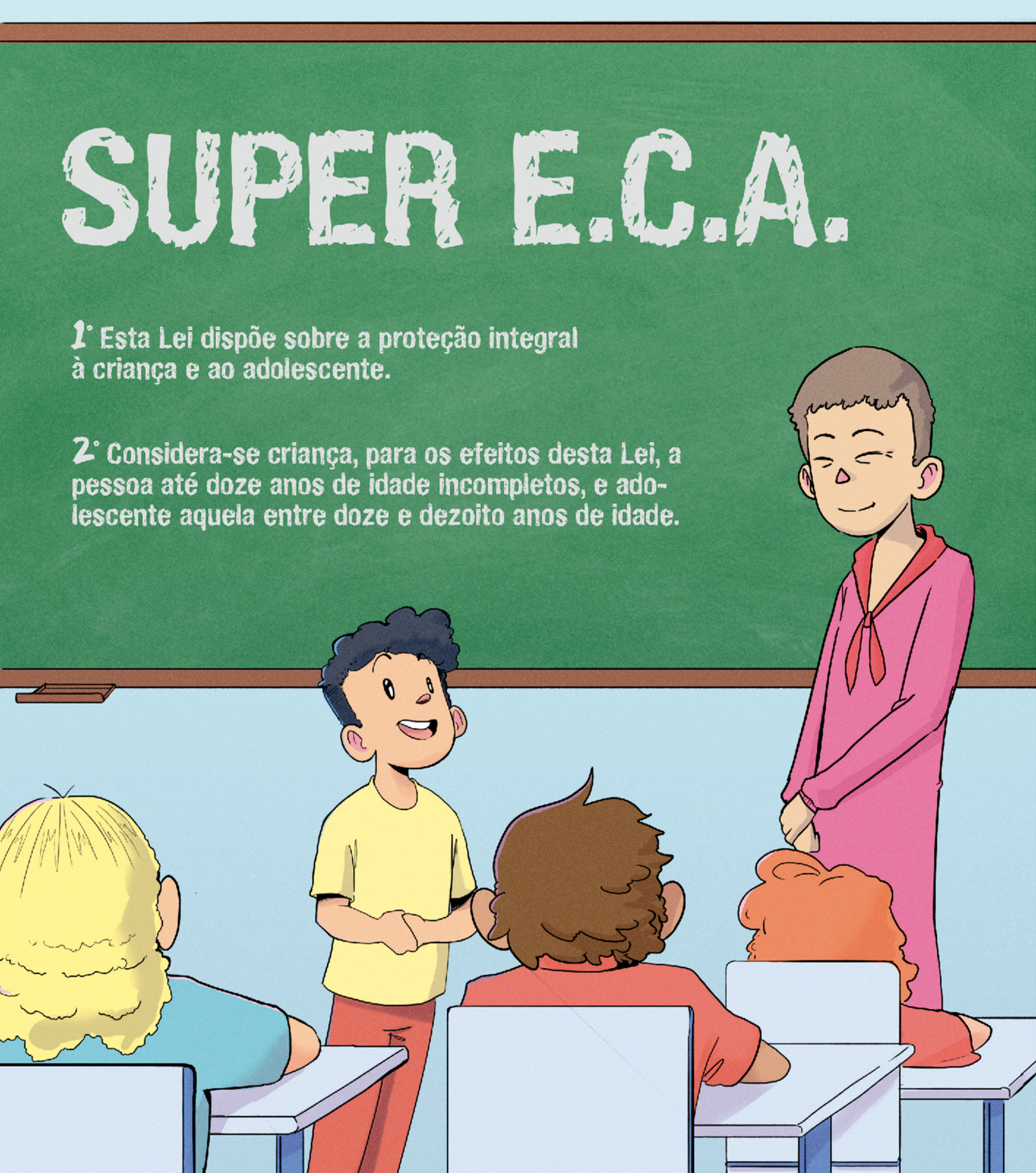
Sobre o Autor

Andrey Christian Bisognin Guidetti é aluno de Direito, tem 22 anos e é natural de Restinga Sêca - RS.

SUPER E.C.A.

1° Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

2° Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.



Super ECA

Por Marciana de Oliveira

Quando eu era criança, gostava muito de ler revista em quadrinhos, do Homem-Aranha, Menino Maluquinho… mas as favoritas eram de super-heróis. Uma vez a professora Nair pediu um trabalho para turma: precisávamos ler um pequeno livro ou revista no prazo de uma semana e, após isso, contar aos colegas a história durante a aula. A professora também fez um concurso, e a melhor história ganharia um prêmio surpresa.

Todos da turma ficaram animados, e eu como sempre fui o menino bagunceiro, resolvi me redimir, queria mostrar para a professora Nair que eu também era inteligente e capaz. Eu tinha talento, mas a minha hiperatividade durante as aulas era enorme, como se eu soubesse as respostas para tudo e para todos, e isso me deixava confuso. Mas eu precisava me esforçar como todos. Então pensei em vários livros, mas nada parecia legal o bastante, queria algo novo e diferente.

Ao chegar em casa tive uma grande ideia: o escritório do papai. Eram livros do trabalho, mas também eram livros diferentes dos da escola. Palavras estranhas e histórias longas, estava quase desistindo dos livros de

papai quando avistei uma revista colorida e com imagens de crianças, o título era "ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente", mas não era como as revistas em quadrinhos, possuindo números e frases.

Pareciam com regras e eu sabia o que era uma regra. Na parede da minha casa, mamãe e papai fizeram mural delas: não dormir até tarde, lavar as mãos antes das refeições, pedir licença e dizer obrigado. Na escola também existiam regras, em todo lugar e meu pai falava sobre a importância de respeitá-las. As regras do ECA falavam sobre as crianças e adolescentes, os protegiam, com direito à saúde, brincar e praticar esportes. Li muito sobre ele e durante o jantar pedi que papai me explicasse mais sobre o Eca.

Eu estava preparado para o concurso de histórias e também seria legal contar às outras crianças que o país tem leis que nos protegem, iguais as histórias de super-heróis. A professora chamou por ordem alfabética, como foi legal escutar os colegas contando suas histórias, todos contentes e felizes. Foi o melhor trabalho de todos, ouvi histórias lindas e engraçadas, todos se esforçando, lendo e treinando para falar na frente dos colegas. Quando chegou minha vez, fiquei um pouco nervoso, lembrei de respirar fundo e pensar antes de falar, então comecei a contar:

— Em 13 de julho de 1990, nasceu um herói brasileiro chamado Super ECA. Super ECA era muito inteligente e possuía diversos poderes, ele protegia e cuidava de todas as crianças do Brasil… — foi assim que comecei minha história. Contei a todos sobre algumas regras que estavam escritas, levei comigo também um cartaz que fiz com ajuda da mamãe, nele escrevemos algumas regras importantes. "Super ECA existe! Devemos contar aos nossos pais ou professores quando algo de ruim acontecer, para que Super ECA possa ajudar".

Valentina, minha colega, também contou uma história muito legal

sobre uma certa Alice no País das Maravilhas, e a professora ficou encantada. Valentina era inteligente e sempre tirava boas notas. Um mês antes do concurso, durante o recreio, ela me perguntou o motivo de ser tão elétrico na sala de aula, dizendo:

— Pedro, você coloca o dedo na tomada antes de chegar na escola?

Falei que caminhar me acalmava, pois tinha medo de ler minhas respostas para a professora ou de ir até o quadro resolver um simples probleminha de matemática, medo de errar.

Valentina era muito legal e sempre ajudava a todos. Ela contou sobre essa Alice que vivia no País das Maravilhas, sobre tentar e enfrentar nossos medos...

No final da aula, a professora anunciou o ganhador do concurso. Falou que o motivo do trabalho possuía um grande propósito, éramos crianças mas que precisávamos desde cedo enfrentar os obstáculos da vida, sempre com muito respeito e dedicação. Parabenizou a todos. Mas o prêmio surpresa seria da história do Super ECA. Fiquei muito feliz!

A professora Nair me entregou um bolo com muito chocolate, então decidi reparti-lo com todos da sala. O prêmio seria de todos nós!

Afinal, às vezes temos dificuldade para resolver os nossos problemas, mas ter dificuldade é normal! Precisamos ter a coragem de Alice para vencer nossos medos, pois não estamos sozinhos.

Sobre o Autor

Marciana de Oliveira é aluna de Direito, tem 20 anos e é natural de Ibarama - RS.

Um sonho para Todos

Por Andrieli Zanon

Em uma bela tarde de sol, enquanto podia-se brincar pelas ruas, Alice, mesmo com seus 12 anos e cheia de vida, permanecia em seu pequeno quarto. Ela podia observar pela janela, as outras crianças de sua idade brincando perto de sua casa. Mas ela adorava escrever histórias e passava horas em seu quarto colocando as ideias no papel, pois também fazia parte do seu grande sonho. O sonho de ser uma escritora muito reconhecida.

Esse sonho também tinha um objetivo, o de ajudar seus pais financeiramente, pois não possuíam muitas condições para arcar com todas as despesas da casa. Se Alice fosse uma escritora super famosa e vendesse vários dos seus livros pelo mundo, ela poderia ajudar seus pais a quem tanto amava.

Como ela preferia ficar em casa escrevendo seus contos, na escola, Alice não tinha muitos amigos. Mas tinha Clara, sua melhor amiga. Ela era a mais animada de todas e fazia de tudo para ver sua amiga feliz. Alice realmente podia confiar na sua fiel amiga. Ah, e Clara era a única pessoa

que já havia lido as suas histórias e se intitulava sua fã número um.

Na sua escola, todo ano havia a oportunidade de as crianças mostrarem as suas histórias para que todos os alunos lessem e, por votação, a melhor delas viraria um livro. Alice sempre pensava que desse modo daria o primeiro passo para construir o caminho do seu sonho. Porém, em todas as edições havia um prazo para o envio das histórias e Alice sempre deixava o prazo do envio passar.

Ocorreu então a abertura do prazo para o envio das histórias e mais uma vez o prazo foi encerrado sem que Alice pudesse realizar o envio. Por alguns dias, Alice se manteve triste, pois mais uma vez ela deixou a oportunidade passar, pelo simples fato de ter medo. Ela se culpava muito e se questionava por que toda essa insegurança se ela mesma acreditava no seu potencial.

Clara nem precisou perguntar o motivo da sua tristeza, ela já sabia exatamente o que havia ocorrido. Clara sempre foi aquela amiga que se podia contar para todas as horas, nos momentos bons e ruins, e para esta situação ela já tinha o plano perfeito para ajudar sua melhor amiga.

As duas passaram uma noite inteirinha selecionando qual seria a melhor história já escrita por Alice, horas e horas, lendo e relendo, até que finalmente apareceu o conto perfeito para o seu plano. A oportunidade da seleção para o livro da escola realmente havia passado, mas a ideia era distribuir a sua história pela escola toda, pois não poderiam esperar o próximo ano do concurso. Elas iriam imprimir o conto, um por aluno, e deixar nos armários de todos. Ah, a autora seria anônima, Alice apenas aceitou o plano de Clara com essa condição.

Sem nenhuma surpresa, a história foi um sucesso na escola, durante a semana toda o único assunto que se podia ouvir pelos corredores era a dúvida de quem era a escritora anônima. Então, por

algumas semanas, as duas seguiram distribuindo as histórias. Foi um sucesso atrás do outro, e Alice estava mais radiante do que nunca. Ela finalmente pôde perceber que o seu medo e sua vergonha apenas a atrapalhavam.

Como Alice estava super feliz, pensou em falar com a diretora da escola, a dona Amélia. Explicou toda a situação e sua tamanha tristeza por não ter realizado a inscrição para o livro da escola mais uma vez, que estava muito arrependida e esta foi a única ideia que ela e sua amiga Clara tiveram.

Dona Amélia também estava entusiasmada, pois, por semanas, Alice alimentou as crianças da escola com histórias incríveis, serviu de muito aprendizado para todos e foi exatamente esse pensamento que ela quis passar à Alice. Nem sempre os nossos sonhos são apenas para nós, eles também podem ajudar outras pessoas e inspirá-las para que sigam o seu próprio sonho.

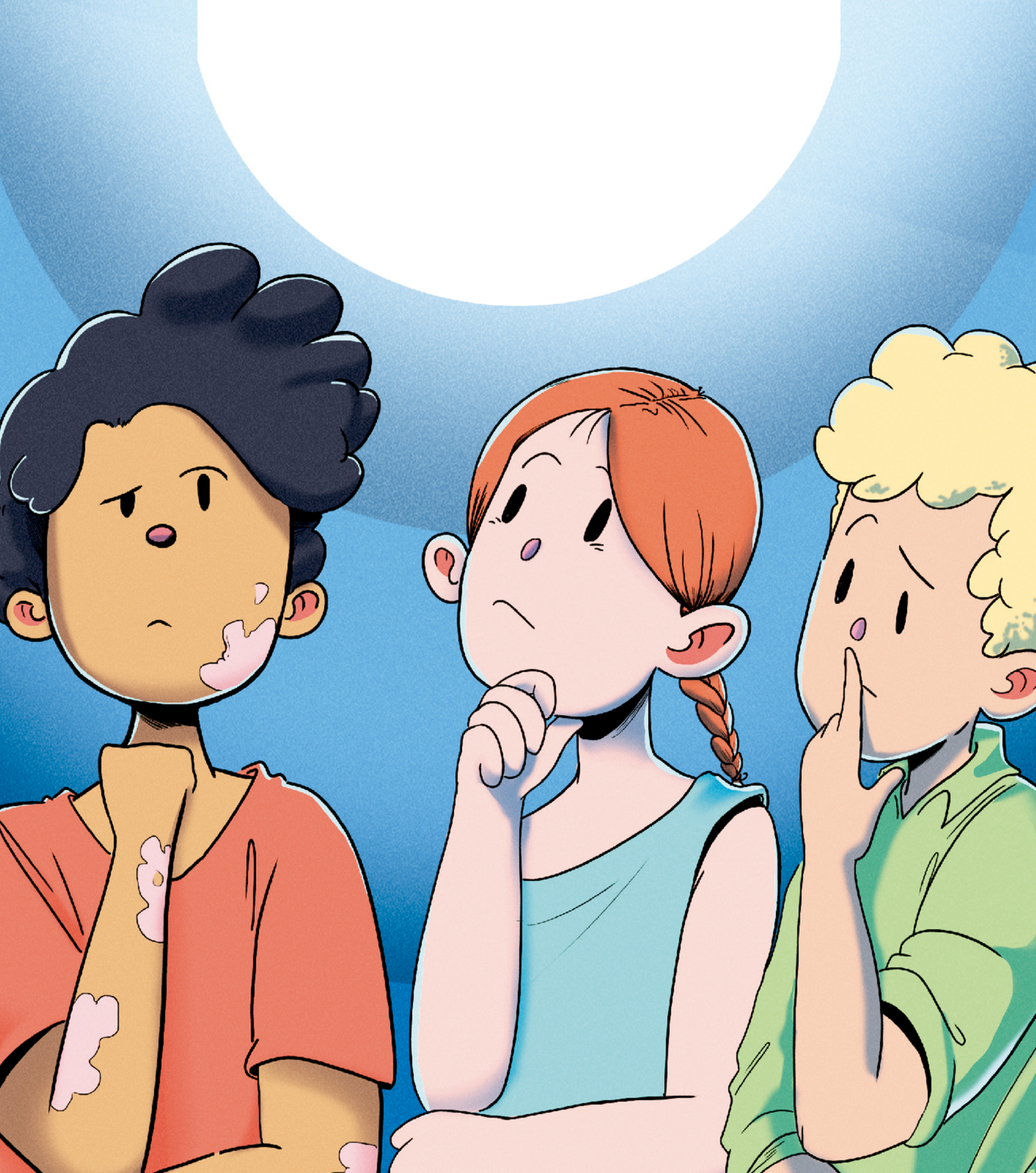
Alice saiu da sala da diretora com o coração explodindo de tão feliz, ela estava tão confiante que lhe brilhou uma ideia incrível. Como um dos motivos do sonho de Alice era ajudar seus pais financeiramente no futuro, ela não teria como criar um livro sozinha sobre suas histórias, seus pais nunca teriam o dinheiro para isso. Mas pensando em todas as pessoas que leriam as suas histórias, para ela ficou claro que se ela não tinha dinheiro para publicar um livro, muitas crianças também não teriam dinheiro para comprá-lo.

Foi aí que Alice pensou em criar um blog. Publicando as suas histórias na internet, muito mais pessoas teriam acesso sem ter que pagar nada. Suas histórias poderiam percorrer por vários lugares, várias casas e escolas de modo muito mais prático. E dessa vez iriam com o seu nome, para todos a conhecerem.

Era desse modo que se iniciava o seu sonho de ser uma escritora reconhecida pelo seu potencial e suas histórias. E claro, esperar o próximo ano para publicar um conto no livro da sua escola.

Sobre o Autor

Andrieli Zanon é aluna de Direito, tem 21 anos e é natural de Nova Palma - RS.



Salvando o verão de Carlos

Por Kellen Andressa Rodrigues do Couto

Era uma vez na cidade de Maestria um menino chamado Carlos, ele era um menino muito inteligente, educado, responsável, amava a natureza, os animais, e adorava estudar e brincar com seus amiguinhos.

Carlos era um menino travesso, subia em árvores, corria pelos campos da sua cidade e tinha muitos amigos que entravam em suas divertidas aventuras. Todos os dias ele se encontrava com seus amigos para ir à escola, que ficava a uma quadra da casa de Carlos, o caminho até a escola era muito divertido, Carlos e seu melhor amigo João e sua amiga Luana iam cantando até a escola ou, às vezes, iam contando histórias, pois o trio adorava ler. Aliás, essa era uma das diversões favorita deles, pois o combinado entre os três era cada um ler uma história para, em seu tempo livre, contarem uns aos outros.

O trio adorava fazer tudo junto, eram colegas de aula, faziam os trabalhos juntos, brincavam e se divertiam muito. Nas férias de verão eles sempre combinavam de ir juntos tomar banho de piscina e brincar na pracinha do clube que ficava perto de suas casas. Mas Carlos tinha um problema de pele chamado dermatite atópica, uma

doença que nasceu junto com ele e que exigia certos cuidados, como por exemplo: todos os dias antes de Carlos sair de casa, seja para ir brincar ou ir para a escola, precisava passar protetor solar no verão e passar cremes para pele sensível no inverno.

Carlos sempre foi um menino muito responsável e seguia à risca todos os cuidados com sua pele. Essa doença não tem cura e ele não podia fazer nada para que isso mudasse, mas podia seguir em frente e levar a vida leve e com os cuidados necessários. Isso nunca foi nenhum problema para ele, e nem para seus amigos que estão sempre dispostos a lhe ajudar.

O verão estava se aproximando, Carlos e seus amigos estavam ansiosos para que o clube onde eles frequentavam todos os verões abrisse logo para eles poderem curtir a enorme piscina, com escorregadores e trampolins. Os dias foram passando, até que o clube anunciou que dentro de quinze dias as piscinas iriam abrir e que todos que fossem frequentar já deveriam agendar seus exames. Os exames eram feitos por questão de segurança, tanto do clube quanto de quem está fazendo, até mesmo para evitar algum problema que possa vir acontecer caso não tenha a prescrição médica.

No dia marcado, Carlos e seus amigos foram realizar o exame que todo o ano o clube solicitava para poder entrar nas piscinas, eis que o médico olha para Carlos e lhe diz que ele não está apto a frequentar as piscinas, pois seu problema de pele pode contagiar outras pessoas. Indignado com a atitude do médico, Carlos e seus amigos tentaram explicar que seu problema não era transmissível, que fazia anos que ele frequentava o clube e sempre pôde entrar dentro das piscinas. O médico, no entanto, não deu ouvidos aos garotos e pediu que eles se retirassem da sala.

Carlos ficou muito triste com toda essa situação, e seus amigos também ficaram, pois sabiam que o problema dele não era transmissível. Pensando em alguma solução para o problema, Luana teve uma brilhante ideia:

— Carlos, o médico disse que você não poderia entrar na piscina, mas não vetou sua entrada no clube em si, e se nós fizermos cartazes explicativos e informativos sobre seu problema de pele para colar no clube? Todo mundo ia ver e entender.

Carlos topou na hora, e agradeceu sua amiga pela brilhante ideia, combinaram de, no outro dia, juntar mais amiguinhos para a realização dos cartazes e assim o fizeram.

No final de semana eles foram até o clube e colaram por todos os cantos os cartazes, bem coloridos e chamativos. Nos cartazes, eles explicaram que Carlos nasceu assim e que todos os anos ele ia na piscina e que nunca tinha passado nada para ninguém. Com toda a função que eles fizeram, chegou até a direção do clube todo o acontecido, eis que o diretor chama Carlos e lhe pede desculpas por todo o ocorrido e que ele já havia agendado outra consulta médica para Carlos com outro médico, que aquele que o atendeu no outro dia era inexperiente e que, por falta de precedentes, não soube lidar com toda a situação.

Após uma nova consulta, Carlos foi liberado para usar as piscinas do clube sem nenhum problema. Mas, claro, ele deveria tomar todos os cuidados, passando bastante protetor solar, usando boné quando não estivesse na sombra e tomando muita água para seguir se hidratando. Logo depois disso, Carlos foi correndo contar para seus amigos que poderia entrar nas piscinas e agradeceu todos pela ajuda prestada a ele para que conseguisse ter o direito de entrar nas piscinas novamente como sempre pôde.

Às vezes, a falta de informação das pessoas ocasiona impactos muitas vezes negativos em quem está recebendo a notícia, mas Carlos e seus amigos nos mostraram que não precisamos baixar a cabeça, e sim trabalhar em equipe para que possamos conseguir aquilo que tanto queremos, sem precisar ferir ninguém.

Sobre o Autor

Kellen Andressa Rodrigues do Couto é aluna de Administração, tem 23 anos e é natural de Quaraí - RS.

A escola dos sonhos de Júlia

Por Valentina Neis Caraffa e Lais Cristina Mota Cervo

Júlia era uma menina muito determinada. Tinha muita curiosidade e interesse por tudo que via e ouvia. Para a pequena Júlia, a cidade onde morava era mágica. Ela era apaixonada por cada detalhe da cidadezinha cercada por natureza, com muitas montanhas, árvores e animais. Localizada no interior do Rio Grande do Sul, a cidade de Arvorezinha tinha apenas uma escola, onde Júlia estudava. Lá, desde sempre, as crianças aprenderam sobre a importância da preservação do meio ambiente e o cuidado com as pequenas coisas, que consequentemente auxiliam em uma vida melhor para a comunidade.

Júlia era muito esperta, sempre estudou na Escola Professor Braga, assim como seu irmão. Com apenas 10 anos, já se preocupava muito com os cuidados com a natureza e adorava cultivar plantinhas. Em um dia, durante uma aula sobre preservação do meio ambiente, perguntou para a sua professora:

— Professora Rosa, o que são os ODS?

A professora Rosa, surpresa com a pergunta, respondeu:

— Que pergunta maravilhosa, Júlia, onde você ouviu falar sobre isso?

— Estava passeando com minha mãe na cidade e vi alguns cartazes que falavam isso...

— Muito bem, Júlia... ODS é uma sigla para Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que são algumas metas desenvolvidas por diversos países em conjunto para transformar o mundo num lugar melhor. Entre outras coisas, buscam que as pessoas aprendam, cada vez mais, como conservar a natureza e qual a importância que ela tem em nossas vidas.

— Ah, entendi, professora. Mas se existe esse grande movimento, por que os alunos que estudam no Ensino Médio ficam jogando lixo pela janela? Isso tudo vai deixando nosso pátio mais feio e sem graça, nem dá vontade mais de brincar lá fora.

— É verdade, professora – responderam os colegas de Júlia.

A professora, muito surpresa, propôs um desafio para os alunos:

— Não sei responder sua pergunta, Júlia, mas o que vocês acham de começarmos um dia por semana recolher o lixo lá de fora? Assim contribuímos para que nossa escola continue linda.

A turma, entusiasmada com a ideia da professora, concordou e, então, no dia seguinte, começaram as atividades. Mas, após alguns dias, algumas semanas, um mês do recolhimento do lixo, cada vez apareciam mais coisas para a turma recolher.

Um dia, na sala de aula, a diretora da escola foi conversar com as crianças e dar parabéns pela atividade que estavam realizando. No entanto, José, um dos alunos da turma, falou:

— Acho uma perda de tempo recolher esse lixo... Não adianta nada nós fazermos isso se cada dia tem mais e mais lixos. Os "grandes" deveriam saber o quanto estão fazendo mal para nossa escola, deixando ela mais feia e suja.

Assim, toda turma começou a falar sobre como a atividade não estava sendo legal, pois a sujeira não diminuiu como eles imaginavam.

Certo dia, quando a turma estava recolhendo o lixo, atividade que eles faziam toda a semana, as turmas do Ensino Médio passaram e começaram a rir deles.

Jorge, irmão mais velho de Júlia, passou e disse:

— Crianças bobas, vocês limpam e a gente suja!!!

Outros alunos, da mesma turma, continuaram:

— Que perda de tempo esse papo de meio ambiente.

Ao retornar para a sala de aula, os colegas conversaram com a professora, contando o que tinham ouvido. Júlia disse:

— Eu não consigo entender porque as pessoas não se preocupam com o meio ambiente, isso é essencial para nossa vida. Nós temos que fazer alguma coisa.

Pedro concordou:

— Temos que continuar fazendo a nossa parte, mas temos que fazer algo a mais.

Júlia, muito inteligente, teve uma ideia:

— E se nós fizéssemos uma gincana aqui na escola, envolvendo os ODS, principalmente os que falam sobre o meio ambiente, nós co-locaríamos prêmios para as equipes vencedoras e assim estimulamos todos a participarem.

A professora adorou a ideia e prontamente começou a organizar como a atividade seria realizada. A turma foi dividida em grupos, de forma que cada grupo trabalhasse uma etapa da gincana.

Estavam todos decididos a não apenas convencer o pessoal do ensino médio sobre a importância de manter a escola e a cidade limpas, mas sim a escola toda.

No dia que tudo estava organizado e as tarefas esquematizadas, começou a atividade. José, Julia e Joana separaram as turma em três grupos aleatórios e cada um dos amigos iria liderar um deles, os grupos representavam três dos quatro elementos da natureza, José seria o líder do grupo "Água", Júlia do grupo "Terra" e Joana do grupo "Ar".

A professora Rosa, que ajudou as crianças na organização da gincana, ficou como coordenadora e passou as regras para as equipes. Os grupos teriam a semana inteira para realizarem as tarefas, e eles iriam se reunir no pátio da escola toda a sexta-feira para checar se todos haviam cumprido as regras e realizarem a somatória dos pontos, e na última sexta do mês, após 4 semanas de atividades, iriam escolher enfim o grupo vencedor.

A professora Rosa então explicou para os alunos como seriam as atividades: na primeira semana cada grupo deveria buscar patrocinadores para o prêmio final da gincana; na segunda semana, cada participante do grupo deverá recolher lixo em seu bairro, lixos recicláveis, como caixinhas de leite, papelão, garrafa pet; na terceira semana haveria a produção de novas coisas a partir dos lixos secos recolhidos; por último, seria um dia em que os alunos fariam uma feira e iriam vender para a comunidade as suas produções. Junto da venda, deveriam explicar todas as etapas da gincana, como foi produzido o material e qual o objetivo do projeto.

Durante essas quatro semanas, a movimentação e organização dos alunos foi intensa. Cada semana as atividades eram melhores desenvolvidas e os alunos se envolviam mais. Com isso, passaram a querer entender cada vez mais como funcionava o meio ambiente e como eles poderiam fazer para cuidar e preservar cada vez mais ele, ensinando suas famílias sobre o tema.

Graças à iniciativa dos alunos, o projeto tomou grandes propor-

ções e, inclusive, a prefeitura da cidade passou a realizar a coleta seletiva. Assim, após realizarem todo o ciclo de separação, de reciclagem e de venda dos produtos, os alunos entenderam que os pequenos hábitos do dia a dia podem fazer um mundo melhor, com menos lixo e sujeira.

Após perceber como as atividades das crianças foram benéficas para toda a comunidade, e principalmente para a escola, Jorge agradeceu Júlia:

— Parabéns, maninha, fiquei orgulhoso de você e toda sua turma. Vocês nos ensinaram como o meio ambiente é essencial para nossa qualidade de vida e como a escola é muito mais agradável quando está limpa.

Os efeitos do projeto não pararam por aí. A escola passou a não ter mais lixo no chão, todos os alunos em conjunto começaram a zelar pela limpeza da escola e a separação do lixo, e também começaram a desenvolver outros projetos na comunidade para diminuir o lixo na rua.

Júlia e toda turma comemoraram o sucesso da atividade. Entenderam que, mesmo sendo jovens, podem ser protagonistas em suas sociedades, promovendo a mudança necessária para um mundo mais ecológico e limpo.

Sobre o Autor

Valentina Neis Caraffa é aluna de Direito, tem 20 anos e é natural de Três de Maio - RS.

Lais Cristina Mota Cervo é aluna de Direito, tem 20 anos e é natural de Tangará da Serra - MT.

Transformando o medo em Paixão

Por Vinicius e Silva Gomes

Ana era uma criança que morava em uma pequena e aconchegante cidade do interior. Vivia muito feliz com a sua família, apesar de serem muito humildes. Ela voltava do colégio todos os dias na companhia de seus amigos e colegas, passava por toda cidade acenando e conversando com todos os moradores. A sua casa era a última da rua e por isso ela deixava todos os seus amigos em casa, antes de chegar na sua. Indo para casa, sempre passava pela fazenda de seus vizinhos, seu Adalberto, um senhor de idade avançada com cabelos grisalhos e olhos azuis, e sua esposa dona Marina, uma baixinha, com a coluna inclinada de tanto trabalhar na juventude, com um rosto sempre alegre e simpático.

Seu Adalberto era criador de cavalos, gostava muito de domar, mas sempre muito carinhoso, cuidadoso e gentil com seus preciosos cavalos. Ana sempre passava e via seu Adalberto com os equinos e, desde pequena, sempre gostou de animais e da natureza. Brincando no quintal de sua casa, avistava de longe os animais e sempre pensava

como seria montar em um cavalo e lembrava dos programas que seu pai assistia aos domingos de manhã, que falavam sobre domar cavalos. Parecia tão fácil montar em um cavalo e cavalgar, foi então que ela adormeceu com essa ideia na cabeça.

No dia seguinte, levantou cedo, tomou seu café e foi para o ar livre, correndo com seus cabelos castanhos ao vento. Viu que na fazenda ao lado tudo estava parado, não havia ninguém. Seu Adalberto e dona Marina tinham saído, então a menina foi até lá, bem devagar, para certificar-se que não havia mais ninguém. Foi em direção aos estábulos e pegou uma égua branca, linda. Ela já vira seu Adalberto várias vezes montando nela e sabia que seu nome era Bela. Com muita coragem e sem nenhum conhecimento, subiu e conseguiu andar alguns metros com a égua, mas depois de alguns instantes caiu e se machucou.

No momento em que a menina havia caído, seu Adalberto estava chegando, ele saiu correndo, assustado e gritando. Felizmente, logo percebeu que foram apenas alguns arranhões, então pegou a garotinha e a levou para dentro de casa. Dona Marina limpou os machucados e lhe ofereceu chá para que Ana ficasse mais calma e melhor. Logo informaram a menina que ela teve muita sorte, pois poderia ter acontecido algo mais grave, pois montar era muito perigoso. Chamaram os pais da menina e todos foram ao hospital para garantir de que realmente ela estava bem.

Ao final do dia, quando a menina já estava melhor e em casa, seu pai não sabia se estava mais furioso ou com medo de perdê-la. O que ela havia feito foi muito grave, por isso a pôs de castigo. Ana ficou triste e chorava muito, ela só queria realizar seu sonho de andar a cavalo. Seu Adalberto viu a menina triste e tentou arranjar um jeito de melhorar a situação. Foi até o pai dela e ali os dois tiveram uma longa

conversa. No outro dia, o pai de Ana acordou-a cedo e, ao chegar na cozinha, a menina viu o seu Adalberto sentado junto de seu pai. Os dois pediram à menina para que ela se sentasse com eles, assim, seu Adalberto começou a falar:

— Oi, mocinha, que tombo feio aquele, né!?

Ana respondeu:

— Sim, desculpa por pegar seu cavalo sem sua permissão.

Após as desculpas de Ana, gentilmente seu Adalberto falou:

— Claro, mas foi muito perigoso o que você fez, podia ter acontecido algo pior. Você gosta de cavalos, não é mesmo?

Sem hesitar a menina respondeu:

— Eu gosto muito!

Nesse momento, seu Adalberto falou para Ana que havia conversado com seu pai e ele disse que havia deixado ela aprender a andar a cavalo, com algumas condições: ir bem na escola e dedicar-se a aprender. Já entusiasmada, Ana olhou para seu pai e disse:

— Sério, pai, eu vou poder andar a cavalo de novo?

E ele sorrindo respondeu:

— Sim, filha, com a ajuda e os ensinamentos de seu Adalberto, é claro!

Depois, Ana abraçou os dois e agradeceu.

Alguns dias depois, eles foram para a fazenda de seu Adalberto. Chegando lá, encontraram os dois senhores tomando café e falaram para ela sentar-se junto a eles e alimentar-se, depois ia ter muita coisa para fazer. Ana estava confusa, pois queria cavalgar e não conversar. Mas aceitou o convite e depois foi junto do seu Adalberto para fora. Ele começou a falar de raça de cavalos e tudo o que um cavalo representava para ele.

Por um mês, seu Adalberto ensinou para Ana tudo sobre cavalos, como limpá-los, como encilhar um cavalo, qual alimento dar a eles, entre outras coisas. E disse que o dia dela montar em um cavalo estava se aproximando. Ana passou noites em claro, esperando ansiosamente por este momento. Porém, a menina teve um pesadelo na noite anterior que iria montar no cavalo, sonhou com o dia que havia caído do cavalo e ficou assustada. Foi até seu pai e disse que não iria mais ir.

Passou algumas horas e seu Adalberto estranhou ela não ter aparecido, foi até a casa da menina para ver o que estava acontecendo, quando descobriu, foi falar com Ana. Ela disse que estava com medo de cair de novo, e seu Adalberto, paciente e gentil, falou:

— Sentir medo é normal, estranho seria se não o tivesse, o medo faz parte do ser humano, deve enfrentá-lo para que ele vá embora e apareça a alegria, para que sua angústia vire paixão.

Ana perguntou para ele:

— O senhor já sentiu medo?

— Várias vezes, e sabe quantas dessas vezes eu me rendi a ele? Nenhuma. E você também não deve se render – disse o seu Adalberto.

Então, com um sorriso enorme, a menina foi até o encontro da égua em que iria montar.

Quando chegaram na fazenda, Ana olhou para a égua sem medo, lembrou dos momentos de aprendizado, encilhou-a – com a supervisão de seu Adalberto - e montou na Bela. Nesse momento, viu que realmente o medo fora embora e veio a alegria. Sua angústia desapareceu e a paixão por cavalos e pela Bela cresceu ainda mais.

Sobre o Autor

Vinicius e Silva Gomes é aluno de Direito e Ontopsicologia, tem 20 anos e é natural de Uruguaiana - RS.

Para onde vão as folhas quando caem?

Por Andriele Mostardeiro

Em tempos de troca de estação, a natureza inteira se envolve em uma grande festa: o inverno traz o frio e aconchego quentinho dos abraços, a primavera tem a beleza e o cheiro doce das flores, o verão traz o calor e o geladinho do sorvete, e o outono a magia da metamorfose das plantas e é sempre assim, em um ciclo sem fim.

Naquele ano, quando acabou o verão, estávamos nos preparando para a volta às aulas, eu e meus dois melhores amigos. Opa! Esqueci de me apresentar, eu sou a Anna e meus amigos são Lucas e Bianca. Naquele ano iríamos para o 5º ano na Escola Bem me Quer. Estávamos ansiosos para as novas aventuras que iriam surgir. Sempre moramos em uma cidadezinha bem pequena chamada Campo Alegre. Nossa cidade trazia aos moradores alegria com dias cheios de cor: havia campos verdes por todos os lados, grama molhadinha de orvalho pela manhã e árvores que enchiam as ruas de flores e aromas, com pássaros e seus lindos cantos, dava gosto de acordar cedinho e apreciar o dia e a natureza acordando quando íamos a caminho da escola. Mas ninguém tinha ideia do que iria acontecer naquele ano com a nossa querida cidadezinha.

Na escola, nos primeiros dias estávamos aprendendo nas horas vagas a cultivar uma mini horta no pátio. Eu e meus amigos aprendemos algo diferente e, melhor ainda, fora da sala de aula. Lembro da sensação gostosa que senti em uma dessas aulas:

— Que legal saber que a casa das plantinhas é essa terra geladinha! — falei para meus amigos com as duas mãos embaixo da terra.

Bianca, no entanto, não concordou comigo naquele dia e o desfecho foi engraçado:

— Legal? Legal nada, olha quanta sujeira e esse cheiro estranho.

Lucas, que estava do outro lado da horta, apareceu correndo e gritando com umas minhocas na mão:

— Olha só o que eu encontrei, pega aqui! Elas estão se mexendo — ele estava achando tudo muito divertido.

Todas as crianças saíram gritando "eca!" e virou aquela bagunça. Depois que a professora acalmou a turma, terminou a aula com uma tarefa de casa. Deveríamos montar uma mini horta com o auxílio dos pais. Nesse dia, na saída da escola deixamos marcada uma festa do pijama na casa de Lucas para aquele final de semana.

Como uma boa festa do pijama, no jantar comemos pizza. A noite foi divertida e alegre, e aguardávamos o filme antes de dormir. No final do Jornal Alegre, a última reportagem apresentava as novas reformas e aprimoramentos que começariam a ser feitos na cidade a partir do começo da semana, o que deixou todos na sala chocados. A ideia central do Prefeito era transformar a cidade colorida e alegre em uma cidade cinza e sem cor, com os pontos turísticos da cidade sendo paredes pintadas, pois ele dizia que cuidar de todas as árvores e plantas gastava muito tempo e dinheiro.

O pai de Lucas comentou com sua esposa:

— Que estranho esse tipo de ideia vir de quem está à frente da nossa cidade, sendo que ele deveria ter orgulho da natureza de nossa cidade.

Nós não ligamos muito para aquela conversa, queríamos é que chegasse a hora do filme.

A semana começou bem agitada na cidade, vários palanques e máquinas de obras já surgiam. À medida que o outono ia chegando, as árvores no caminho da escola começavam a parecer que estavam tristes a cada folha que caía. Parecia que o tempo estava se esgotando e que quando a última folha de árvore caísse no chão, tudo estaria diferente em Campo Alegre.

E foi exatamente o que aconteceu: me lembro como se fosse hoje daquela quarta-feira cinzenta. Nunca tinha visto a minha cidadezinha com aquela aparência tão triste e vazia, o caminho para a escola aquele dia foi diferente. Não tinha grama molhada de orvalho, não havia o canto dos pássaros, nem as conversas baixinhas das pessoas alegres a caminho do trabalho. Foi quando percebi que não havia mais árvores, em nenhuma rua, em nenhum canto da cidade. Todas as árvores tinham desaparecido.

No meio da rua, naquele início de outono, com a brisa geladinha batendo no meu rosto, eu estava a duas quadras da escola e gritei:

— Onde estão todas as árvores? — para todos que pudessem ouvir.

Mas ninguém respondeu, ninguém sequer ouviu.

Cheguei à escola e todos já estavam falando sobre o acontecido. A nossa pequena cidade que sempre foi cheia de vida e de cor, pela primeira vez, estava com um aspecto triste. No início da aula já começamos a questionar a professora ao ponto que ela teve que parar o seu conteúdo e nos explicar tim-tim por tim-tim tudo que estava acontecendo e como atitudes e decisões de adultos podem acarretar em situações terríveis como essas.

Ela explicou também como ia ser depois dessa inovação e o que aconteceria com a cidade dali para frente com essa grande mudança. Então, nós, alunos do 5º ano da Escola Bem me Quer, tivemos uma grande ideia para mudar o rumo da situação.

Fizemos uma reunião naquela tarde chamando todos os pais e interessados para a Escola. Às 15h, em ponto, a professora apresentou um projeto que se tratava de reflorestar a cidade, pois ninguém estava gostando da atitude do prefeito e quem faz acontecer são os moradores.

Assim, ficou combinado o seguinte: cada pessoa ia plantar a sua própria árvore, flor ou arbusto no local que quisesse, com uma única obrigação, sempre ir lá visitar, regar e dar muito amor e carinho. E, para que ninguém descobrisse o plano, tudo ia ser feito à noite e sem deixar vestígio. E a ideia principal é que a cada dia uma nova planta seria colocada de volta na cidade até que todos os moradores contribuíssem com a sua tarefa.

À medida que as construções iam aumentando, as poucas plantas que iam surgindo nem faziam diferença para as instalações, até que a centésima planta foi posta no seu lugar. A manhã estava mais colorida que antes e nas notícias só se falava das plantas que apareceram do nada, em meses, a cidadezinha já possuía cor novamente e os moradores estavam começando a voltar à rotina alegre. A cidade voltou a ter beleza, com vários bosques e cores, e a história das plantas que apareceram sozinhas ficou famosa nos arredores. Ainda bem que tudo passou e estamos todos bem agora, sempre que possível eu e meus amigos vamos brincar ao ar livre para aproveitar a natureza e os seres que vivem nela. Embaixo de uma árvore frondosa com um sol da tarde quentinho batendo nas nossas pernas, encostados nas raízes, conversávamos sobre tudo.

Quando olhei para os galhos das árvores e as pequenas folhas

nascendo, pensei comigo, se cada estação tem sua fase e sua maneira visível de se notar, estamos na estação mais bonita onde vemos a renovação. Então perguntei a meus amigos, em um tom bem alto:

— Mas para onde vão as folhas quando caem?

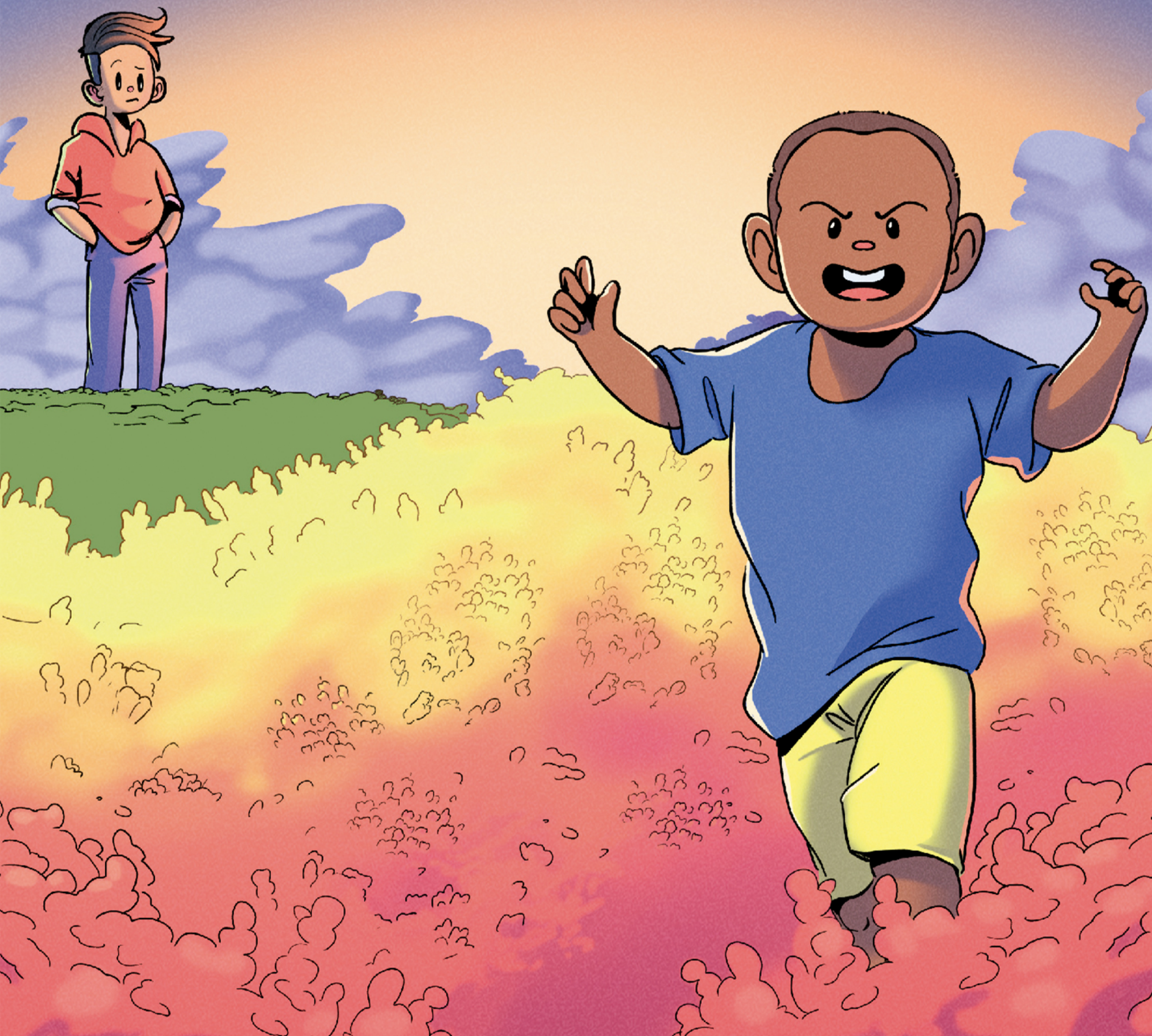
— Elas viram adubo e ajudam as outras plantinhas a se manterem fortes — respondeu Bianca.

— Além disso, servem de alimento para as minhas amigas minhocas! — complementou Lucas, cheio de graça.

Rimos muito e eu fiquei pensando quem diria que um grupo de crianças teria a solução para as ideias irracionais dos adultos. E foi assim que, naquele ano, mudamos para sempre o rumo e os cuidados da nossa pequena cidadezinha.

Sobre o Autor

Andriele Mostardeiro é aluna de Direito, tem 23 anos e é natural de Restinga Sêca - RS.



Resgatando a alegria de Viver

Por Matheus Reys Possebon

Era uma vez uma cidadezinha muito pequena, escondida entre montanhas, parreirais e vales. Terra do Sol era acolhedora, hospitaleira e muito bonita. Um lugar realmente agradável de viver. As casas eram todas pintadas com cores alegres. Suas praças possuíam as mais belas flores e as fontes de água cristalina eram a alegria dos passarinhos que nela se refrescavam ao final da tarde. Ali, naquele pequeno paraíso na terra, morava um menino muito alegre, que possuía uma bela casa. Sua família era a mais rica da região. Carlos, assim como os demais habitantes, não conhecia no lugar as palavras tristeza, desavenças e solidão. Nada lhes faltava, pois a paz e a calmaria do pequeno vilarejo contagiava a todos.

Certo dia, ao voltar para casa após um dia repleto de brincadeiras pelas colinas da cidade, Carlos se deparou com sua mãe e seus irmãos inconsolavelmente desesperados, e não estava sendo capaz de entender o que estava havendo. Foi então, que, ao abraçar sua mãe, ela lhe contou que seu pai havia sofrido um grave acidente e falecido. Carlos, apesar de muito triste, sabia que por ser o filho mais velho precisava reunir todas as suas forças para ajudar sua mãe a cuidar do seu sustento e de seus quatro irmãos.

Algum tempo depois, apesar de todos os esforços de Carlos e sua mãe, não foi possível continuar morando no lindo vilarejo, pois com a morte de seu pai, a situação financeira da família mudou muito, fazendo com que eles precisassem morar em uma casa menor e em um lugar muito distante.

Alguns anos se passaram e Carlos já não era mais o menino doce, feliz e com a alegria contagiante de antes, pois precisou amadurecer rapidamente cada dia mais.

Num belo dia, Carlos, cansado de tanto sofrer e cheio de saudade de seu vilarejo, resolveu ir até lá para relembrar os tempos felizes. Foi então que encontrou cinco crianças alegres correndo e brincando, quando um deles lhe disse:

— Bom dia, moço! Bem-vindo ao nosso vilarejo!

Ele, ao lembrar de sua infância e querendo voltar no tempo, encheu os olhos de lágrimas e respondeu:

— Bom dia, crianças! É muito bom estar aqui!

— O senhor me parece muito triste, posso lhe ajudar em alguma coisa?

Carlos olhou profundamente nos olhos daquela criança e disse:

— Não, querido. São apenas as marcas do tempo e da vida que me obrigaram a perder a minha alegria e felicidade.

Surpreso, a criança questionou:

— Mas o que seria capaz de acabar com a alegria de alguém assim tão profundamente?

— Ah, o destino foi um pouco cruel com minha família: perdi meu pai, minha casa, as riquezas materiais, e minha mãe não sabe mais o que pode fazer para conseguir prover o sustento de meus irmãos.

A criança, espantada, falou:

— Mas, moço, meu pai e minha mãe faleceram quando eu tinha apenas um ano e dois meses de idade. Desde então, eu moro na casa de uma tia, com mais oito primos e, às vezes, faltam algumas coisas em casa, mas a gente levanta a cabeça e vai buscar! Afinal, temos o principal, temos uns aos outros e muita vontade de viver.

Então, Carlos, emocionado com a história do menino, percebeu que, sim, havia perdido seu pai, sua casa e o dinheiro que a família possuía, mas ele ainda tinha consigo o mais importante: sua mãe e seus irmãos, que o amavam e gostariam que ele voltasse a ser uma pessoa alegre e contente.

Com isso, ele voltou para casa com outra percepção da vida, com vontade de mudar, de batalhar e conseguir promover uma vida melhor para sua família, mas jamais perderia a esperança novamente, pois sabia que o alicerce de sua vida estaria ali.

Ele batalhou muito, trabalhou como nunca e hoje Carlos pode dizer, orgulhoso, que conseguiu voltar a ser uma pessoa alegre e, ao mesmo tempo, consegue ajudar sua família a ter uma vida confortavelmente boa.

Sobre o Autor

Matheus Reys Possebon é aluno de Direito, tem 27 anos e é natural de Restinga Sêca - RS.

Cada resíduo em seu Lugar

Por Andriele Rodrigues e Patricia Michelotti

Maria era uma menina muito querida, gostava de andar de bicicleta com os seus amigos, Juca e César, que moravam na fazenda ao lado da sua. Juca era um menino bom e estava sempre ajudando Maria nas tarefas da escola, afinal ele estava um ano a frente de Maria no colégio. Já César era um menino mais quieto, introspectivo, mas gostava de aventuras.

Num belo dia, na fazenda onde Maria morava com os seus pais, Juca e César apareceram para mais um dia de brincadeiras. No entanto, chegando na casa de Maria, perceberam que lá num cantinho do quintal havia uma pilha enorme de lixo todo amontoado.

Juca chamou a amiga num canto e perguntou, delicadamente, por que o lixo ficava todo lá. Maria ficou meio sem jeito, mas respondeu:

— É que aqui na fazenda o caminhão do lixo passa somente uma vez na semana e não tem tanta importância separar porque tudo vai para o mesmo lugar, não é?

Juca ficou em dúvida. Pensou um pouco e disse:

— Que tal se formos descobrir?!

Então os amigos olharam-se e pensaram como poderiam conhecer

o destino final do lixo. Pensaram e pensaram… até que perceberam que, naquele momento, o caminhão do lixo estava passando na frente da casa de Maria. Nem pensaram mais… pegaram suas bicicletas e foram atrás do caminhão, mantendo sempre uma boa distância, para não correr o risco de se machucarem.

Logo, o veículo entrou em um espaço que tinha uma grande placa escrita "Centro de Triagem municipal". As crianças foram entrando no local e logo um homem veio recebê-los. Perguntou o que faziam lá e alertou sobre os perigos do maquinário, informando que aquele local era de acesso proibido, principalmente para crianças. Eles, porém, explicaram que só queriam saber o que acontecia com o material recolhido na casa deles. O homem, então, concordou em mostrá-los, de longe, como era o processo. Deu a eles máscaras e luvas e explicou como tudo acontecia. Apontou o local onde o material era despejado; depois mostrou uma esteira pelo qual passa, enquanto os trabalhadores do Centro de Triagem separam o material seco de acordo com o tipo. Também puderam ver as prensas que eram usadas para compactar os materiais antes de serem vendidos.

Ainda, o homem explicou que muitas famílias viviam da separação dos resíduos que vinham do campo e da cidade e que, quanto mais o lixo estivesse separado, mais fácil seria sua reciclagem e maior o lucro dos trabalhadores do transbordo.

Antes de ir embora, as crianças prometeram não voltar mais sozinhas ao local, mas informaram que iriam, na escola, solicitar que as professoras organizassem uma visita das turmas no local, afinal entenderam que esse conhecimento era essencial para a correta separação dos resíduos em casa.

No caminho de volta para casa, eles vinham falando sobre todas as coisas que aprenderam. Até que Juca falou:

— Nós também podemos separar os lixos em nossa casa!

— Sim, eu lembro de tudo. O plástico vai na lixeira vermelha, o papel na azul, o metal na amarela e, na verde, vão os cacos de vidro! É muito fácil!! — Falou Maria.

— Mas eu não tenho lixeiras coloridas em minha casa... — disse César.

Maria, que tinha prestado muito atenção em todos os detalhes, esclareceu.

— Não tem problema, César! Basta você separar em sacos de lixo ou até mesmo em sacolas. Você pode colocar todos os materiais secos e limpos na mesma sacola, aliás: papel, metal e plástico. Só precisa tomar mais cuidado com o vidro, para descartar sempre dentro de um recipiente mais forte, para não machucar as pessoas que fazem a separação.

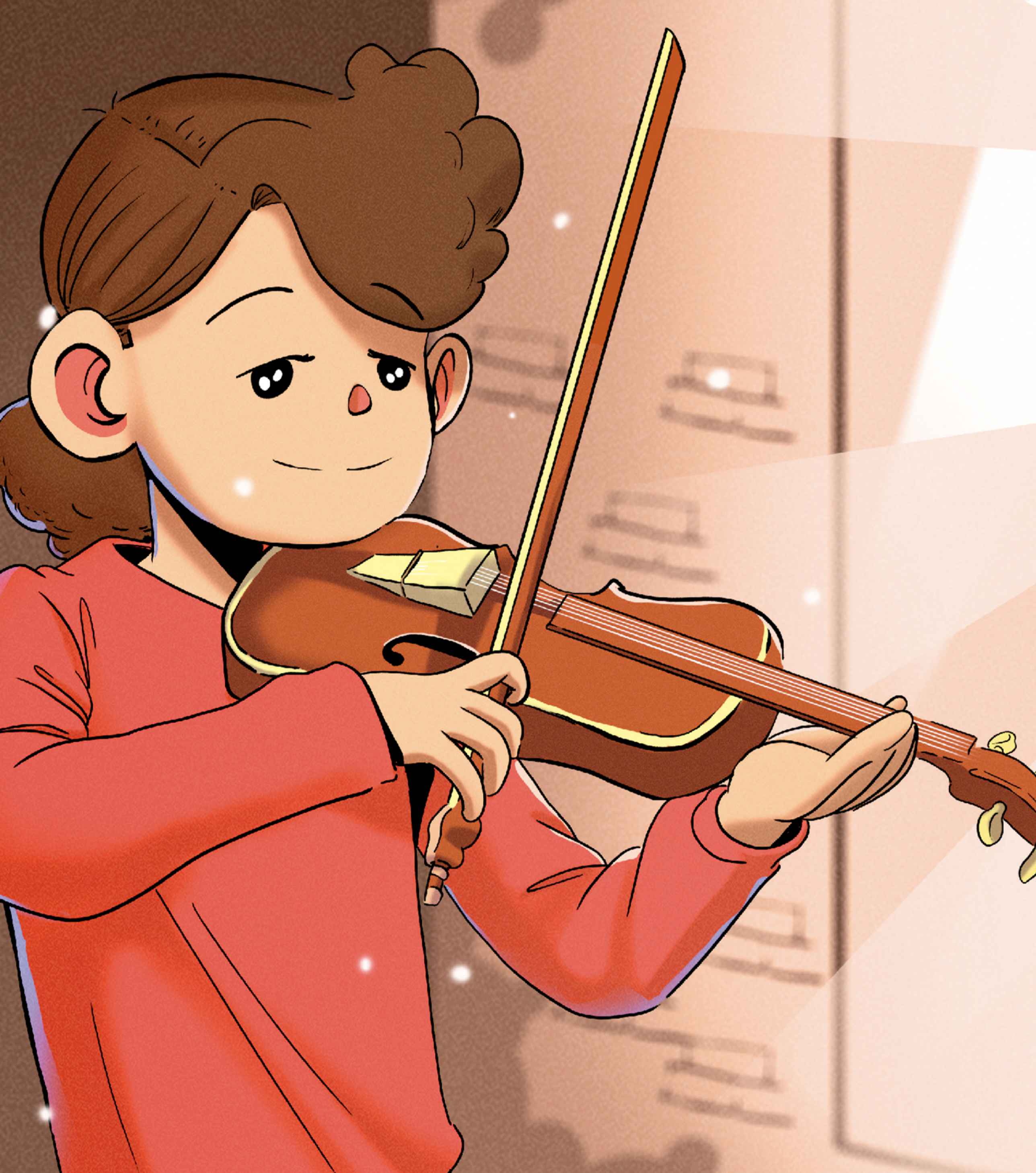
— Ahh, entendi. E o material que não é reciclado?

— Essa eu sei! — gritou Juca — você pode fazer uma composteira com os restos de verduras e produtos orgânicos. Pode usar como adubo na horta! Claro que tem alguns materiais que realmente não são recicláveis: os rejeitos. Quanto a esses, temos que tentar produzir o mínimo possível, porque ficam em aterros.

Depois desse dia, Maria ensinou aos pais sobre a separação dos resíduos, bem como a muitas outras pessoas. Os três amigos adoravam falar sobre e fazer a correta separação, afinal era uma forma muito fácil e divertida de ajudar ao meio ambiente.

Sobre o Autor

Andriele Rodrigues é aluna de Direito, tem 21 anos e é natural de Agudo - RS.



Um plano para a Conquista

Por Michele Ketlin Festinalli e Yasmim Nunes

Era uma vez uma menina chamada Mariana, ela tinha 10 anos e desde seu nascimento morava com seus tios, Paulo e Patrícia, que tinham uma filha chamada Joana, com a mesma idade que Mariana. As duas eram primas e, além disso, grandes amigas. Todos moravam em uma cidade pequena onde todo mundo se conhecia e tinha um bom convívio.

As duas meninas faziam aulas de informática que sua escola oferecia a elas, para assim então ter uma base de conhecimento desde novas. Seu tio era metalúrgico, e sua tia era dona de uma padaria, mas devido a alguns problemas financeiros, sua tia acabou tendo que fechar a padaria, e Paulo foi demitido do seu serviço, pois a empresa tinha reduzido o número de funcionários porque não estava mais lucrando como antes.

Passaram-se dois meses e sua família estava vivendo apenas com o valor do seguro, foi então que seus tios, durante uma conversa, resolveram tomar uma atitude para reverter a situação em

que viviam atualmente, eles resolveram se mudar para uma cidade maior que ficava cerca de 60 quilômetros de distância de onde eles residiam. As duas meninas, Mariana e Joana, não gostaram da ideia assim que lhes foi informado, pois teriam que se despedir de seus amigos e ir morar em um lugar totalmente diferente, e a casa que iam viver era muito pequena e, pela primeira vez, elas iriam ficar no mesmo quarto. Seria algo muito novo e teriam que se adaptar a essa mudança. Além disso, também não poderiam mais participar das aulas de informática que a escola estava proporcionando a elas e elas tanto gostavam.

Então a mudança aconteceu, seu tio começou a trabalhar em uma construtora de imóveis e sua tia ainda estava sem trabalho, então resolveu fazer marmitas em casa para ajudar o marido nas despesas, ela resolveu investir o valor do seguro em alimentos e embalagens para efetuar sua ideia, e as meninas ajudavam ela. Depois de três meses, seu tio foi promovido na construtora e Patrícia estava indo bem com sua produção. As meninas já estavam matriculadas em uma nova escola.

Mariana encontrou uma nova amiga chamada Estefani, as duas conversavam sobre tudo, foi então que Mariana fez uma descoberta que chamou a sua atenção:

— Estou muito feliz, hoje meu pai irá me ensinar uma nova música, tocando com o Violino — disse Estefani.

— Violino? Seu pai dá aulas de violino? — perguntou Mariana.

— Sim, ele me ensinou desde muito nova a tocar, é um instrumento incrível — respondeu Estefani.

— Sério? Tenho tanta vontade de conhecer algo novo — disse Mariana, pensativa.

Nos dias que se passaram Mariana falou com Estefani para ajudar ela a saber sobre o assunto.

— Perguntei para meu pai se ele poderia ensinar você a tocar e ele falou que adoraria, mas você teria que ter um violino — respondeu Estefani.

Perante essa situação, Mariana sabia que seus tios estavam ainda passando por uma dificuldade e não tinha como eles comprarem um violino novo para ela, foi então que Mariana, Joana e Estefani resolveram tomar uma atitude e falar com Patrícia:

— Tia, tenho grande vontade de aprender a tocar um instrumento, o pai da Estefani disse que poderia me ensinar a tocar violino, mas eu teria que ter um.

— Seria legal aprender algo novo, podemos comprar um violino, mamãe? — disse Joana.

Patrícia respondeu triste:

— Meninas, no momento estamos com dificuldades para manter a casa e a escola de vocês também. Estou desempregada e o trabalho não está fácil.

— Que tal docinhos? — sugeriu Estefani.

— Docinhos? — perguntaram Joana e Mariana, ao mesmo tempo.

— Sim, docinhos, poderíamos fazer e levar para escola. E a cada venda na escola, guardamos o dinheiro – explicou Estefani.

— Que ótima ideia meninas! Iremos demorar um pouco, mas se ficarmos firmes, logo conseguimos comprar um violino — aprovou Patrícia.

Então resolveram fazer doces e vender na rua e na escola, se passou cerca de três meses e os doces já eram uma tradição na escola e no bairro, onde já eram bem conhecido, pois os doces eram

feitos com muito carinho e de boa qualidade. Com o valor que elas adquiriram nesse tempo, a menina conseguiu comprar um violino, mas ela apenas tinha dinheiro para comprar um usado já por outras pessoas. Mariana não se importou, pois sua vontade de aprender era muito maior e com isso ela começou a ter aulas com o pai de sua amiga.

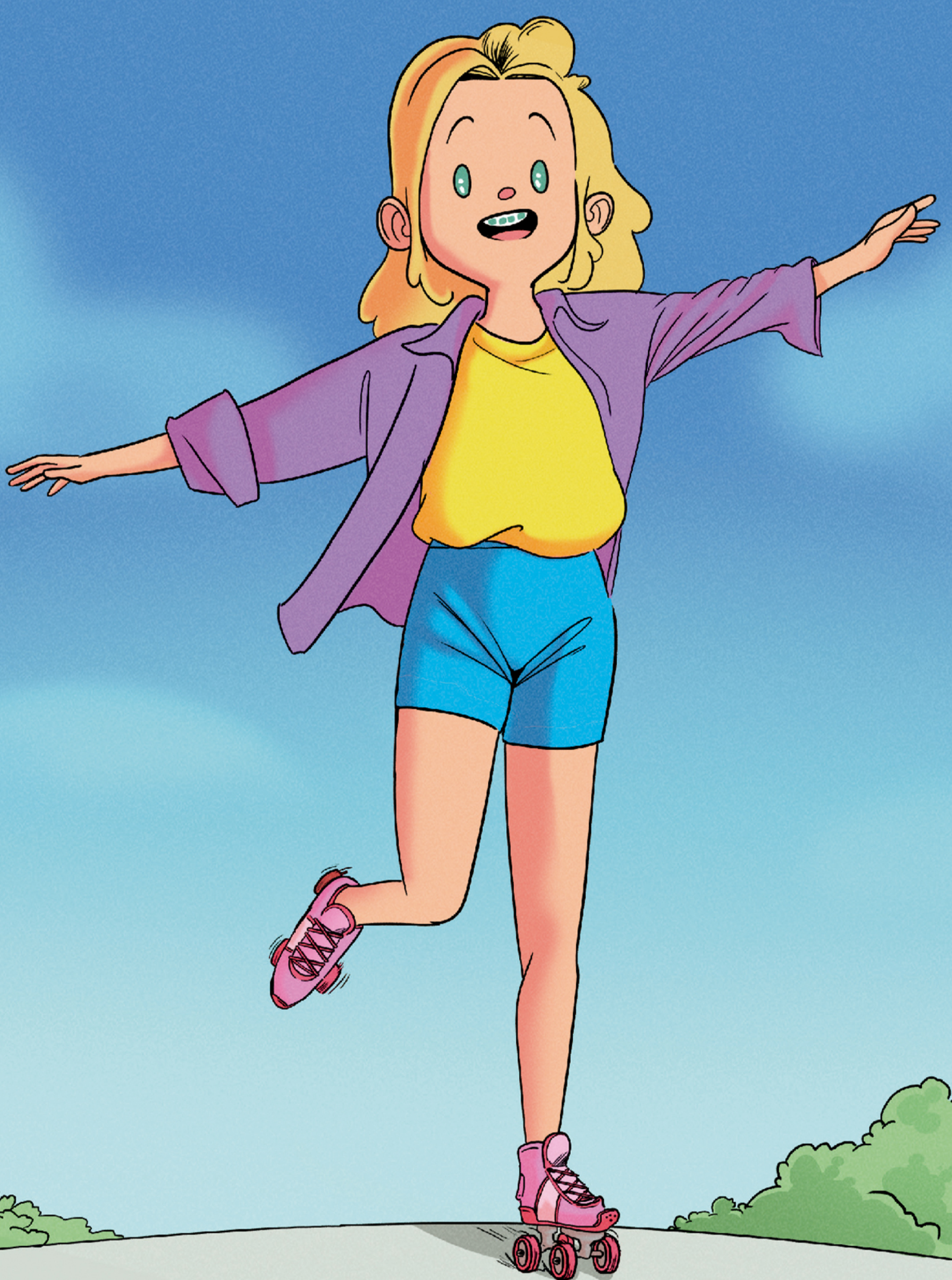
As meninas prosseguiram vendendo doces e não perderam a esperança de comprar um violino novo. Com o passar de oito meses, Mariana já estava tocando bem esse instrumento, foi então que ela resolveu, com a ajuda das outras meninas, a fazer vídeos e postar no Youtube, pois as duas primas já tinham um conhecimento de informática. Depois de dois meses, Mariana já estava ganhando um bom dinheiro com o valor dos vídeos postados nas redes sociais e começou a sobrar dinheiro para realizar seu grande desejo de ter um violino novo e fazer grandes aparições com as músicas que tocava.

Dias depois, ela recebeu convites para se apresentar em muitos lugares, pois seu talento era visto pelas pessoas, então ela percebeu que quanto mais dedicação, vontade e amor ela colocasse no que estava fazendo e no que ainda pretendia fazer, mais resultado teria. Agora Mariana participa de projetos educacionais na sua escola para influenciar crianças a não desistir dos seus sonhos e objetivos. Pois com a renda que estava ganhando dava para adquirir as suas coisas e ainda ajudar seus tios. Sua prima a tinha como um exemplo de determinação, e assim também começou a tocar um instrumento, sempre tendo um grande apoio de Mariana.

Sobre o Autor

Michele Ketlin Festinalli é aluna de Ontopsicologia, tem 21 anos e é natural de Ibarama - RS.

Yasmim Nunes é aluna de Administração e Ontopsicologia, tem 18 anos e é natural de Tupanciretã - RS.



O dia do Campeonato

Por Adriana Rampelotto

Numa pequena cidade da Quarta Colônia, em Dona Francisca, existia uma escola municipal, a Antônio Luiz Barchet, que recebia alunos do 1º ao 5º anos. Thaliana estudava no 2º ano. Ela era inteligente, simpática, alegre e gostava de praticar esportes. Também adorava a escola, os coleguinhas e todos que trabalham lá. Em casa, ela gostava de assistir desenhos, pintar, desenhar, e de andar com seu patinete – era muito habilidosa, por sinal.

Certa vez Thaliana estava olhando um de seus desenhos favoritos e viu um convite passar na televisão, mas não deu muita atenção. No outro dia viu de novo o mesmo convite e ficou curiosa. Assim, quando passou novamente, já deu mais atenção. Ela pediu para sua mãe procurar na internet sobre esse tal convite.

Sua mãe encontrou: era um convite que chamava todas as Escolas Municipais da Quarta Colônia e região para um dia de esportes e com premiações para os campeões, que aconteceria em um ginásio, numa cidade vizinha. O evento contaria, ainda, com três modalidades: patinete, futsal e vôlei. Thaliana adorou o convite e pediu que sua mãe o

imprimisse para levar até a escola.

No dia seguinte, as duas foram até a escola e levaram o convite para a Diretora, para que ela visse. A Diretora pediu um tempo para verificar, pois precisava ver se tinha dinheiro em caixa disponível para fazer a inscrição da escola e dos participantes, além de fazer os uniformes.

Thaliana e sua mãe voltaram à escola, no outro dia, ansiosas e confiantes. A Diretora foi realista, pois tinha dinheiro em caixa, mas o disponível não era suficiente para cobrir todos os gastos que teriam e ainda precisariam contratar um treinador.

Thaliana saiu decepcionada e triste, pois queria muito participar. Para se distrair um pouco, foi ver um de seus desenhos favoritos na TV, a Polly Pocket, nesse desenho ela viu que a Polly e suas amigas organizaram uma feira de arrecadação de alimentos e teve, então, uma ideia: fazer promoções na escola para arrecadar o restante do dinheiro e pedir ajuda para as empresas da cidade.

Ela voltou à escola e apresentou sua ideia para a Diretora, que achou excelente. O professor de Educação Física viu todo o movimento e se ofereceu para treinar os participantes, ainda, disse que tinha amigos que trabalhavam com confecção e ia tentar conseguir os uniformes de graça.

Fizeram a seleção dos participantes: 5 para participar da disputa com o patinete, 10 para vôlei e 10 para futsal, totalizando 25 participantes. Thaliana foi uma delas, afinal, além de ter tido a ideia, era habilidosa no patinete pois estava há tempos se dedicando aos treinos.

Enquanto os treinos aconteciam, também organizaram as promoções: galeto e maionese, risoto, festinhas, venda de docinhos. Tudo sem gastar dinheiro, era tudo doado. Fizeram as contas das vendas (tudo no decorrer de um mês) e com a ajuda da sociedade e para a alegria

da Thaliana e de todos, conseguiram mais que o suficiente. Com toda a movimentação da escola, a Prefeitura decidiu oferecer o transporte para os atletas e torcida

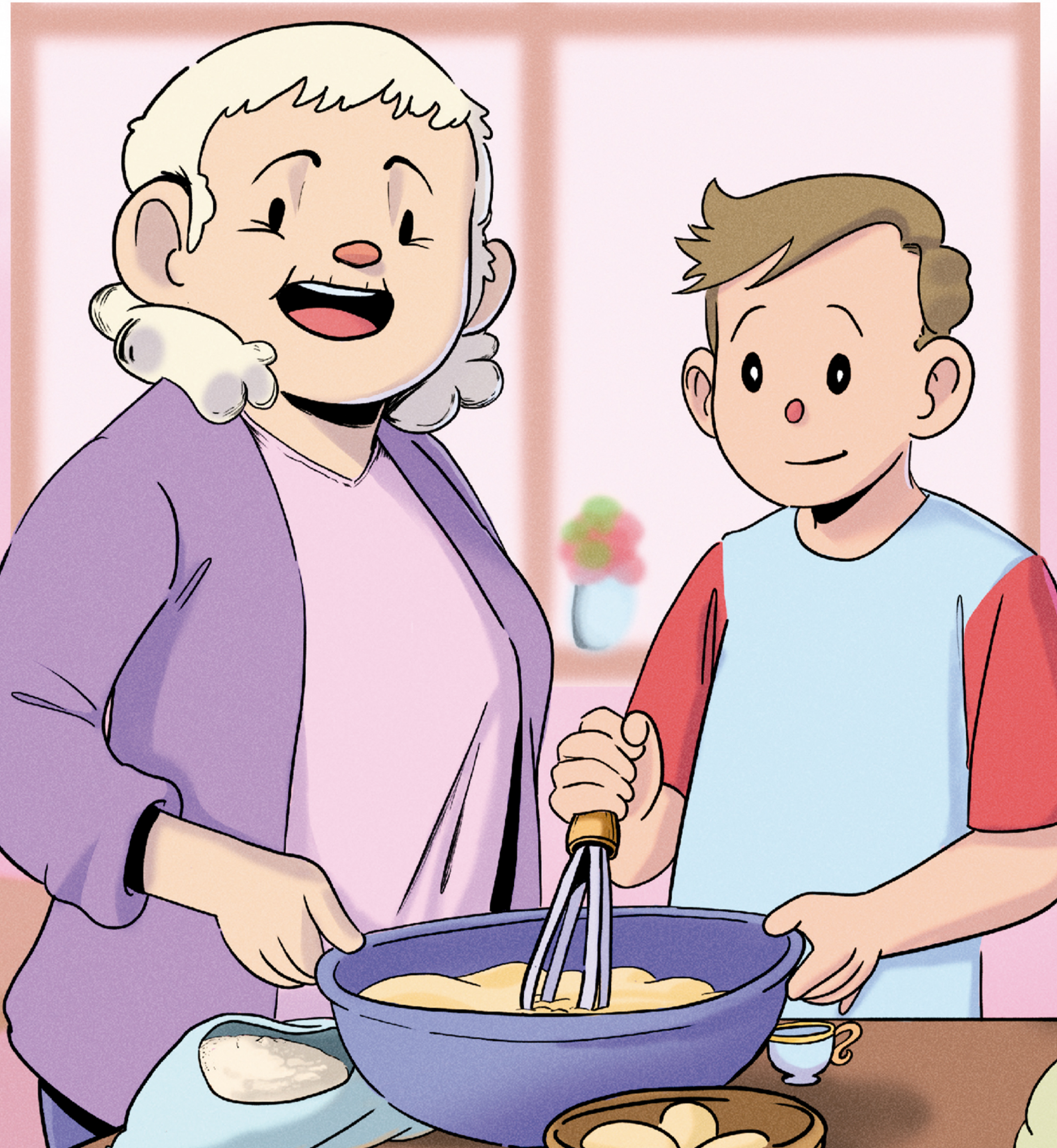
Depois de muitos treinos e ações, chegou o grande dia, tão esperado por todos, o dia do campeonato! Todos levantaram cedo e com muita confiança, pois treinaram mais que o necessário. Ao todo, mais de 30 escolas estavam participando e todos pareciam ter treinado muito.

Levou o dia inteiro e as escolas campeãs foram: no futsal uma escola de Restinga Seca e no vôlei uma escola de Nova Palma. É claro que os alunos ficaram um pouco tristes, pois todos haviam treinado bastante. Mas também as outras escolas estavam preparadas. Porém, no patinete ninguém superava Thaliana, e foi assim que a Antônio Luiz Barchet ficou em primeiro lugar nessa modalidade. Todos ficaram extremamente felizes!

Mais do que pela vitória, os alunos serviram de exemplo para muitas outras crianças, pois eles mostraram que quando se deseja alguma coisa, com fé e perseverança se consegue. Eles levaram de lição que o que vale mais a pena é participar e se divertir, e que, juntos, conseguem fazer coisas incríveis!

Sobre o Autor

Adriana Rampelotto é aaluna do Curso de Direito, tem 33 anos e é natural de Dona Francisca - RS.



O fenômeno na Cozinha!

Por Ana Carolina Marzzari e Maria Clara Mahlke Ranoff

Meu pai foi um menino brilhante, que tinha um sonho grande. Ele queria ser um jogador famoso, assim como o seu pai e seu avô também tinham sido. E ele cresceu, jogando muito, seu futuro seria promissor se não tivesse acontecido um grande desastre. No final do campeonato que lhe daria uma bolsa de estudos, papai acabou tendo uma lesão no joelho. Essa lesão impediu que ele seguisse seus sonhos. Papai nunca mais pôde jogar.

Ele cresceu, e por ser muito bom jogador, foi convidado para ser treinador no Bola Club, lugar de onde saiam os melhores jogadores, graças ao seu empenho, amor e a sua capacidade de ensinar. Quando eu nasci, papai viu em mim, um grande jogador. Alguém que poderia ser o que ele não tinha conseguido e, por esse motivo, queria que eu me esforçasse nas aulas, mesmo que eu me sentisse um peixe fora d'água.

— Papai, preciso mesmo ir treinar hoje? — choraminguei quando ele me acordou para ir ao treino.

Nunca entendi porque ele queria tanto que eu fosse para o treino,

era tão chato. Nunca vi graça em correr atrás de uma bola e ter que conviver com um monte de meninos chatos que só sabiam rir da minha cara quando eu falava que não gostava de futebol.

— Anda logo Raul, estamos atrasados. Tenho certeza que hoje você vai ser incrível! — gritou para mim, empolgado.

— Mas, papai, eu queria muito testar uma receita italiana que vi na TV ontem.

— Ora, meu filho, isso não é coisa de menino, tire essa ideia da sua cabeça.

Sem outra escolha, lá fui eu, mais uma vez, para aquele treino que para mim era um castigo. "O que eu não faria para ver papai feliz?", pensei comigo.

Depois de nos aquecermos com a bola, de dar alguns chutes, desastrosos como eu sempre fazia, chegou a hora do meu maior horror: o jogo-treino. Eu estava nervoso. Sabia que não queria fazer aquilo, mas era isso ou contar a meu pai que seu filho não ia ser o jogador que tanto sonhou. Enquanto pensava nesse monte de coisas, o jogo começou e todos os meus colegas de time estavam se divertindo, já eu, só queria sumir, mas, já que eu estava lá, tentei participar, pensando que não poderia ser impossível. Mas era! Fui chutar para o gol, mas meu corpo não estava pronto e como era de se esperar, além de errar um gol que, como papai gritou, "estava no papo", caí no gramado, como se tivesse pisado em uma casca de banana.

Mas não parou por aí, além de estar me sentindo péssimo por envergonhar meu pai, meus colegas de time me usaram como alvo para suas novas piadinhas. Não sabia o que fazer, saí do campo correndo, muito triste, chorando pela decepção que eu era e corri diretamente para casa da vovó, pelo menos ela não ia rir de mim como os demais.

Quando cheguei chorando, Vovó Tereza, que estava sentada em sua cadeira de balanço, levou um baita susto.

— O que houve, meu amor? — Perguntou ela, preocupada, com seu tom de voz baixinho.

Depois de explicar tudo o que aconteceu, estava me sentindo melhor por dividir com ela esse situação. Animado novamente, tomei coragem para lhe pedir algo que queria há muito tempo:

— Vovó, a senhora poderia me ajudar a fazer uma receita italiana que vi na TV ontem?

Após explicar sobre a receita, a vó Tereza disse:

— Ah! Isso é Palha Italiana! Vamos fazer! Tenho todos os ingredientes aqui!

Feliz, me organizei para começar a cozinhar com a vovó. Quando estava no meio da preparação do prato, ela sentou-se: havia cansado. Sua disposição já não era a mesma de antes. Mas tudo bem, eu não ia ser um desastre de novo e, por isso, assumi o controle da cozinha, com muito cuidado, para não bagunçar a cozinha da vovó.

Quando estava acabando, percebi que a vovó estava olhando com cara de sapeca para mim e para a TV. Tentei prestar atenção, falava de algum concurso de culinária da cidade para crianças e foi nesse momento, quando percebeu que estava atento a ela, que vovó me chamou:

— O que acha, querido? Gostaria de participar? — me perguntou.

— Claro, vovó! É o meu sonho! — gritei empolgado, pulando e a abraçando com muita gratidão. Enquanto pulava animado, percebi que teria um problemão, fugir do treino que papai tinha marcado e que iria acontecer no mesmo dia do concurso.

Frustrado, disse para vovó que não poderia comparecer pois não poderia decepcionar papai.

Vovó me olhou, faceira, e disse:

— Use o que aprendeu nas suas aulas de teatro e deixa que com o seu pai eu me entendo.

E assim aconteceu. Quando chegou o dia do concurso, acordei cedinho e corri para cozinha, peguei uma toalha quente e coloquei na cabeça. Às 7h, quando meu pai veio me acordar, levou um susto ao perceber a minha temperatura.

— Meu filho, você não me parece muito bem — observou papai, preocupado.

— Estou me sentindo um pouco fraco e com tosse, pai. Queria que a vó Tereza tomasse conta de mim e fizesse um chá — respondi manhoso.

— Certo, o melhor agora é você ficar aquecido e se recuperar, combinado? Já vou ligar para ela — disse papai, antes de sair.

— Obrigado — respondi cauteloso.

Assim que papai saiu, corri para me arrumar e esperar a vó Tereza.

O concurso ia durar o dia todo e tinham 20 crianças participando. Na última prova, tinham restado só eu e mais duas crianças. Eu estava cada vez mais nervoso. Sabia que estava fazendo tudo certo, mas estava com medo de ser um desastre na cozinha também. Fiz a receita da Palha Italiana na prova final e estava agarrado na vovó, esperando o resultado.

Nem acreditei quando ouvi: eu era o campeão. Estava tão feliz, não sabia nem o que falar com aquele monte de gente me entrevistando. Eu estava em todos os jornais, como "um novo chefe está nascendo!", "o fenômeno da cozinha" e tantos outros títulos.

Quando cheguei em casa, papai ainda não tinha chegado. Olhei para o troféu que carregava na mão e estava dividido. Estava feliz por

ter feito algo bom, mas ao mesmo tempo, com medo que papai se chateasse.

Papai chegou chorando, dizendo que tinha me visto na TV e que se orgulhava muito de mim. Também chorando, falei:

— Papai, me desculpe por ter mentido para o senhor, mas eu não poderia mais continuar a jogar sabendo que não é aquilo que gosto de fazer.

— Meu filho, você é único do jeito que é, me desculpe por te mandar fazer coisas que você não se sente livre para criar e dar o melhor de si. Eu te amo, campeão! Parabéns!

E depois desse dia, papai nunca mais me obrigou a fazer algo que eu não gostava e passamos a nos divertir muito mais juntos.

Sobre o Autor

Ana Carolina Marzzari é egressa do curso de Direito e aluna de Ontopsicologia, tem 23 anos e é natural de Faxinal do Soturno - RS.

Maria Clara Mahlke Ranoff é aluna Ontopsicologia, tem 20 anos e é natural de Santa Maria - RS.

Insetos não se transformam em Flores

Por Thayse Uberna

Em uma manhã que brincava na creche, eu estava com os meus amigos no pátio, era o Marcelo, o Lucas e a Emanuele, eu corri disparadamente para todos os lados, vi o bosque, olhei as nuvens no céu, o gramado cortado, a casinha cheia de crianças animadas e felizes, na rua passavam os carros, parei e, de repente, uma criança começou a chorar, ela estava sentada no chão e várias crianças vieram e fizeram um círculo à sua volta.

Uma abelha a picou no braço, logo começou a discussão:

— Cadê a abelha? — perguntou Lucas.

— Está ali! — respondeu Marcelo .

Estávamos tão interessados na abelha que quase nem lembramos da criança que chorava. Então eu fui socorrê-la:

— Está doendo a picada?

A criança chorava muito, devia mesmo estar doendo porque não me respondeu com palavras. A Manu foi correndo chamar uma professora, enquanto eu fazia companhia para a menina que chorava, mas atendo à abelha…

— Mas por que a abelha não voou? — indagou Marcelo.

— Meu pai disse que quando a abelha pica, deixa o ferrão e morre — respondeu Lucas.

A professora dela chegou para ver o que acontecia com a criança que chorava. Com muita rapidez, pegou a menina para levá-la à enfermaria. As crianças que estava brincando no pátio e foram ver a menina, voltaram a brincar, mas nós continuamos com as perguntas.

Lucas perguntou novamente:

— E agora, o que faremos com a abelha?

O silêncio pairou no ar.

— Mas ela não se mexe mesmo? Você tem certeza que ela morreu? — questionou Emanuele.

Então paramos por alguns minutos e observamos a abelha.

Realmente ela não voou, estava parada. Era pequena, amarela e preta. Já que ninguém sabia o que faríamos com a abelha, eu sugeri:

— Vamos plantar a abelha!

E todo mundo começou a rir de mim. O que eu havia falado de errado? Sempre vi as abelhas no jardim e as flores nascerem. Então, Lucas começou a cavar um buraco no gramado, chamou a gente para lá, e disse:

— Fiz uma cova para a abelha!

— Mas a abelha tinha que ser enterrada no cemitério, a minha tia está lá! — falou Emanuele.

— Temos que pedir fogo para a professora, meu tio quando morreu foi para o fogo, e as cinzas para o céu! — contou Marcelo.

Eu já estava ficando nervoso e disse, então:

— Mas crianças não podem brincar com fogo!! Vou chamar a professora.

Fui correndo buscar a nossa professora: nem falei nada, só a puxei pela mão e ela me acompanhou. Contei tudo o que aconteceu para ela,

quando terminei de falar ela respirou fundo, e nós esperávamos uma resposta, afinal, a abelha viraria uma flor? A abelha iria para a cova? Ou a abelha viraria cinzas?

A professora explicou tudo sobre a vida da abelha, começando pela polinização:

— Quando cheiramos o perfume da flor, podemos sentir o pólen, a abelha come esse pólen, que é um pó amarelo, bem precioso, e o transforma em mel, que podemos comer e faz bem à saúde, por isso que ela está sempre voando perto das flores.

Após uma pausa, a professora continuou:

— A abelha não vive sozinha, ela mora na colmeia, com tantas outras abelhas operárias, mais de cem, com os zangões e a abelha rainha também. Como não podemos brincar com fogo, crianças, a abelha não virará cinzas.

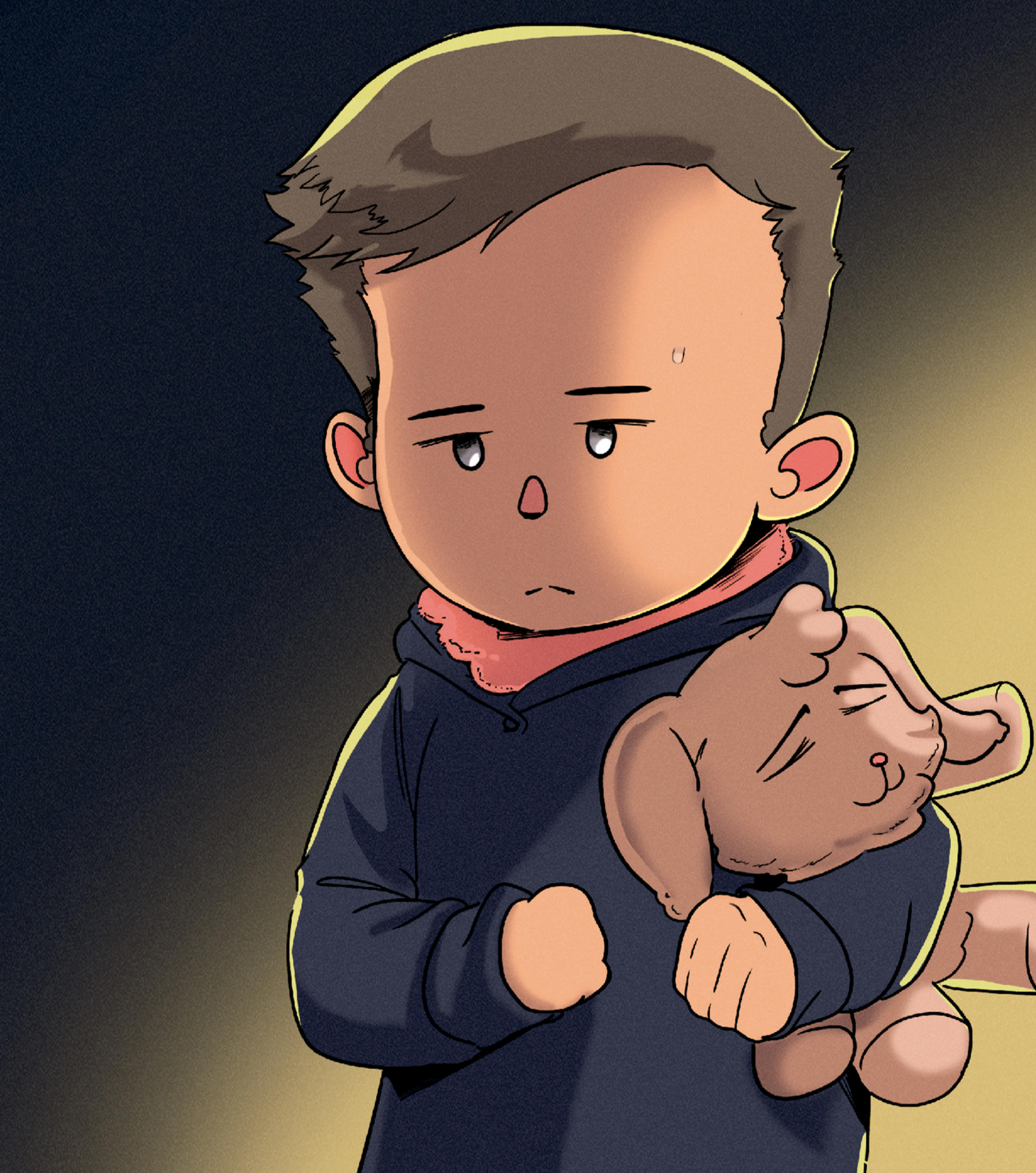
Eu não estava entendendo mais nada e insisti:

— Por que a abelha não vira uma flor se a plantamos na terra?

— A abelha é um inseto voador, e não uma semente, mas fazer a cova, colocar algo e fechar é a mesma coisa. As flores nascem das sementes. Os insetos se reproduzem, botam ovos e nascem. São os pequenos insetos, voadores ou não, que cuidam das flores no jardim — explicou a professora — e finalizou — se quiser cultivar abelhas, meu querido, plante sementes e espere as flores, assim virão abelhas, borboletas e passarinhos em seu jardim.

Sobre o Autor

Thayse Smek Uberna é aluna de Ontopsicologia, tem 26 anos e é natural de Curitiba - PR.



O mundo azul de Breno

Por Luma Trinks

Breno era um menino encantador, aos 6 anos já havia sido diagnosticado com autismo. Em casa, adorava montar quebra-cabeças e pesquisar sobre dinossauros. Porém, perto do seu primeiro dia de aula, o menino estava nervoso pois era o momento de aprender a ler e conhecer novos colegas. Mais nervosa que o menino, estava a sua mãe, Lorena. Ela estava contente pelo filho, porém sabia que não seria fácil. Breno ainda carregava um ursinho de pelúcia, carinhosamente apelidado como Tody em seus braços para todos os cantos, o que, a mãe previa, poderia ser um motivo de risos entre as crianças. Tody, no entanto, tinha um papel essencial para Breno, já que é uma característica do autismo ser apegado a algum objeto.

Chegando o primeiro dia de aula, foi o que aconteceu. Algumas crianças começaram a apontar para Breno e falavam para suas mães: "olha lá, um bebezinho", "mãe, olha ali, esse menino trouxe um ursinho para a escola". O menino percebeu os olhares tortos e as risadas, e ficou extremamente estressado. Jogou a mochila longe e saiu correndo para fora da escola. Sua mãe, que estava esperando o momento de ir embora,

foi com ele para fora. Ao entrar no carro, Breno falou que nunca mais voltaria à escola. A mãe de Breno não conseguiu o conter, e o levou para casa.

Na escola, as crianças perceberam que haviam deixado Breno muito triste e se reuniram para conversar. Chegaram à conclusão de que realmente não foram legais com o colega, que nem conheciam. Contaram para a professora tudo o que aconteceu e pediram que ela explicasse que aquela situação não aconteceria mais. Como Breno não apareceu no dia seguinte, a professora ligou para sua mãe. A mãe de Breno explicou que o menino estava ainda abatido, mas se comprometeu em levá-lo para a escola até o final daquela semana. Ainda, a professora pediu que a mãe contasse um pouco sobre as atividades que Breno gostava de fazer, para deixar a escola mais acolhedora para ele.

No dia seguinte, a professora mostrou alguns materiais para explicar aos seus alunos sobre a condição de Breno, bem como sobre a sua forma de vivenciar o mundo. Logo os colegas entenderam e sentiram-se ainda mais arrependidos pelo acontecimento. Então, durante aquela semana, eles foram organizando um dia especial para o retorno de Breno. Eles estavam ansiosos para o dia, e cada um teve uma ideia diferente para contribuir com a acolhida do colega.

Uma colega teve a ideia de cada um trazer um dinossauro de suas casas para brincar naquele dia; outro colega perguntou para a professora se eles poderiam jogar quebra-cabeça. A professora também pediu para que cada um trouxesse algum ursinho de pelúcia, mesmo que não usassem mais, para que Breno se sentisse à vontade.

No último dia da semana, quando Breno retornaria, a professora fez questão de encomendar docinhos para seus alunos, já que todos amam brigadeiros. Seus colegas estavam quase mais nervosos que Breno, pois queriam se redimir por aquele outro dia. Gustavo, um de seus colegas, trouxe um dinossauro enorme para a escola, além de

sua mochila e estojo, também com dinossauros.

Breno chegou na escola, ainda com medo e nervoso, porém com o Tody na mão. Ele enganchou os braços na perna da sua mãe, com vergonha. A professora conversou com ele a sós, e disse que teria uma surpresa. Assim que ele entrou na sala, estranhou a movimentação, mas logo viu as surpresas e deu um sorriso "de orelha a orelha".

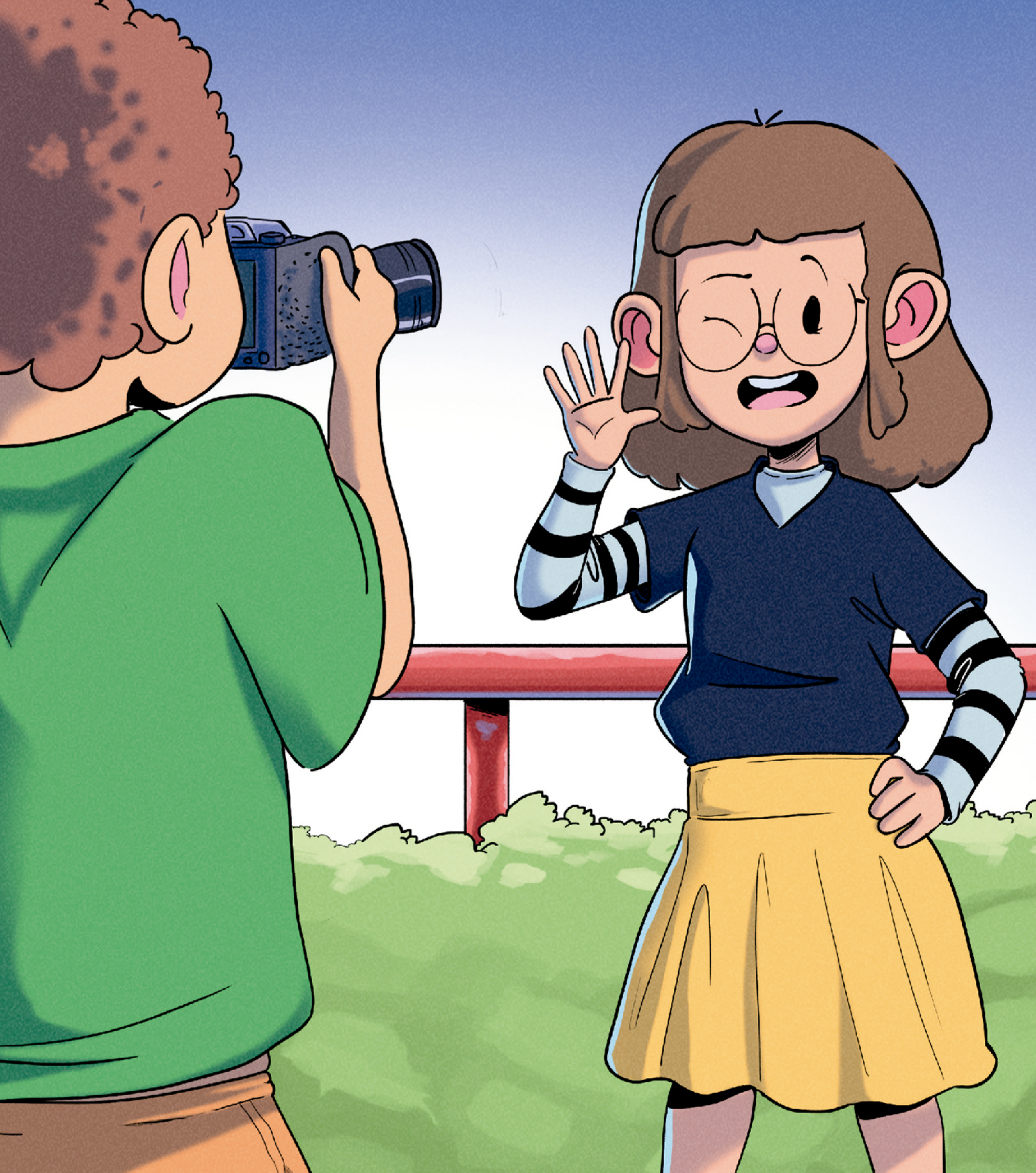
Laura, a aluna mais nova da turma, correu com um coelhinho de pelúcia em direção a Breno para contar que também adora brincar com seu coelhinho e que não conseguia dormir sem ele. Nesse momento, Breno disse para sua mãe que ela já podia ir embora e ele correu para pegar um brigadeiro. Depois disso, a professora seguiu com as atividades usando os brinquedos que as crianças levaram.

Breno voltou para casa muito feliz, abraçou seus pais, e contou todos os detalhes da aula. Lorena ficou tão alegre, que mal conseguiu dormir, esperando chegar o outro dia, para ver se Breno ainda estaria animado. Quando entrou no quarto para acordar o filho às 7h da manhã, porém, ele já estava acordado, esperando chegar o horário, com o Tody na mão.

E assim foram passando os dias, e Breno se sentia cada dia mais incluso com os colegas. Claro, tinha dias que ele acordava estressado, não queria conversar com ninguém. Logo, os colegas também se acostumaram com o seu jeitinho e aprenderam a respeitar suas diferenças.

Sobre o Autor

Iuma Trinks é aluna de Pedagogia, tem 20 anos e é natural de Paraíso do Sul - RS.



O novo olhar de Álvaro

Por Janine da Rosa Noronha

Certa vez, quando ainda criança quase adolescente, me mudei para um lugar totalmente diferente. Casa nova, cidade nova e, claro, escola nova. A escola era simpática, os professores eram entusiasmados e os colegas se dividiam em grupos. Eu não entendia muito bem o que era aquela divisão e nem em qual eu me encaixaria, o primeiro dia fiquei meio sozinho observando os colegas e os professores, logo percebi que havia um grupo de meninos um pouco travessos. Eles sempre desviavam a atenção dos colegas e professores, fazendo brincadeiras desagradáveis com os colegas que, sem saber o que fazer, aceitavam a situação. Claro que fui alvo desse grupo logo no primeiro dia por ser um colega novo.

Logo percebi que esse grupo de meninos seria um grande problema para mim, pois me sentia pressionado. Eram meninos evoluídos, com celulares modernos, roupas com estilo... o grupo era liderado por Álvaro, que tinha todas suas vontades atendidas pelos demais. Eles, diariamente, estavam com os seus celulares fazendo vídeos das brincadeiras com os colegas. Me lembro que havia três amigos que viviam sempre juntos: duas meninas e um menino. Álvaro os via e falava:

— Meninos, lá vem o trio das meninas da escola!

Logo pegava seu celular para gravar e começava com suas gracinhas:

— Como vão as meninas da sala da turma do 5º ano?

Para ele, era um motivo de graça e não via maldade naquilo, porém era ofensivo e ninguém, nem ao menos os professores, entendiam o porquê de ele agir dessa forma. Muitas vezes fui alvo dessas brincadeiras, pelos mais diversos motivos. Quando resolvi dar um basta nisso contei para os meus pais, fomos até a escola falar com o diretor, mas nada mudou. Entendi que os discursos que ele ouvia dos professores em nada resolveriam. Até que um dia aconteceu algo diferente na sala de aula, quando a professora anunciou:

— Hoje tenho um desafio para vocês!

Então, ela explicou que o diretor pediu para produzir uma homenagem para a escola no dia do seu aniversário. Tínhamos a tarefa de fazer um filme! Inicialmente, ficamos receosos, mas logo gostamos da ideia e começamos a dividir pelo que cada um seria responsável. Era um trabalho que precisaríamos desenvolver em grupo e darmos o melhor de nós mesmos para que desse certo. Foi então que vi a oportunidade de virar o jogo e, na hora, falei para todos ouvirem:

— O Álvaro deveria ser o diretor!!

Todos olharam para mim, muito surpresos, sem entender nada. Álvaro, no entanto, não perderia a oportunidade de estar à frente e confirmou:

— Certamente eu sou o mais preparado, pois tenho muita experiência — falou, exibindo-se.

Ninguém teve coragem de discordar, nem mesmo os professores. Assim, começamos a trabalhar. Álvaro fazia o trabalho com as filmagens, mas continuava com suas brincadeiras e implicâncias com os colegas.

Porém, conforme fomos trabalhando no projeto, fui me aproximando mais de Álvaro e fui tentando entender o que realmente acontecia com ele. Era nítido o quanto ele estava gostando de fazer aquilo e o quanto ele dominava os sistemas de gravação, mas não conseguia admitir e nem sequer ser legal. Tínhamos pouco tempo para produzir o material, por isso fizemos encontros extras fora da escola. Um dia fizemos uma reunião na casa de Álvaro. Era uma casa muito bonita, com jardim colorido, espaços para brincar e o quarto dele era demais! Tinha computadores de última geração, caixas de som e telões, onde ele nos mostrou uma ideia do que seria o filme. Todos foram para casa e eu fiquei mais um pouco lá, mesmo com um pouco de receio e com um pouco de vergonha perguntei para Álvaro:

— Por que você não gosta da gente? Seus pais sabem que você é assim? Aliás, onde estão, que não os vejo nem nas reuniões de pais na escola?

Álvaro ficou uns minutos em silêncio, mexendo em suas coisas... mas resolveu falar, em um tom de voz um pouco triste:

— Eu gosto de vocês, é por isso que observo suas ações, registro o que fazem... se for pensar bem, eu sempre dou muita atenção para vocês! O que, aliás, meus pais nunca fizeram... eles sempre foram ausentes, desde muito pequeno eu vivo assim. Muitas vezes eu queria contar como foi meu dia, mas nem para um jantar em família tinham tempo.

Ele me contou mais algumas coisa da família dele, disse que gostava de ser engraçado, assim tinha muitos amigos. Tudo ficou bem mais claro para mim, e acho que para ele também depois daquela conversa. Tive a ideia, então, de pedir para o diretor convidar nossos pais e toda a comunidade para a estreia do filme em homenagem ao aniversário da escola, logo pensei que seria a grande oportunidade

dos pais de Álvaro prestigiar o grande trabalho dele, faríamos uma pequena homenagem aos envolvidos no projeto, inclusive Álvaro pelo trabalho com as edições das gravações. Falei com o diretor e ele logo começou a organizar a recepção dos pais.

Envolvido com o grande dia, Álvaro acabou ficando muito mais tempo fora de casa, na escola, ajudando nos preparativos. Fez questão de ser o primeiro a chegar e o último a sair da escola. Como seus pais não costumavam pedir notícias, ele acabou nem percebendo que ligaram várias vezes para ele.

Ao chegar em casa, aflitos, os pais vieram ao seu encontro.

— Onde você estava, Álvaro? Passamos o dia preocupados com você... nem para o almoço você apareceu.

— É que eu estava fazendo um trabalho na escola com meus amigos, é um projeto bem grande que realmente precisou de muita atenção — respondeu o menino.

— E que projeto é esse, que te deixa tão animado? Você fica sempre no seu quarto, sozinho, gostaríamos muito de saber o motivo dessa mudança tão boa!

— Vocês querem saber, realmente? — questionou Álvaro.

Então, os pais do menino entenderam que estavam realmente se comunicando muito pouco em casa. Conversaram sobre suas ausências e a necessidade de trabalhar, afinal era o que eles sabiam fazer e o que garantia o bem-estar da família. Então, Álvaro contou sobre o projeto na escola e todos prometeram conversar mais uns com os outros e contar sobre seus dias.

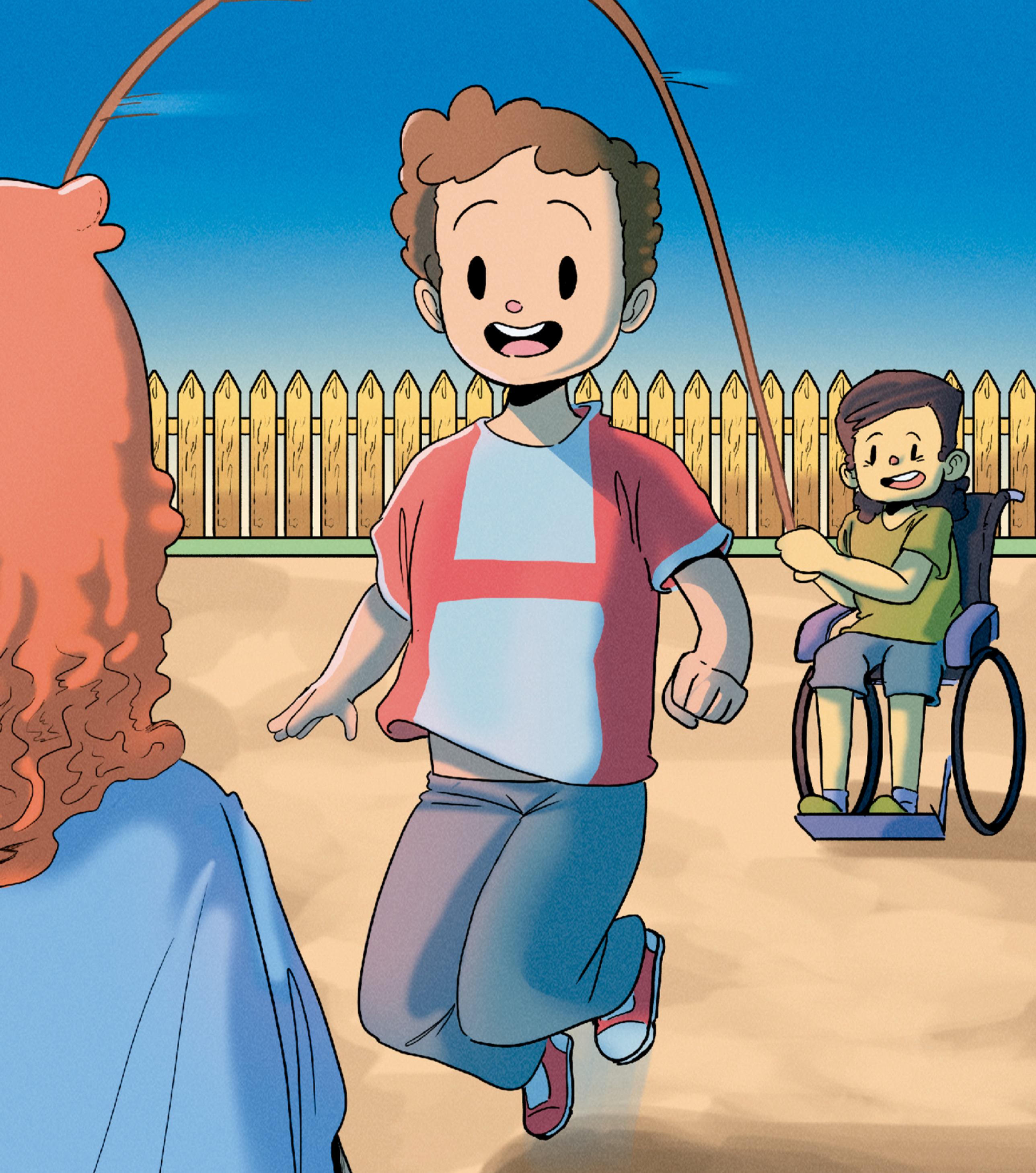
Assim, Álvaro criou coragem para convidar os pais para o lançamento do filme. No grande dia, eles estavam lá, orgulhosos, na primeira fila. O filme ficou realmente muito bom, e os alunos e professores

envolvidos foram aplaudidos de pé. Álvaro sentiu uma sensação única em receber atenção por ter desenvolvido um trabalho bom e percebeu que não era preciso rir dos outros para ser considerado uma pessoa legal.

Com suas atitudes, Álvaro demonstrou estar disposto a ser um colega muito mais gentil. As brincadeirinhas que aconteciam antes pararam de existir e todos nós passamos a ver o Álvaro sem medo, mas com muito respeito. Depois de alguns anos encontrei Álvaro novamente e hoje ele é um grande cineasta, como não havia dúvidas que seria.

Sobre o Autor

Janine da Rosa Noronha é aluna de Administração, tem 24 anos e é natural de São Vicente do Sul - RS.



Como qualquer Criança

Por Raylla Eloisa dos Santos Lima e Teila Maquiele Alves

Alícia e Bernardo viviam em uma cidadezinha no interior do Rio Grande do Sul, eles eram vizinhos, colegas e melhores amigos. Gostavam da vida no interior, do ar fresco e de toda tranquilidade que a cidadezinha oferecia. Porém, a pequenas escola do interior onde eles estudavam acabou fechando, e eles começariam a estudar numa escola maior, na cidade. Uma semana antes das aulas começarem, Alícia e Bernardo estavam felizes arrumando seus materiais, quando Alícia perguntou se o amigo estava ansioso para às aulas. Bernardo respondeu que sim, pois realmente gostava muito de estudar e aprender, embora imaginasse que passaria os intervalos apenas olhando as outras crianças brincarem, por causa de sua cadeira de rodas.

Os dias foram passando e o momento tão esperado chegou. Bernardo e Alícia acordaram cedo, se arrumaram e logo em seguida o ônibus chegou para buscá-los. Como era o primeiro dia de aula, não sabiam em que sala ficariam. Mas logo a professora foi receber os amigos e tranquilizá-los: "Vocês ficarão na mesma sala", disse ela.

Na porta da sala, apresentou as crianças ao restante da turma:

— Esses são Alicia e Bernardo, os novos colegas de vocês! Espero que vocês os ajudem a se localizarem na escola e que sejam gentis e agradáveis, como sempre.

Quando a professora acabou de falar, um coleguinha se prontificou:

— Claro, professora! Alícia e Bernardo vocês podem passar o recreio comigo, que vou lhes mostrar toda a escola!

No intervalo, Alícia, Bernardo e o colega Bruno estavam no pátio da escola conversando, quando chegou Lucas e perguntou para os colegas se queriam brincar de pular corda.

— Vamos brincar com as outras crianças, depois vocês conhecem a escola!

Bernardo ficou extremamente triste com a proposta de Lucas, pois se sentiu excluído. Os amiguinhos dele, percebendo a reação, agradeceram o convite de Lucas, mas falaram que iriam jogar uno ou xadrez, porque era algo que Bernardo poderia participar.

Lucas, espantado, então falou:

— Mas que história é essa? É claro que Bernardo pode brincar de corda conosco!

— Lucas, a minha cadeira de rodas não me deixa brincar como as outras crianças... — falou Bernardo, ainda chateado.

— Claro que você não pode brincar COMO as outras crianças, mas pode brincar das mesmas coisas, só que adaptando... aprendi com a minha mãe que podemos fazer o que quisermos, apenas sabendo ver o lado bom de cada situação!

Então, Lucas explicou que sua mãe vivia nas mesmas condições que Bernardo, usando cadeiras de rodas. Mesmo assim, era uma ótima mãe, trabalhava fora de casa e, ainda, dividia todas as tarefas domésticas com ele e seu pai.

— Bernardo, eu tenho certeza que você é forte assim como minha mãe, pode superar todos os obstáculos da vida! Vamos começar brincando de corda?

Alícia e Bruno acompanharam toda a conversa, muito animados. Assim, insistiram para que ele ao menos tentasse participar das brincadeiras com a turma, pois todos estavam ali para ajudá-lo. Os colegas acharam uma maneira de conseguir incluir Bernardo em todas as brincadeiras e Bernardo nunca mais pensou em recusar um jogo sem antes tentar participar.

De longe, a professora observou Bernardo brincando com os colegas novos e sentiu muito orgulho de toda a turma e, principalmente, de ver como as crianças conseguiram resolver com naturalidade situações que os adultos, por vezes, fazem parecer tão difícil.

Sobre o Autor

Raylla Eloisa dos Santos Lima é aluna de Direito, tem 19 anos e é natural de Salto do Jacuí - RS.

Teila Maquiele Alves é aluna de Direito, tem 20 anos e é natural de Salto do Jacuí - RS.

FUNDAÇÃO
ANTONIO MENEGHETTI

PESQUISA CIENTÍFICA HUMANISTA
CULTURAL EDUCACIONAL

ISBN 978-85-68901-26-7

9 788568 901267

Ilustrações internas